



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

Carolayne Loch Hinghaus

Políticas linguísticas para promoção das línguas alemãs em Águas Mornas:
problematizações a partir da ótica da comunidade de falantes

Florianópolis

2024

Carolayne Loch Hinghaus

**Políticas linguísticas para promoção das línguas alemãs em Águas Mornas:
problematizações a partir da ótica da comunidade de falantes**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra em Linguística.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Cristine Görski Severo.

Florianópolis

2024

Hinghaus, Carolayne Loch

Políticas linguísticas para promoção das línguas alemãs em Águas Mornas: problematizações a partir da ótica da comunidade de falantes / Carolayne Loch Hinghaus ; orientadora, Cristine Gorski Severo, 2024.

166 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Florianópolis, 2024.

Inclui referências.

1. Linguística. 2. Políticas Linguísticas. 3. Línguas Alemãs de Imigração. 4. Promoção das Línguas Alemãs. 5. Águas Mornas. I. Severo, Cristine Gorski. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Linguística. III. Título.

Carolayne Loch Hinghaus

Políticas linguísticas para promoção das línguas alemãs em Águas Mornas:
problematizações a partir da ótica da comunidade de falantes

O presente trabalho em nível de Mestrado foi avaliado e aprovado, em 21 de junho de 2024,
pela banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof.(a) Mônica Maria Guimarães Savedra, Dr.(a)
Universidade Federal Fluminense

Prof.(a) Elaine Cristina Roschel Nunes, Dr.(a)
Universidade Federal de Santa Catarina

Certificamos que esta é a versão original e final do trabalho de conclusão que foi julgado
adequado para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Coordenação do Programa de Pós-Graduação

Prof.(a) Cristine Görski Severo, Dr.(a)
Orientadora

Florianópolis, 2024.

À vó Luzia e ao vô Beati (in memoriam).

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar meus sinceros agradecimentos a todas as pessoas que contribuíram para a realização deste trabalho.

Primeiramente gostaria de agradecer a minha orientadora, professora Cristine Görski Severo, por toda a ajuda, sugestões e direcionamentos nesse processo.

Agradeço também às professoras e aos professores, tanto da pós-graduação em linguística, quanto da área de alemão, com os quais pude aprender muito ao longo desses anos na UFSC. Em especial à professora Elaine Roschel, pelo seu constante apoio e incentivo e à professora Ina Emmel por me apresentar ao fascinante campo da Linguística.

À banca de qualificação, composta pelas professoras Elaine Roschel e Monica SAVEDRA, pelas valiosas sugestões e apontamentos fornecidos, fundamentais para o aprimoramento deste trabalho.

Aos participantes da pesquisa, cuja colaboração e disposição em responder ao questionário e compartilhar suas experiências foram essenciais para a realização deste trabalho. Sem a sua participação, este estudo não seria possível.

À minha irmã, Camila Loch Hinghaus, pelas leituras e sugestões.

Por fim, expresso meu agradecimento à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela concessão da bolsa de estudos de mestrado.

Und es gibt Hundert doch

Ein Kind ist aus hundert gemacht,
Ein Kind hat hundert Sprachen,
hundert Hände,
hundert Gedanken,
hundert Weisen zu denken,
zu spielen, zu sprechen.
Hundert, immer hundert Weisen
Zu hören, zu staunen, zu lieben.
Hundert Freuden
zum Singen,
zum Verstehen.
Hundert Welten zu entdecken,
hundert Welten zu erfinden,
hundert Welten zu träumen.
Ein Kind hat hundert Sprachen,
(und noch hundert und hundert,...)
aber neunundneunzig werden ihm geraubt.
Die Schule und die Kultur
trennen ihm den Geist vom Leib. Man sagt ihm, es soll
ohne Hände denken,
ohne Kopf handeln,
nur hören und nicht sprechen,
ohne Freuden verstehen,
nur Ostern und Weihnachten
staunen und lieben.
Man sagt ihm, es soll
die schon bestehende Welt entdecken.
Und von hundert Welten
werden ihm neunundneunzig geraubt.
Man sagt ihm, dass
Spiel und Arbeit,
Wirklichkeit und Fantasie,
Wissenschaft und Vorstellungskraft,
Himmel und Erde,
Vernunft und Träume Dinge sind,
die nicht zusammenpassen.
Ihm wird also gesagt,
dass es Hundert nicht gibt.
Ein Kind aber sagt:
„Und es gibt Hundert doch.“

(Malaguzzi *apud* Krumm, 2021, p.11)

RESUMO

A presente pesquisa foi conduzida em Águas Mornas – SC, município com forte colonização germânica no século XIX. Constatou-se que quase 50% da população participante da pesquisa utiliza alguma língua alemã no cotidiano, predominantemente de forma oral, com poucos sabendo ler e escrever no idioma. Podemos citar a Campanha de Nacionalização do governo Vargas, que proibiu o uso de línguas de imigração, como ação que contribuiu significativamente para a predominância apenas do uso oral dessas línguas. Situado no âmbito de Políticas Linguísticas, este estudo tem por objetivo geral propor questionamentos, à luz da visão de falantes de línguas alemãs no município de Águas Mornas, com relação à necessidade ou não de intervenção institucional para a promoção das línguas em questão. A fim de alcançar tal objetivo, a pesquisa compreende: pesquisa bibliográfica; análise documental; elaboração e aplicação de questionários sociolinguísticos; entrevistas com falantes de línguas alemãs; e discussões e reflexões sobre políticas linguísticas que são vigentes ou que poderiam ser implementadas em Águas Mornas, considerando a sua real necessidade para a comunidade local. “Línguas alemãs” foi o termo adotado para fazer menção às diferentes variedades do alemão presentes no município, terminologia preconizada por Altenhofen e Morello (2022). Por fim, são apresentados dados quantitativos e qualitativos a respeito da realidade linguística do município. Podemos adiantar aqui, que o uso de línguas alemãs no local é maior na área rural e que fatores como idade e religião desempenham um papel crucial na manutenção e na vitalidade dessas línguas. A população participante da pesquisa, em sua maioria, reconhece a importância de políticas públicas que envolvam as línguas alemãs na comunidade. Em suma, a pesquisa enfatiza a urgência de ações para preservar e fortalecer a diversidade linguística e cultural de Águas Mornas.

Palavras-chave: Políticas Linguísticas, Línguas Alemãs de Imigração, Promoção das Línguas Alemãs, Águas Mornas.

ABSTRACT

The present research was conducted in Águas Mornas – SC, a municipality with strong German colonization in the 19th century. It was found that nearly 50% of the population participating in the study uses a German language in their daily lives, predominantly in spoken form, with few being able to read and write in the language. The Nationalization Campaign of the Vargas government, which prohibited the use of immigrant languages, can be cited as a significant factor contributing to the predominance of only oral use of these languages. Situated within the scope of Language Policy, this study aims to propose questions from the perspective of German language speakers in Águas Mornas regarding the need for institutional intervention to promote these languages. To achieve this objective, the research includes: bibliographic research; document analysis; the creation and application of sociolinguistic questionnaires; interviews with German language speakers; and discussions and reflections on existing or potentially implementable language policies in Águas Mornas, considering the real needs of the local community. "German languages" was the term adopted to refer to the different variants of German present in the municipality, a terminology advocated by Altenhofen and Morello (2022). Finally, quantitative and qualitative data regarding the linguistic reality of Águas Mornas are presented. We can anticipate here that the use of German languages in the area is more prevalent in rural regions and that factors such as age and religion play a crucial role in the maintenance and vitality of these languages. The majority of the survey participants recognize the importance of public policies involving German languages within the community. In summary, the research emphasizes the urgency of actions to preserve and strengthen the linguistic and cultural diversity of Águas Mornas.

Keywords: Language Policies, German Immigration Languages, Promotion of German Languages, Águas Mornas.

ZUSAMMENFASSUNG

Die folgende Forschung wurde in Águas Mornas – SC, einer Gemeinde mit starker deutscher Kolonisation im 19. Jahrhundert, durchgeführt. Es wurde festgestellt, dass fast 50% der an der Studie teilnehmenden Bevölkerung im Alltag eine deutsche Sprache verwenden, vorwiegend mündlich, wobei nur wenige die Sprache lesen und schreiben können. Wir können die Nationalisierungskampagne der Regierung Vargas, die den Gebrauch von Einwanderungssprachen verbot, als eine Maßnahme nennen, die wesentlich zur ausschließlichen mündlichen Verwendung dieser Sprachen beitrug. Diese Studie, die im Bereich der Sprachpolitik angesiedelt ist, hat das allgemeine Ziel, Fragen aus der Sicht der Sprecher deutscher Sprachen in der Gemeinde Águas Mornas zu stellen, in Bezug auf die Notwendigkeit einer institutionellen Intervention zur Förderung dieser Sprachen. Um dieses Ziel zu erreichen, umfasst die Forschung: bibliografische Recherche; Dokumentenanalyse; Erstellung und Anwendung soziolinguistischer Fragebögen; Interviews mit Sprechern deutscher Sprachen; sowie Diskussionen und Reflexionen über bestehende oder potenziell umsetzbare Sprachpolitiken in Águas Mornas, unter Berücksichtigung des tatsächlichen Bedarfs der lokalen Gemeinschaft. „Deutsche Sprachen“ war der Begriff, der verwendet wurde, um auf die verschiedenen Varianten des Deutschen im Landkreis hinzuweisen, eine Terminologie, die von Altenhofen und Morello (2022) empfohlen wird. Schließlich werden quantitative und qualitative Daten zur sprachlichen Realität von Águas Mornas präsentiert. Wir können hier vorwegnehmen, dass der Gebrauch der deutschen Sprachen in der Region vor allem in ländlichen Gebieten verbreitet ist und dass Faktoren wie Alter und Religion eine entscheidende Rolle bei der Erhaltung und Vitalität dieser Sprachen spielen. Die Mehrheit der an der Umfrage teilnehmenden Bevölkerung erkennt die Bedeutung von öffentlichen Politiken an, die die deutschen Sprachen in der Gemeinschaft einbeziehen. Zusammenfassend betont die Untersuchung die Dringlichkeit von Maßnahmen zur Erhaltung und Stärkung der sprachlichen und kulturellen Vielfalt von Águas Mornas.

Schlüsselwörter: Sprachpolitik, Deutschsprachige Einwanderungssprachen, Förderung der deutschen Sprachen, Águas Mornas.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Localização de Águas Mornas	19
Figura 2 - Prefeitura de Águas Mornas	21
Figura 3 - Posto de Saúde Central de Águas Mornas	21
Figura 4 - Livro infantil distribuído pela Igreja Luterana.....	28
Figura 5 - Recorte de notícia de 1975	29
Figura 6 – Grupos de variedades do alemão e suas disposições geográficas.....	35
Figura 7 – Divulgação da pesquisa.	46

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Percentual de indivíduos que falam e compreendem bem o alemão por faixa etária.....	59
Tabela 2 - Percentual de indivíduos que falam e compreendem bem o alemão por localidade	60

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Distribuição das localidades de Águas Mornas.	20
Quadro 2 – Distribuição de famílias na colônia Theresópolis em 1868 e 1902.	27
Quadro 3 – Perguntas norteadoras da entrevista.....	47
Quadro 4 – Moradia dos informantes, cujos pais e avós utilizam apenas o português.	55
Quadro 5 – Dados dos informantes contrários ao ensino de alemão nas escolas municipais.	57
Quadro 6 - Dados dos entrevistados.....	62
Quadro 7 – Sistema de transcrição das entrevistas.	63
Quadro 8 - Percepções dos entrevistados sobre as línguas alemãs em Águas Mornas.	64
Quadro 9 – Diferenças lexicais elencadas pelos entrevistados.....	65

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1– Número de participantes por bairro.....	51
Gráfico 2 – Faixa etária dos participantes da pesquisa	52
Gráfico 3 – Línguas utilizadas no contexto familiar	53
Gráfico 4 – Habilidades linguísticas dos informantes em língua alemã.....	54
Gráfico 5 – Uso de alemão e português por geração.....	55
Gráfico 6 – Caracterização da língua alemã segundo opinião dos participantes.	56
Gráfico 7 – Escolaridade da população que declarou dominar bem as habilidades orais do alemão.....	58
Gráfico 8 – Idade da população que afirmou dominar bem as habilidades orais do alemão.	59

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	16
2	CARACTERIZAÇÃO DO AMBIENTE DE PESQUISA	19
2.1	ASPECTOS GEOGRÁFICOS E DEMOGRÁFICOS.....	19
2.2	ECONOMIA	20
2.3	EDUCAÇÃO	22
2.4	IMIGRAÇÃO GERMÂNICA EM ÁGUAS MORNAS	23
2.5	AS LÍNGUAS ALEMÃS DE IMIGRAÇÃO	29
3	DEFINIÇÕES TERMINOLÓGICAS	33
4	INSTRUMENTOS DA PESQUISA	43
4.1	PESQUISA BIBLIOGRÁFICA	43
4.2	ANÁLISE DOCUMENTAL.....	43
4.3	LEVANTAMENTO SOCIOLINGUÍSTICO	44
4.4	ENTREVISTAS COM FALANTES DE LÍNGUAS ALEMÃS	46
5	APRESENTAÇÃO DO MATERIAL EMPÍRICO: ANÁLISES E REFLEXÕES 49	
5.1	POLÍTICAS LINGUÍSTICAS EM ÁGUAS MORNAS.....	49
5.2	QUESTIONÁRIOS	50
5.3	ENTREVISTAS.....	61
5.3.1	Perfil dos entrevistados	61
5.3.2	Transcrição dos áudios.....	63
5.3.3	Autodenominação linguística.....	63
5.3.4	Relatos sobre a proibição do alemão	66
5.3.5	Preservação das línguas alemãs.....	68
6	PROPOSTAS DE POLÍTICAS LINGUÍSTICAS	70
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	73
	REFERÊNCIAS	76
	ANEXO A – QUESTIONÁRIO SOCIOLINGUÍSTICO – COMUNIDADE ESCOLAR	83
	ANEXO B – QUESTIONÁRIO SOCIOLINGUÍSTICO – COMUNIDADE GERAL	86
	ANEXO C – FICHA DO/A ENTREVISTADO/A	88
	ANEXO D – TRANSCRIÇÕES	89

1 INTRODUÇÃO

No século XIX, o Brasil atraiu imigrantes de diferentes nacionalidades europeias, como alemães, poloneses e italianos, os quais foram direcionados principalmente para o sul do país (Patarra; Fernandes, 2011). Tendo isso em vista, a presente pesquisa se dá em Águas Mornas, cidade do interior de Santa Catarina, com aproximadamente 97% da população com origem germânica, segundo dados da prefeitura municipal (Águas Mornas, s/d). Línguas alemãs ainda se fazem presentes no dia a dia de muitas famílias águas-mornenses (Hinghaus, 2019), porém seu uso pode estar diminuindo, uma vez que as línguas minoritárias vêm correndo risco de extinção (Spinassé, 2016). Segundo Hinghaus (2019), devido às diferentes regiões das quais partiram os imigrantes direcionados a Águas Mornas, e, conseqüentemente, às diferentes línguas alemãs usadas por esses imigrantes, além da falta de estudos mais aprofundados sobre as línguas alemãs utilizadas no município, não é possível, ainda, afirmar quais línguas alemãs são utilizadas na comunidade.

Acontecimentos como a Campanha de Nacionalização¹, durante o governo de Getúlio Vargas, com a proibição das línguas de imigração, por exemplo, acabaram contribuindo para o processo de supressão dessas línguas e, atualmente, muitas delas correm o risco de serem extintas², como parece ser o caso das línguas alemãs em Águas Mornas, onde o uso do português se faz cada vez mais presente (Hinghaus, 2019). Segundo Campos (2006), há indícios de que o português vem ocupando cada vez mais o espaço anteriormente ocupado pelas línguas alemãs, conforme será visto nesta pesquisa.

De acordo com Spinassé (2016), o processo de extinção, não só do alemão como língua brasileira de imigração, mas das línguas minoritárias³ como um todo, pode estar acelerando e parece não haver o emprego de políticas públicas para reverter essa situação. Por essa razão, faz-se cada vez mais necessário pensar em políticas linguísticas para dar maior visibilidade a esse cenário e desencadear discussões a esse respeito. No Brasil, discussões e reflexões sobre políticas

¹ Veja mais na seção 2.5.

² Na presente pesquisa, com base na visão da UNESCO (2011, p. 6), por língua extinta entende-se uma língua sem falantes remanescentes.

³ Este conceito é apresentado na seção 3.

linguísticas em âmbito nacional se fazem necessárias, pois, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no ano de 2010, 274 línguas eram faladas por indígenas, o que atesta a realidade plurilíngue do país. No território brasileiro também se fazem presentes línguas de imigração, de sinais e de algumas comunidades afro-brasileiras, as quais correm o risco de desaparecer (Cardoso, 2016).

Em meio nacional, apenas o português é considerado idioma oficial (BRASIL, 1988)⁴, porém há cidades que reconhecem algumas línguas minoritárias como cooficiais na esfera municipal. Atualmente, segundo o Repositório Brasileiro de Legislações Linguísticas, são 71 municípios brasileiros que possuem uma ou mais línguas cooficiais, num total de 40 línguas cooficializadas⁵. É o caso, no estado de Santa Catarina, de Antônio Carlos, por exemplo, onde está em vigor a Lei- nº 132/2010⁶, que institui o *Hunsrückisch* como língua cooficial do município. Em Pomerode (SC), por outro lado, o alemão não recebeu status de oficial, mas de idioma complementar e secundário do município⁷. A oscilação dessas designações na esfera legislativa revela uma visão um tanto nebulosa por parte dos legisladores, uma vez que tais ações se reverberam apenas nas esferas municipais, sem muito amparo e apoio dos âmbitos estadual e federal.

O reconhecimento dessas línguas através de leis é um exemplo de política linguística existente para que as línguas, não só de imigração, mas as minoritárias como um todo, não caiam em desuso/esquecimento.

A presente pesquisa tem por objetivo geral analisar, a partir da perspectiva dos falantes de línguas alemãs de Águas Mornas, a necessidade ou não de intervenção para promoção das línguas alemãs no município. Considerando que a intervenção constitui um dos pilares das políticas e planejamentos linguísticos, entendo que ela deve estar em sintonia com a demanda e a realidade vivida pela comunidade. Por isso, a intervenção, com todas as implicações que ela apresenta,

⁴ A Constituição Federal determina, em seu art. 13: “A língua portuguesa é o idioma oficial da República Federativa do Brasil” (Brasil, 1988).

⁵ A relação completa de municípios e línguas cooficializadas está disponível em: <https://direitolinguistico.com.br/repositorio/s/rbll/page/home> Acesso em: 25 fev. 2024.

⁶ “Parágrafo Único – Fica instituído o Hunsrückisch como língua co-oficial no Município de Antônio Carlos” (Antônio Carlos, 2010).

⁷ Lei nº 2251, de 1º de setembro de 2010. “Art. 1º Fica instituída a língua alemã como o idioma secundário e complementar no Município de Pomerode, inteiramente respeitada a língua portuguesa, como a língua oficial do Brasil” (Pomerode, 2010).

deve reverberar as práticas e interesses locais. Assim, parto do princípio de que “as políticas linguísticas mais sadias e robustas sempre têm como partícipes e como alvo os cidadãos” (Rajagopalan, 2013, p. 37).

Os objetivos específicos incluem: realizar um levantamento inicial das políticas locais que estabelecem relação com elementos culturais e linguísticos de origem germânica no município; levantar dados sobre o uso de línguas alemãs no município de Águas Mornas; investigar sobre a nomeação/autodenominação⁸ que os falantes dão a sua língua; e analisar e problematizar a relação entre as línguas alemãs e seus falantes, bem como o papel que essas línguas ocupam atualmente na comunidade.

Investigar a autodenominação que os falantes dão a sua língua é significativo, pois reflete não apenas nuances linguísticas, mas também as percepções culturais e identitárias dos falantes.

Em termos metodológicos, a primeira etapa deste estudo consistiu na realização de um levantamento inicial das políticas locais que se relacionam com questões culturais e linguísticas de origem germânica, por meio de pesquisa documental. Posteriormente, foi realizado um levantamento sobre o uso de línguas alemãs em diferentes regiões do município, através de um questionário sociolinguístico destinado à comunidade águas-mornense. A terceira etapa apoiou-se em uma entrevista com falantes de línguas alemãs, com intuito de analisar e problematizar aspectos políticos/linguísticos/sociais/culturais, como a visão dos falantes com relação às línguas alemãs que utilizam e em que medida entendem ser necessária a intervenção para promoção/valorização dessas línguas. Assim, após a análise dos dados coletados, algumas inferências são levantadas a respeito do cenário estudado: a porcentagem aproximada de falantes de línguas alemãs no município; a localização geográfica dos falantes dentro do município; e o cenário sociolinguístico de uso das línguas alemãs na cidade. A pesquisa avalia a necessidade ou não de intervenção para promoção das línguas alemãs no local e propõem sugestões possíveis de intervenção. Por fim, são apontadas possibilidades de continuação da pesquisa linguística no município.

⁸ Citando o Guia de pesquisa e documentação para o Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL): “[c]ompreende-se por autodenominação aquela que a comunidade linguística usualmente utiliza para se referir à língua de referência, o que pode ser diferente da denominação do grupo social” (IPHAN, 2016b, p. 26).

2 CARACTERIZAÇÃO DO AMBIENTE DE PESQUISA

Neste capítulo, apresento uma breve caracterização do ambiente de pesquisa, composta por dados geográficos, demográficos e educacionais, bem como um panorama da imigração germânica em Águas Mornas e as línguas alemãs presentes na comunidade.

2.1 ASPECTOS GEOGRÁFICOS E DEMOGRÁFICOS

O município de Águas Mornas está localizado na Região da Grande Florianópolis, a aproximadamente 36 quilômetros (Águas Mornas, s/d) da capital catarinense. A população estimada de Águas Mornas no ano de 2022, segundo dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), era de 6743 habitantes. Águas Mornas conta com uma área de 326,660 km²(IBGE, 2022).

Figura 1 - Localização de Águas Mornas



Fonte: ABREU, 2006.

Águas Mornas possui seis municípios limítrofes, sendo eles Angelina, Anitápolis, Rancho Queimado, Santo Amaro da Imperatriz, São Bonifácio e São Pedro de Alcântara, os quais também contaram com a imigração germânica na ocupação de seus territórios.

Com base nos dados fornecidos pela prefeitura municipal, no ano de 2024, constata-se que 92,43% da extensão territorial do município é classificada como área rural, enquanto apenas 7,57% pertencem ao perímetro urbano. No quadro abaixo, apresento a distribuição das localidades de Águas Mornas, distintas entre área rural e área urbana, de acordo com o disposto no plano diretor municipal (conforme Quadro 1).

Quadro 1 – Distribuição das localidades de Águas Mornas.

Localidades pertencentes à zona rural	Localidades pertencentes à zona urbana
Fazenda de Lourdes	Centro
Linha Bauer	Fazenda do Sacramento
Segunda Linha	Fazenda da Ressurreição
Terceira Linha	Vila Nova
Loeffelscheidt	Vargem Grande
Santa Isabel	Santa Cruz da Figueira
Rio Gaspar	
Teresópolis	
Rio Miguel	
Rio Antinhas	
Rio do Cedro	
Rio Cubatão	
Rio dos Porcos	
Rio Novo	
Rio Salto	

Fonte: elaboração própria.

2.2 ECONOMIA

A economia de Águas Mornas está baseada principalmente na agricultura, avicultura e turismo. Na agricultura, há destaque para a produção de milho, feijão e mandioca (SECOM, 2014). Já o turismo se dá em duas esferas, o rural, o qual conta com chalés e cachoeiras exuberantes, e o urbano, voltado principalmente às águas termais, as quais brotam a uma temperatura de 39°C e estão classificadas entre as melhores do mundo. O “poder” das águas termais vem sendo cada vez mais

indicado por médicos para o tratamento de inúmeras doenças (O Poder, 2023), tornando, assim, os locais que contam com tal riqueza, cada vez mais atrativos.

A administração municipal passou a investir, nos últimos anos, na recuperação da identidade/cultura germânica através de prédios públicos em estilo arquitetônico enxaimel, forma encontrada para homenagear os descendentes de imigrantes germânicos e também de fortalecer o turismo no município (Águas Mornas, 2010). Desde 2015, com a reforma do centro administrativo, os novos prédios públicos passaram a ser construídos em estilo germânico, como podemos observar na Figura 2 e na Figura 3.

Figura 2 - Prefeitura de Águas Mornas



Fonte: Página da Prefeitura municipal no Facebook.

Figura 3 - Posto de Saúde Central de Águas Mornas



Fonte: Página da Prefeitura municipal no Facebook.

O turismo desempenha um papel importante na preservação e promoção do patrimônio cultural e natural de uma região. Os locais que possuem um valor cultural, como monumentos históricos, paisagens naturais e festivais tradicionais, muitas vezes atraem visitantes interessados em explorar e vivenciar essas experiências. Veremos no decorrer da pesquisa como a paisagem linguística (Shohamy; Gorter, 2009) local é afetada pelo turismo, a exemplo do uso de termos e expressões em língua alemã em festividades, pratos típicos e eventos culturais.

2.3 EDUCAÇÃO

Nos últimos anos, Águas Mornas vem se tornando referência em educação (Referência, 2019), tanto na Região da Grande Florianópolis, da qual faz parte, quanto no estado de Santa Catarina como um todo. Segundo dados do Ministério da Educação, a rede municipal de Águas Mornas alcançou média 7,0 no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) no ano de 2021, ocupando, assim, a primeira posição na Grande Florianópolis e a décima sexta no estado (MEC, 2022).

A taxa de analfabetismo da população com 15 anos ou mais de idade, segundo dados do IBGE (2010), é de 5,8%. Porém, quando falamos de analfabetismo funcional, a taxa salta para 34,7%, na mesma faixa etária.

Atualmente, Águas Mornas conta com seis unidades de ensino, sendo 2 escolas estaduais de ensino fundamental 2 e ensino médio, 2 escolas municipais de ensino fundamental 1 e 2 centros de educação infantil, totalizando 1362 alunos matriculados no ano de 2023⁹.

Segundo dados da Secretaria de Educação, a Rede de Ensino de Águas Mornas possui 100% de seus professores com nível superior, e investe na formação continuada desses profissionais, oferecendo no mínimo 40h de curso por ano, sempre atrelados à prática de ensino. São oferecidos também serviços de apoio pedagógico, atendimento educacional especializado e atendimento psicológico. Para isso, o município conta com uma equipe de especialistas (neuropediatra, psicopedagoga, neuropsicóloga) para avaliação e acompanhamento de estudantes deficientes. No entanto, todo o atendimento prestado à população do município,

⁹ Dados fornecidos pela Secretaria Municipal de Educação, para os fins desta pesquisa.

incluindo serviços essenciais, é realizado exclusivamente em português, o que muitas vezes causa problemas de compreensão para os munícipes que têm o português como segunda língua.

Sobre o ensino de alemão, a título de exemplo, a Escola de Educação Básica Conselheiro Manoel Philippi, da rede estadual de ensino, oferece o ensino de alemão na grade escolar. Para alunos dos anos finais do ensino fundamental, as aulas de alemão eram opcionais até o ano de 2022. No sexto ano, o/a aluno/a deveria optar por frequentar aulas de inglês ou alemão, e no ensino médio o ensino de ambas as línguas estrangeiras era obrigatório. Porém, com as alterações na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a língua alemã entrou em terminalidade no ensino fundamental a partir de 2023, sendo oferecida apenas aos alunos do ensino médio e aos alunos do ensino fundamental que optaram por cursar a língua alemã antes de 2023. Sendo assim, os alunos dos anos finais do ensino fundamental, que entraram a partir de 2023, cursam obrigatoriamente apenas a língua inglesa. Vejo tal medida como um retrocesso, pois limita a diversidade linguística e cultural dos alunos, restringindo suas oportunidades de aprendizagem e desenvolvimento em um idioma que faz parte de sua herança cultural, como é o caso em Águas Mornas. O inglês vem ocupando cada vez mais espaço em nossa sociedade e os alunos devem ter a oportunidade de aprender o idioma, porém tal oportunidade deveria se estender a outras línguas, até mesmo às não hegemônicas, sobretudo às línguas que possuem relação com a realidade escolar em específico, como o alemão, no caso de Águas Mornas e o espanhol, em regiões de fronteira, por exemplo.

2.4 IMIGRAÇÃO GERMÂNICA EM ÁGUAS MORNAS

No século XIX, o Brasil atraiu imigrantes de diferentes nacionalidades europeias, principalmente alemães e italianos, os quais foram direcionados, em sua maioria, aos estados da região sul do Brasil (Maltzahn, 2011, p. 60), ou seja, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Porém, a presente pesquisa foca na imigração germânica destinada à cidade de Águas Mornas, Santa Catarina, mais especificamente ao que se refere às línguas utilizadas na comunidade e suas implicações.

Os primeiros imigrantes chegaram a Santa Catarina no século XIX. Durante esse período, muitos imigrantes europeus, incluindo alemães, italianos e poloneses, vieram para o Brasil em busca de melhores oportunidades econômicas (Jochem, 1992, p. 18). A emigração foi bastante incentivada nos países de língua alemã, onde eram vinculados panfletos e músicas, a fim de encorajar a emigração (Tornquist, 1997, p. 6), como podemos observar no trecho de canção abaixo, divulgado nas aldeias da região do Hunsrück, na atual Alemanha¹⁰:

Hannes, Hannes zieh mit mir,
 Nach Brasilien wandern wir,
 In das Land so riesengroß,
 die Grumbiern wie ein Kopf so groß,
 Und jeden Tag schlacht man ein Schwein
 Und trinkt dabei den besten Wein.
 Für Pforten, Leber, Schweineköpf
 Sind viel zu klein die vielen Töpf.
 Drum Hannes, Hannes säume nicht,
 Das Schiff in Holland wartet nicht.
 Man schafft nicht dort um knappen Sold,
 Die Erde strotzet vor lauter Gold
 Es ist ein Stück vom Paradies,
 Das Gott den armen Menschen ließ,
 Die täglich flehn in tiefer Not
 Um ein kärglich Stücklein Brot.
 Dort gibt es keine Sorgenlast,
 und jeder findet Ruh und Rast.
 Oh Hannes, Hannes, säume nicht,
 verachte nicht des Glückes Licht.

(HANNES, 1850 *apud* Tornquist, 1997, p. 6)

Hannes, Hannes vem comigo,
 Nós vamos para o Brasil,
 Para uma terra formidável,
 As batatas, do tamanho de cabeças,
 Todo dia se mata um porco,
 E se bebe do melhor vinho.
 Para as patas, fígados e cabeças de porco,
 As muitas panelas são demasiado pequenas.
 Então Hannes, Hannes não se atrase,
 O navio na Holanda não espera.
 Lá não se trabalha por pouco dinheiro,
 A terra transborda de tanto ouro,
 É um pedaço do paraíso,
 Que Deus deixou para os pobres,
 Que todos os dias sofrem na pobreza,
 Por um mísero pedaço de pão.
 Lá não existe o peso da preocupação,
 E todos encontram tranquilidade e descanso.
 Hannes, Hannes não se atrase,
 Não despreze a luz da felicidade.

(Tradução minha¹¹)

Podemos observar, tanto nas referências de Tornquist (1997), quanto no arquivo de canções populares (*Volksliederarchiv*¹²), que havia muita propaganda do Brasil nos países de origem germânica, o que contribuiu para a vinda destes imigrantes para o Brasil¹³. Segundo Carrega (2019, p. 159), a propaganda que visava incentivar a imigração para o Brasil “era essencialmente ideológica, a qual entende-se ser bem distinta das concepções ligadas à publicidade que temos hoje em dia através dos mais diversos meios de comunicação”. Segundo Garcia (2002 *apud* Carrega 2019, p. 159), a propaganda ideológica tem como função “formar a

¹⁰ Disponível também na página *Volksliederarchiv* (Arquivo de canções populares). Disponível em: <https://www.volksliederarchiv.de/hannbrasilienes-nach--ziehn/> Acesso em: 24 abr. 2023.

¹¹ A tradução buscou manter o significado da canção original, sem se atentar à manutenção das rimas.

¹² Disponível em: <https://www.volksliederarchiv.de/> Acesso em: 28 abr. 2023.

¹³ Pelo fato da presente pesquisa se concentrar no que se diz respeito à imigração germânica para o Brasil e utilização das línguas alemãs por imigrantes e seus descendentes, não trataremos aqui das motivações da imigração de outros povos, como italianos e japoneses.

maior parte das ideias e convicções dos indivíduos e, com isso, orientar todo o seu comportamento social”, como podemos observar no exemplo apresentado anteriormente.

Após a Independência do Brasil, em 1822, o governo brasileiro iniciou um programa de colonização, o qual possuía dois objetivos básicos: (1) a ocupação de enormes áreas do interior que estavam “desabitadas” e; (2) o assentamento de trabalhadores brancos (Jochem, 2019). Assim, segundo Jochem (1992), toda a área catarinense situada entre o litoral e o planalto foi incorporada ao plano de imigração. Porém, “antes dessas ocupações pelos colonizadores as terras já eram habitadas pelos índios Laklãnõ/Xokleng e Kaingang, que as utilizavam para a caça e coleta de alimentos para seu sustento” (FERMINO, 2013, p. 5). Segundo Fermino (2013), inicialmente ocorreram conflitos entre indígenas e imigrantes motivados pelo medo do desconhecido. Com a chegada crescente de mais imigrantes, as disputas pela terra se intensificaram. No entanto, o autor ressalta que esses comportamentos não eram unânimes, havendo também contatos pacíficos entre os grupos.

Posteriormente à formação da colônia¹⁴ São Pedro de Alcântara, em 1829, a primeira do estado de Santa Catarina, iniciaram-se migrações internas, em busca de melhores terras. Foi então, em 1836, que onze famílias alemãs deixaram a colônia São Pedro de Alcântara e formaram a colônia Vargem Grande, atualmente situada em Águas Mornas (Jochem, 1992, p. 59).

Em 1847, com a chegada de 256 imigrantes oriundos do Hunsrück¹⁵ formou-se a colônia Santa Isabel¹⁶. Parte desses imigrantes povoou o “*Löffelscheiderberg*” (Morro dos Löffelscheidt), bairro atualmente pertencente a Águas Mornas e que ainda possui o mesmo nome, Löffelscheidt (Stoer, 1998). Com o passar dos anos, o número de habitantes foi aumentando e iniciou-se o povoamento das seis linhas de povoação: (1) Rancho Queimado, (2) Linha Scharf (Scharf Linie), (3) Rio Bonito, (4) Serro Chato¹⁷, (5) Taquaras e; (6) Segunda Linha (Zweite Linie). Tal povoamento se deu exclusivamente por imigrantes luteranos, oriundos de diferentes regiões da atual Alemanha (Stoer, 1998). A maior parte desses imigrantes veio diretamente da Alemanha e se dirigiu às linhas de povoamento, exceto aqueles destinados à

¹⁴ Por colônia entende-se, na presente pesquisa, o local ou região povoada por imigrantes e na qual fixaram residência.

¹⁵ Hunsrück é uma região localizada no estado de Rheinland-Pfalz, no sudoeste da Alemanha.

¹⁶ Atualmente localizada nos municípios de Águas Mornas e Rancho Queimado.

¹⁷ Também conhecido como Morro Chato.

Segunda Linha. Estes já estavam há mais tempo no Brasil, trabalhando nas grandes fazendas de café em Minas Gerais e no Rio de Janeiro, sob forte sol tropical, com o qual não estavam habituados. O detalhamento das regiões de origem dos imigrantes destinados a Águas Mornas se faz necessário, pois esses imigrantes trouxeram consigo as línguas específicas de sua região de origem, sendo assim, importantes para a presente pesquisa, a qual foca em aspectos linguístico-culturais.

É importante destacar que o município de Águas Mornas não recebeu apenas imigrantes que optaram por uma nova pátria. De acordo com Steiner (2022), com o início das revoluções nos países germânicos, a situação social tornou-se ainda mais complicada. No vilarejo de Böhlen, conhecido por sua produção de tecidos, a maioria das casas possuía um tear. No entanto, após perderem seus empregos, devido à industrialização, os tecelões iniciaram protestos que se estenderam por anos. Em 1851, foi necessária a intervenção militar para tentar conter essas manifestações.

Tais tumultos culminaram com a deportação forçada de um grupo de 154 pessoas no dia 8 de março de 1852. Um representante da comunidade foi encarregado de acompanhar o grupo na viagem de quatro dias até Hamburgo e se certificar do embarque nos navios que os transportariam para o Brasil. (Steiner, 2022, p. 6)

Segundo Steiner (2022), após a chegada ao Brasil, os imigrantes forçados foram obrigados a trabalhar em fazendas de café no estado do Rio de Janeiro para pagarem suas despesas de viagem¹⁸. Nos primeiros meses de 1860, após aproximadamente oito anos de trabalho forçado, esses imigrantes quitaram suas dívidas e se tornaram brasileiros naturalizados, iniciando, então, as cobranças junto ao governo pelas terras prometidas a eles. No final de 1860, os *Kaffeepflücker*¹⁹, como ficaram conhecidos, iniciaram o processo de migração interna, deixando as fazendas de café no Rio de Janeiro. Dentre os destinos escolhidos, podemos citar a colônia Santa Isabel.

Os terrenos destinados para recebê-los ficavam na expansão da colônia Santa Isabel para o oeste, abrangendo comunidades da Segunda, Terceira e Quarta Linhas que inclui partes dos atuais municípios de Águas Mornas, Angelina, Rancho Queimado e São Pedro de Alcântara. (STEINER, 2022, p. 31).

Posteriormente, no ano de 1860, foi fundada a terceira e última colônia no município de Águas Mornas, a colônia Theresópolis. Esse nome foi escolhido como

¹⁸ Segundo Steiner (2022), não apenas os tecelões deportados foram obrigados a trabalhar nas plantações de café.

¹⁹ Colhedores de café.

forma de homenagear a Imperatriz Teresa Cristina, a qual havia visitado as águas termais, hoje chamadas de Caldas da Imperatriz, na cidade de Santo Amaro da Imperatriz, quinze anos antes (Jochem, 1992, p. 132).

Em junho de 1860, quarenta famílias Westfalianas foram destinadas à colônia Theresópolis, após trabalharem por onze anos em fazendas de café no Rio de Janeiro. Segundo Jochem (1992), em 1863, a população se aproximava dos 1500 habitantes, sendo 392 famílias. Cada família ocupava um lote com 100 braças de frente por 500 de fundos (Jochem, 1992). Convertendo para as unidades de medida atuais, seria o equivalente a aproximadamente 17 hectares. Porém, por se tratar de uma região montanhosa e devido às condições climáticas do local, a plantação de algodão e café, por exemplo, não prosperou, como podemos observar no relato de Alberto Probst, morador da colônia Theresópolis da época²⁰:

[é] do conhecimento de todos que a colônia Theresópolis, em toda a sua extensão, se constitui de péssima terra, onde somente milho, feijão, batatas e mandioca podem ser cultivados, e isto também em quantidade reduzida. [...] Devido à má qualidade da terra, a mesma foi doada em 1868 pelo governo imperial aos emigrantes. Mas, infelizmente, nada receberam por escrito a este respeito, e hoje apresenta-se o governo estadual, e exige um enorme preço pela mesma. Certamente não receberá o dinheiro, pois ele não existe. (Jochem, 1992, p. 146).

Devido a todas as adversidades encontradas na nova colônia, muitas famílias optaram por migrar novamente em busca de melhores condições. O Quadro 2 retrata a decadência populacional da colônia Theresópolis de 1868 a 1902.

Quadro 2 – Distribuição de famílias na colônia Theresópolis em 1868 e 1902.

Localidade	Número de famílias	
	1868	1902
Da Barra do Rio dos Bugres até o centro de Theresópolis	21	14
Freguesia de Theresópolis	38	6
Riacho dos Cedros	65	34
Riacho de Miguel	70	24
Rio Cubatão	64	25
Rio Salto	26	5
Rio Novo	40	18
Capivary	180	80
Rio Ferro e Gromelbach	8	14
Rio Mandel	15	20
Rio Sete	38	27
Total:	565	267

Fonte: adaptado de Jochem, 1992, p. 147.

²⁰ O relato não conta com data específica.

Como pode ser observado no Quadro 2, as migrações internas continuaram ocorrendo e inúmeras famílias optaram por deixar a colônia Theresópolis e buscar por melhores condições.

Os anos foram passando e em 1961, com a promulgação da Lei Nº 790, de 19 de dezembro de 1961²¹, foi criado o município de Águas Mornas. Pode ser conjecturado que, nesse período, o alemão ainda se fazia bastante presente no dia a dia do povo águas-mornense, pois havia distribuição de materiais impressos por parte da igreja, e também a circulação impressa de notícias em língua alemã, conforme será visto adiante. Devido à campanha de nacionalização ocorrida durante o governo de Getúlio Vargas²², os jornais em língua alemã que circulavam em Santa Catarina foram proibidos e, por essa razão, foram tirados de circulação (Machado; Borszcz, 2020). Sendo assim, acredita-se que o recorte da notícia apresentado na Figura 5 tenha sido retirado de um folhetim de responsabilidade da igreja, já o livro infantil (Figura 4) faz parte de uma coleção de dez livros de cunho religioso, distribuída de forma gratuita pela “*Missionswerk Werner Heukelbach*”²³.

Figura 4 - Livro infantil distribuído pela Igreja Luterana²⁴



Fonte: acervo da autora.

²¹ “Art. 1º Fica criado de conformidade com a Resolução nº 3/61, de 13/12/61, da Câmara Municipal de Santo Amaro da Imperatriz, o município de Águas Mornas, com sede na localidade do mesmo nome” (Santa Catarina, 1961).

²² Veja Campos (2006).

²³ Fundação alemã que visa apresentar às pessoas o Evangelho de Jesus Cristo. Criada a mais de 80 anos, ficou conhecida em mais de 100 países onde vivem pessoas de língua alemã. Para saber mais acesse: <https://heukelbach.org/wer-wir-sind>.

²⁴ Livro *Infância feliz* (tradução minha), escrito por Josef Kausemann, por volta de 1950.

Figura 5 - Recorte de notícia de 1975²⁵

Fonte: acervo da autora

Porém, com o tempo, esses materiais foram saindo de circulação, como veremos de forma mais detalhada a seguir.

2.5 AS LÍNGUAS ALEMÃS DE IMIGRAÇÃO

Como mencionado na seção 2.4, os imigrantes de origem germânica que decidiram imigrar para o Brasil provinham de diversas regiões e trouxeram consigo suas línguas específicas. Segundo Altenhofen e Morello (2022), já foram

²⁵ “Bodas de Ouro: No dia 24 de janeiro de 1975, o casal Guilherme Hinghaus e Olga Luiza Stern comemorou suas bodas de ouro junto a sua família (1 filho, 5 filhas, 1 nora, 5 genros, 23 netos e 1 bisneto), parentes e conhecidos, de perto e de longe. Deus, nós agradecemos por ter nos protegido e guiado até aqui. Janeiro de 1975”. (Tradução minha).

identificadas no Brasil 14 línguas alemãs de imigração²⁶, sendo o Hunsrückisch a língua mais difundida. Altenhofen afirma, ainda, que existem casos de falantes que dominam mais de uma variedade alemã, normalmente uma variedade de origem familiar e outra considerada [+standard], fenômeno que a sociolinguística apresenta como *diglossia*,

isto é, o uso e domínio de duas variedades com funções distintas, uma como língua de família, para situações informais do dia a dia, e outra, para situações formais em que, por exemplo, esteja em jogo o uso de uma norma escrita, por exemplo, no sermão do padre ou pastor, na ata da sociedade etc. (Altenhofen, Morello *et al.*, 2022, p. 34)

Ferguson (1959) pressupõe que a diglossia seja uma situação muito comum, porém muito pouco mencionada e descrita. Para Ferguson, a diglossia é vista como uma situação linguística em que duas variedades linguísticas coexistentes são utilizadas de forma complementar dentro de uma mesma comunidade, cada uma com funções distintas. A variedade “alta” é empregada em contextos formais, como nos meios de comunicação, na literatura e em situações oficiais. Já a variedade “baixa”, é usada em situações informais, no ambiente familiar, entre amigos e na comunicação cotidiana.

Segundo Maltzahn (2018), até o início da Campanha de Nacionalização, a língua alemã era tida como “língua de prestígio” devido ao papel que ela desempenhava em escolas, igrejas e na imprensa. Sendo assim,

os imigrantes alemães e os descendentes das primeiras gerações, ou seja, aqueles que foram escolarizados até a Campanha da Nacionalização, dominavam o *Hochdeutsch* (alemão padrão) [...], pois até essa época era a língua empregada nas escolas e na igreja, como também no círculo familiar e de amizade. (Maltzahn, 2018, p. 131-132).

Porém, no final dos anos 30, com início da Campanha de Nacionalização, foram implementadas medidas para fortalecer a língua e cultura brasileira. Segundo Campos (2006), tais medidas atingiram com mais veemência grupos que falavam alemão e italiano. A primeira fase da campanha centralizou o controle do ensino, “proibiu o ensino domiciliar e o uso da língua estrangeira nas aulas, fiscalizando rigorosamente práticas escolares através dos inspetores e superintendentes” (Campos, 2006, p. 104). Segundo Maltzahn (2011), a Campanha de Nacionalização “gerou a maior crise enfrentada pelos alemães e seus descendentes no Brasil”.

²⁶ “Hochdeutsch, Hunsrückisch, Pommerisch, Westfälisch, Schweizer Deutsch, Kaffeepflückersch, Böhmisch, Bayerisch, Bukowinisch, Wolgadeutsch, Schwäbisch, Deutsch (?), Plautdietsch e Donauschwäbisch” (Altenhofen e Morello 2022, p. 25).

A assimilação forçada começou formalmente em 1937, com a proibição do ensino de língua estrangeira e prosseguiu em 1939, com o fechamento de todas as instituições comunitárias que pudessem remeter a sentimentos de pertencimento primordial às nações de origem. Logo depois houve a proibição do uso de línguas maternas em público e o cerceamento geral das liberdades individuais de todos os que não fossem considerados suficientemente brasileiros. (Seyferth *apud* Maltzahn, 2011, p. 71)

A Campanha de Nacionalização provocou um silenciamento da identidade teuto-brasileira, porém a línguas alemãs foram mantidas “entre muitos teuto-brasileiros e transmitidas oralmente de geração para geração até os dias de hoje” (Maltzahn, 2011, p. 74), como parece ser o caso de Águas Mornas. Nesta pesquisa, também considero as práticas linguísticas alemãs como signos de uma memória que é perpassada e atualizada linguística e discursivamente, através da transmissão geracional.

Faz-se, ainda, necessário destacar o papel importante da igreja, quando se refere à valorização e preservação da língua alemã. Segundo Nodari e Vieira (2001 *apud* Maltzahn, 2018), a igreja atuava fortemente na formação das comunidades e possuía bastante controle sobre a vida dos seus membros, visando à transmissão dos valores alemães, sendo que a língua ocupava papel central nessa transmissão de valores étnicos. Willems (1946 *apud* Maltzahn, 2018) constatou que as famílias protestantes davam mais valor à língua alemã, quando comparadas com as famílias católicas, “pois para aquelas a língua de Martinho Lutero era considerada um símbolo religioso, e nelas, conforme Kreutz (2003), enfatizava-se a alfabetização, visando à leitura da Bíblia.” (Maltzahn, 2018, p. 64).

A diferença de valor atribuída à língua alemã entre famílias protestantes e católicas pode ser explicada por uma variedade de fatores históricos, sociais e culturais. Entre eles, destacam-se os seguintes aspectos: (1) A Reforma Protestante do século XVI, liderada por Lutero, teve um papel fundamental nessa diferenciação. Lutero enfatizou a importância de traduzir a Bíblia para a língua utilizada pelo povo, o alemão, nesse caso. Isso permitiu que os protestantes se aproximassem mais dos ensinamentos religiosos, criando uma conexão direta entre a língua alemã e a sua fé. (2) O acesso à educação também desempenhou um papel relevante. A Igreja assumiu a responsabilidade pela disseminação da educação entre os protestantes, tornando-a mais acessível. Dessa forma, os fiéis protestantes tiveram maior oportunidade de aprender e valorizar a língua alemã. (3) Por outro lado, os católicos utilizavam o latim como língua litúrgica até a década de 1960. O uso do latim limitava

o acesso dos fiéis católicos aos ensinamentos religiosos, uma vez que a língua latina era menos compreendida pela população em geral. Essa barreira linguística pode ter contribuído para uma menor valorização da língua alemã entre os católicos em comparação com os protestantes.

Tendo feito essa explanação sobre o ambiente de pesquisa, a seguir são apresentadas as referências teóricas que dialogam com o presente estudo.

3 DEFINIÇÕES TERMINOLÓGICAS

Esta pesquisa se insere na grande área de Políticas Linguísticas, porém conversa também com outras áreas do conhecimento, como a Sociolinguística e a História. Neste capítulo, são trabalhadas as principais definições que orientam a pesquisa.

Visto que este estudo se situa dentro da área de Políticas Linguísticas, cumpre iniciar esta seção com a definição do termo. Segundo Calvet (2002, p. 133) pode-se definir políticas linguísticas como “um conjunto de escolhas conscientes referentes às relações entre língua(s) e vida social e de planejamento linguístico”. Ainda, como afirma Oliveira (2007, p. 9), seguindo Lia Varela, política linguística é “uma prática política, associada à intervenção sobre as situações concretas que demandam decisões políticas e planificações de políticas públicas”. De acordo com Severo (2013), política linguística e planejamento linguístico caminham de mãos dadas. Por um lado, a política linguística é tradicionalmente voltada

[...] para uma prática de caráter estatal-legislativo, debruçando-se, por exemplo, sobre a oficialização de línguas, a escolha de alfabeto para a representação gráfica de uma língua, a hierarquização formal das línguas (línguas de trabalho, oficiais, nacionais, por exemplo), entre outros. (Severo, 2013, p. 451)

Por outro lado, o planejamento linguístico “tem focado a implementação das decisões sobre a língua através de estratégias (políticas), como as políticas educacionais, com vistas a influenciar o comportamento dos sujeitos em relação à aquisição e uso dos códigos linguísticos” (Severo, 2013, p. 451). Nesta pesquisa, investigo as políticas institucionais e as práticas e crenças locais referentes aos usos da língua alemã, enfocando as esferas educacional, familiar e cotidiana. Essas três dimensões – as iniciativas institucionais, as práticas linguísticas e as crenças dos falantes – serão levadas em conta, em sintonia com as reflexões de Spolsky (2016), conforme será visto adiante.

Calvet (2007) e, posteriormente, Oliveira e Altenhofen (2011), dividem políticas linguísticas em duas categorias, *in vivo* e *in vitro*. A primeira considera a parte “da comunidade de fala e das relações interpessoais e linguísticas inerentes a essa comunidade” (Altenhofen; Oliveira, 2011. p 187). Já a segunda trata de “propostas concebidas de fora para dentro, digamos, em laboratório” (Altenhofen; Oliveira, 2011. p 187). Sendo assim, o presente estudo trata, com maior enfoque,

das políticas linguísticas in vivo, ou seja, considera-se a relação da comunidade de falantes com as línguas alemãs.

Para Spolsky, as políticas linguísticas são sustentadas pelo tripé usos, crenças e gestão:

a Política Linguística tem três componentes inter-relacionados mas independentes: as reais práticas linguísticas dos membros da comunidade, as crenças daqueles membros sobre a língua e os esforços de alguns membros para mudar as práticas e as crenças existentes. (Spolsky, 2016, p. 372-373)

A partir dessa abordagem de Spolsky, podemos perceber que as políticas linguísticas não englobam apenas de regras e regulamentos impostos de cima para baixo, mas também são influenciadas pelas práticas cotidianas de uso da língua pela comunidade, bem como pelas crenças e atitudes que os membros têm em relação à língua. Essa visão das políticas linguísticas nos permite entender melhor a complexidade das dinâmicas linguísticas na sociedade.

Muito embora vários linguistas e até o senso comum façam uso do termo 'dialeto' para se referir a uma variedade linguística que não a considerada padrão, na presente pesquisa, compartilho da mesma percepção de Savedra e Mazzelli (2020, p. 106), de que “a distinção língua-dialeto não é linguística, mas sim social e política”. Ademais, incluo, também a discussão sobre variedade linguística:

[p]ara o conceito de língua e dialeto, em muitos casos, a sociolinguística recorre ao termo “variedade”, sem dar uma definição. O fato de que existe um termo objetivo, técnico, livre de toda emotividade, parece ser necessário para designar um “tipo de língua”. [...] Assim, o termo “variedade”, contrariamente ao “dialeto”, não designa uma posição linguística específica, mas unicamente algumas diferenças em relação a outras variedades. (Mané, 2012, p. 43)

Assim, ao explorar as diversas variedades linguísticas de origem germânica presentes em Águas Mornas e inseridas no contexto de imigração, escolhi adotar a designação “línguas alemãs”, conforme preconizado por Altenhofen e Morello (2022). Em outras palavras, estou chamando de “línguas alemãs” todas as variedades da língua alemã de Águas Mornas, que vieram para o município com contexto de imigração, sendo que, neste momento, a ênfase não está na identificação da região linguística de origem desses imigrantes e, tampouco, em uma classificação linguística prévia dessas línguas. Como será visto, a nomeação e designação das línguas alemãs não é uma prática neutra, pois ela carrega valorações e atitudes linguísticas que merecem ser reconhecidas.

Sobre a designação e quantificação das línguas alemãs no contexto europeu, a região que abrange atualmente países como Alemanha, Suíça e Luxemburgo é caracterizada por uma diversidade linguística significativa. Até os dias de hoje, é desafiador determinar com precisão a quantidade exata de línguas alemãs em uso nessa área. Segundo Altenhofen e Morello (2022), quanto às línguas alemãs,

vale destacar que as diferentes áreas dialetais do alemão se agrupam em três grandes áreas, a saber: ao norte, o baixo-alemão (*Niederdeutsch*); ao centro, o médio-alemão (*Mitteldeutsch*); e, ao sul, o alto-alemão (*Hochdeutsch*, no sentido geográfico de *Oberdeutsch*). (Altenhofen e Morello, 2022, p. 31)

Figura 6 – Grupos de variedades do alemão e suas disposições geográficas



Fonte: Dein Sprachcoach (s/d).

Essa diferenciação entre dialetos vs. línguas alemãs se complexifica se considerarmos que os imigrantes que foram destinados a Águas Mornas provinham de diferentes regiões da atual Alemanha (Jochem, 2002) e trouxeram consigo suas línguas específicas. Sobre a dificuldade de se delimitar as fronteiras linguísticas neste contexto, citamos:

quando se fala da origem geográfica de uma família de imigrantes, essa equivale ao mesmo tempo a uma origem linguística, ou melhor, a uma área

dialetal do alemão. Isso significa que as famílias imigrantes do séc. XIX traziam em sua bagagem cultural o repertório linguístico da sua localidade e região de origem, que incluía provavelmente o dialeto aí falado e que acrescentava os conhecimentos – mesmo que apenas parciais – da norma culta do alemão standard que, nesse período, equivalia ao *landschaftliches Hochdeutsch*, ou seja, uma norma de oralização regional em processo de “normalização” no uso coletivo, graças à influência crescente da língua escrita” (Altenhofen *et al. opus cit*, 2018, p. 28, *apud* Savedra; Mazzelli, 2020, p. 110).

Segundo Altenhofen e Frey (2006 *apud* Azevedo, 2016), o significado de uma língua vai além de simples listas de palavras ou regras gramaticais, ela também é um reflexo da identidade, pois há seres humanos com pensamentos e desejos únicos, cada um com uma perspectiva pessoal sobre o mundo. Cada palavra, nesse contexto, traz consigo uma carga emocional, pois as línguas são, em sua essência, manifestações da expressão humana.

Em outras palavras, “a separação entre língua, sujeitos e sociedade” (Severo, 2007, p. 239) deve ser evitada, pois não se pode “fazer uma análise ampla e geral (macro linguístico-social) sem considerar os aspectos locais, as identidades e as práticas sociais nas quais os sujeitos se inserem” (Severo, 2007, p. 239). Assim, no âmbito das valorações sociais, enquanto o termo “dialeto” carrega avaliações vinculadas às práticas informais e usos orais, o termo “língua” se associa às práticas linguísticas sistematizadas e padronizadas. A hierarquização entre oralidade e escrita é, então, reproduzida na hierarquização entre dialeto e língua: “Os dialetos tendem a ser considerados formas faladas, ao passo que às línguas foi atribuído um estatuto especial de acordo com outros critérios, como semelhanças regionais, árvores genealógicas ou formas literárias²⁷” (Makoni; Pennycook, 2007, p. 9, tradução minha). Compreendo, portanto, que a diferença entre língua e dialeto não é estrutural, mas arbitrária e, portanto, politicamente orientada (Makoni; Pennycook, 2007; Savedra; Mazzelli, 2020). Interessa averiguar como os falantes designam suas práticas linguísticas – língua, dialeto, variedade ou outro termo. Subjacente está a valorização social atribuída a essas práticas.

Diante das dissemelhanças valorativas entre língua e dialeto, cabe, no âmbito desta pesquisa, definir também o conceito de *línguas de imigração*.

Línguas de imigração podem ser definidas, assim, como línguas 1) originárias de fora do país (alóctones) que, no novo meio, 2) compartilham o

²⁷ “Dialects tended to be considered spoken forms, while languages were accorded their special status according to other criteria such as regional similarities, family trees or literary forms” (Makoni; Pennycook, 2007, p. 9).

status de língua minoritária. Distinguem-se das línguas indígenas (autóctones) e de línguas específicas (como a língua de sinais), que, embora também constituam línguas minoritárias, não possuem na sua gênese um processo de imigração. (Altenhofen; Margotti, 2011, p. 290)

Tendo em vista que línguas de imigração são originárias de fora do país, conseqüentemente, elas não são utilizadas por toda a população de um país, mas sim por uma minoria, ou seja, por “um grupo não dominante de indivíduos que partilham certas características nacionais, étnicas, religiosas ou linguísticas, diferentes das características da maioria da população” (ONU, 2008, p. 18), na presente pesquisa, tratando-se, então, de uma minoria linguística.

Cabe ainda destacar aqui a diferença entre língua de imigração e língua de herança. Segundo Savedra e Spinassé (2021), a língua de herança mantém elos e relações claras com a "origem"; é o caso, por exemplo, do português como língua de herança transmitido pelos pais aos filhos em contextos de imigração contemporânea (os elos com o Brasil e o PB são evidentes). No caso das línguas de imigração no Brasil (por exemplo, o Pomerano, o Hunsrückisch e o Talian, que são consideradas "línguas brasileiras", por terem sido cooficializadas em alguns municípios), não há um elo evidente com as "origens", pois essas línguas já se afastaram de suas matrizes e se consolidaram como referências próprias do contexto brasileiro. Segundo essa definição, as línguas utilizadas em Águas Mornas não podem ser consideradas como línguas de herança, pois não mantêm mais uma conexão direta com as origens dos imigrantes que povoaram a região. Em vez disso, essas línguas tornaram-se parte integrante da identidade linguística e cultural local, evoluindo para se tornarem línguas brasileiras distintas. Assim, embora possam ser consideradas línguas de imigração devido à sua história migratória, sua relação com as origens é mais difusa em comparação com as línguas de herança, que mantêm uma ligação mais direta com as comunidades de origem.

Outro conceito que se faz necessário definir na presente pesquisa é “língua materna”. Mues (1970 *apud* Spinassé, 2006, p. 4, tradução minha) define língua materna de forma bem direta: “[a] língua materna é a língua que cada pessoa aprende primeiro e é, portanto, a base do seu desenvolvimento humano”²⁸. Como afirma Spinassé (2006, p 4), essa definição, apesar de antiga, traz dois pontos importantes: “a justaposição com o conceito ‘Primeira Língua’ e o favor identitário

²⁸ “Muttersprache ist die Sprache, die jeder Mensch als erste lernt und die somit die Grundlage seines Menschwerdens ist” (Mues, 1970 *apud* Spinassé, 2006, p. 4).

que carrega — a pessoa se identifica de alguma forma com a Língua Materna.” A língua materna também pode ser definida em relação às condições primeiras de aquisição da linguagem.

A Língua Materna, ou a Primeira Língua (L1) não é, necessariamente, a língua da mãe, nem a primeira língua que se aprende. Tão pouco trata-se de apenas uma língua. Normalmente é a língua que aprendemos primeiro e em casa, através dos pais, também é frequentemente a língua da comunidade. Entretanto, muitos outros aspectos linguísticos e não-linguísticos estão ligados à definição. A língua dos pais pode não ser a língua da comunidade, e, ao aprender as duas, o indivíduo passa a ter mais de uma L1 (caso de bilinguismo). Uma criança pode, portanto, adquirir uma língua que não é falada em casa, e ambas valem como L1. (Spinassé, 2006, p. 4)

A compreensão do conceito de Língua Materna é essencial, especialmente em Águas Mornas, onde é perceptível que diversos residentes têm línguas alemãs como Língua Materna. Vale ressaltar que esta perspectiva desafia a concepção equivocada do monolingüismo no Brasil, promovendo o reconhecimento e a celebração da rica diversidade linguística existente na comunidade.

Segundo a concepção da UNESCO, língua materna se refere “à primeira língua da criança, a língua aprendida em casa com os membros mais velhos da família”²⁹ (UNESCO, 2007, p. 6, tradução minha). Sendo assim, podemos observar a importância da língua materna na formação da identidade individual e coletiva.

Adiante veremos como o conceito de língua materna emerge nos dados analisados, especialmente quando consideramos os primeiros contextos e modos de aprendizagem linguística pelas crianças e a questão da transmissão geracional. Nesse sentido, outro conceito relevante para a presente pesquisa é de línguas minoritárias, uma vez que as línguas de imigração no Brasil são fortemente designadas dessa maneira. Importante salientar a diferença conceitual entre línguas minoritárias e minoritizadas (ou minorizadas), conforme explorada por Aracil (1983 apud Ponso, 2017, p. 192):

[L]íngua minoritária refere-se à demografia relativa de um idioma, às dimensões numéricas de uma comunidade linguística. Pode haver línguas minoritárias com estatuto de oficiais ou não. Língua minorizada é qualquer língua que, dividindo o espaço geográfico com outra ou outras, tem alguns de seus usos restringidos.

Além disso, Ponso (2017) afirma que pode haver línguas majoritárias minorizadas, pois a minorização de línguas não está relacionada ao número de

²⁹ “Mother tongue or mother language refers to a child’s first language, the language learned in the home from older family members” (UNESCO, 2007, p. 6).

falantes, mas ao status que a língua possui, pois uma língua pode ser utilizada pela maioria da população, mas não possuir o status de língua oficial. Trata-se, portanto, de considerar a maneira como as relações de poder influenciam as práticas linguísticas e os falantes.

Segundo Calaforra (2003, *apud* Ponso, 2017), uma comunidade linguística é considerada minorizada quando apresenta, sobretudo, três características:

(a) normas sociais restritivas em relação ao próprio uso – isto é, essa língua não se pode usar em determinados âmbitos – contra as normas de amplo uso características da língua dominante; (b) bilinguismo unilateral dos membros dessa comunidade, isto é, falantes da língua minoritária têm em seu repertório a língua própria e a dominante, enquanto que os falantes dessa última tendem a ser falantes monolíngues; (c) como resultado da situação acima, a comunidade linguística minorizada se torna um subconjunto da dominante. (Ponso, 2017, p. 194)

Como podemos observar, o que atribui a uma língua o status de minorizada não é o número de falantes que a língua em questão possui, mas sim questões de poder, pois “o estabelecimento de uma variedade de prestígio entre tantas (ou de uma norma ou de uma língua oficial) é antes de tudo uma decisão política de intervenção sobre a heterogeneidade linguística de uma população, [...]”. (Ponso, 2017, p. 195). Nesta pesquisa, exploro o estatuto das línguas alemãs faladas em Águas Mornas, em atenção ao significado social e à valoração dessas línguas no contexto. Desnaturalizamos, assim, o sentido de língua minoritária, atentando para as relações de poder que as minorizam.

Em Águas Mornas, as línguas alemãs parecem pertencer a essas duas categorias, minoritária, devido ao número reduzido de falantes dessas línguas e também minorizada, pois ao dividir espaço com a língua portuguesa, as línguas alemãs possuem muitos de seus usos restringidos.

A realização da presente pesquisa não é uma ação isolada, atualmente há um esforço global crescente em prol dos direitos linguísticos de grupos minoritários. A perspectiva subjacente à política da diversidade linguística é a de que as línguas são direitos humanos fundamentais, como podemos observar no trecho retirado do Guia de Pesquisa e Documentação do Inventário Nacional da Diversidade Linguística:

a POLÍTICA DA DIVERSIDADE LINGUÍSTICA procura articular diferentes dimensões do Estado e da sociedade civil para a valorização e promoção das línguas minoritárias faladas no Brasil, vindo ao encontro de um movimento crescente, em nível mundial, que luta pela garantia de direitos linguísticos a grupos linguísticos minoritários. Tal perspectiva parte do princípio de que, se as línguas integram o rol dos direitos humanos, os

falantes têm o direito de usá-las nos ambientes públicos e privados e de transmiti-las para as futuras gerações. (IPHAN, 2016a, p. 10).

Sobretudo após a proibição do ensino institucional do alemão nas escolas durante a Campanha de Nacionalização, a família passou a desempenhar papel fundamental na preservação de línguas. Entendo que a transmissão geracional é central para as políticas de valorização de línguas minoritárias/minorizadas, daí o papel das políticas linguísticas familiares nas práticas de valorização e manutenção das línguas, especialmente considerando o processo de aquisição da língua.

Segundo Berardi-Wiltshire (2017), considerando que as famílias não são células individualizadas, mas vivem e compartilham uma vida social, a análise das políticas linguísticas familiares também revela o modo de funcionamento social, mesmo que em um âmbito local. Nas palavras da autora (Berardi-Wiltshire, 2017, p. 334, tradução minha):

[a] política linguística da família não acontece no vazio, e as práticas linguísticas familiares e a aquisição linguística das crianças são necessariamente influenciadas por ideologias e discursos sociais mais amplos. Por esta razão, a investigação sobre a PLE envolve frequentemente a investigação não dos padrões linguísticos efetivos das famílias, mas também do papel desempenhado por forças externas, como o contexto sócio-político e cultural e os antecedentes e crenças dos próprios pais, que, em última análise, moldam tanto a gestão da língua no seio da família, como a transmissão de ideologias linguísticas específicas às gerações mais jovens de falantes³⁰.

Nesta pesquisa, importa compreender o papel desempenhado pela família na transmissão e valorização de práticas linguísticas alemãs, atentando para a dimensão valorativa (as crenças) e os usos domiciliares/familiares. Essa dimensão é analisada a partir do questionário aplicado, tomando como base, também, a minha experiência em relação ao uso do alemão em meu ambiente familiar e de famílias conhecidas.

Apesar de não ter aprendido o alemão no ambiente familiar devido ao fato de minha mãe falar apenas português, desde cedo estive imersa em ambientes onde as línguas e a cultura alemãs exerciam uma forte influência. Meus avós

³⁰ "Family language policy does not happen in a vacuum, and family language practices and children's language acquisition are necessarily influenced by larger societal ideologies and discourses. For this reason FLP research often involves the investigation not only of the families' actual linguistic patterns, but also the exploration of the role played by external forces such as the socio-political and cultural context and the parents' own background and beliefs, which ultimately shape both language management within the family and the transmission of specific language ideologies to the younger generations of speakers" (Berardi-Wiltshire, 2017, p. 334).

paternos sempre incentivaram o uso do alemão e ao longo dos anos compartilharam diversas experiências relacionadas à uma identidade e memória alemãs. Essas vivências, somadas à convivência com a comunidade de Águas Mornas, desempenharam um papel fundamental na minha jornada como pesquisadora e também enriqueceram meu acervo pessoal.

A partir de meu exemplo pessoal e posteriormente com os dados obtidos da comunidade águas-mornense, conforme veremos na análise dos dados obtidos, podemos observar que a mãe desempenha papel fundamental no processo de preservação das línguas alemãs em Águas Mornas. Tornquist (1997) destaca o papel da mãe nesse processo:

Na família, foi a língua falada, o dialeto, que principalmente **através da mãe** transmitiu a cultura mental na esfera ética, sendo então reforçada pela escola e pela igreja. Em forma escrita, acrescentavam-se aos ditos de parede, provérbios e outras regras de comportamento em livros de leitura e calendários, e de forma indireta através de narrativas e poesias, conhecimentos adicionais que consolidavam os conceitos éticos, que ainda hoje moldam o pensamento dos descendentes dos imigrantes que vivem em áreas rurais³¹. (Tornquist, 1997. p. 194, tradução minha, grifo meu)

Além disso, é possível rastrear uma rede de interações entre famílias variadas, avaliando como a relação entre essas famílias reforça signos de uma identidade e memória alemã, em que a língua tem papel relevante, como por exemplo as festas de igreja e encontros da terceira idade.

O papel que a família desempenha na manutenção das línguas alemãs em Águas Mornas é retomado mais adiante, no capítulo de análise dos dados levantados.

Como no exemplo citado acima, a História Oral também ocupa papel importante nesse estudo. Maltzahn (2011) afirma que na História Oral, não se dispõe de um documento pré-existente, mas cabe ao pesquisador construí-lo em conjunto com outros sujeitos, pressupondo,

em primeiro lugar, uma mudança de enfoque para a reconstrução da história no sentido de se visibilizar aspectos relegados por outras fontes, de se trazer à tona temas do cotidiano, de se fazer de pessoas comuns agentes construtores de história e de se reconstruir uma história multifacetada. (MALTZAHN, 2011, p.25)

³¹ "In der Familie war es die gesprochene Sprache, die Mundart, die vor allem **durch die Mutter** die mentale Kultur im ethischen Bereich vermittelte die dann von Schule und Kirche verstärkt wurde. In schriftsprachlicher Form trat mit den Wandsprüchen, Sprichwörtern und anderen Verhaltensregeln in Lesebüchern und Kalendern, und in indirekter Form durch die Erzählung und die Gedichte zusätzliches Wissen hinzu und befestigte demnach die ethischen Konzepte, die heute noch das Denken der in ländlicher Umgebung lebenden Nachkommen der Einwanderer prägen." (TORNQUIST, 1997. p. 194, grifo meu).

Ainda segundo Maltzahn (2011), podemos citar a migração como uma das temáticas mais importantes para a História Oral, pois se torna possível abordar as dificuldades que motivaram a migração e também as enfrentadas posteriormente na nova comunidade. Tal temática se faz bastante presente nos relatos obtidos através das entrevistas em Águas Mornas, como disposto no ANEXO D.

4 INSTRUMENTOS DA PESQUISA

Os instrumentos empregados no presente estudo compreendem: pesquisa bibliográfica; análise documental; elaboração e aplicação de um questionário sociolinguístico; entrevistas com falantes de línguas alemãs; e discussões e reflexões sobre políticas linguísticas que são vigentes ou que poderiam ser implementadas em Águas Mornas, em atenção a real necessidade da comunidade local.

4.1 PESQUISA BIBLIOGRÁFICA

A primeira etapa deste trabalho consistiu em uma pesquisa com intuito de apurar quais políticas linguísticas se fazem presentes em Águas Mornas, analisou-se, para isso, leis municipais, festas locais, notícias de jornal, dias comemorativos do imigrante e possíveis pesquisas acadêmicas anteriormente realizadas na comunidade. O conceito de políticas linguísticas engloba tanto as iniciativas institucionais (leis e ações municipais), como iniciativas locais (mobilização da comunidade).

4.2 ANÁLISE DOCUMENTAL

A análise documental da presente pesquisa baseia-se em documentos históricos do município, mas principalmente em um acervo próprio da autora, passado de geração a geração até os dias atuais. Tal acervo conta com livros, notícias de jornais e cartas em língua alemã e imagens atuais e antigas, que retratam a instalação dos imigrantes em Águas Mornas e o desenvolvimento de seus assentamentos. As cartas e livros em língua alemã constituem as versões originais, enquanto os recortes de jornais são cópias, uma vez que os originais estão com minha avó paterna, encarregada de preservar e expandir o acervo iniciado por sua sogra, Olga Luise Stern.

4.3 LEVANTAMENTO SOCIOLINGUÍSTICO

Uma vez que não foram encontrados dados quantitativos com relação às línguas utilizadas em Águas Mornas, fez-se necessária a aplicação de questionário sociolinguístico a fim de levantar um panorama mais geral sobre o uso de línguas alemãs na comunidade em questão. Foram coletados dados referentes a: (1) porcentagem de falantes de línguas alemãs; (2) uso de línguas alemãs por geração; (3) locais, nos quais essas línguas se fazem mais presentes; e (4) valorização das línguas alemãs.

A elaboração do questionário foi baseada no Volume 2 do *Guia de pesquisa e documentação para o Inventário Nacional da Diversidade Linguística* (IPHAN, 2016b). O questionário³² foi destinado a águas-mornenses de diferentes faixas etárias e regiões do município.

A proposição inicial da pesquisa era aplicar o questionário apenas nas escolas, por ser um meio que possibilitaria o contato com um grande número de pessoas em um mesmo espaço. Além disso, a esfera educacional foi a porta de entrada para as reflexões desta pesquisa, por se caracterizar por um espaço institucional, que reflete ambos: as políticas educacionais e as práticas oriundas dos contextos familiares.

Inicialmente, levantei a hipótese de visitar as escolas, conversar com os alunos e alunas a respeito da pesquisa e então entregar-lhes o questionário impresso. Assim, eles/elas poderiam contar com a ajuda de seus pais para o preenchimento do questionário em questão. Porém, após conversas com o secretário municipal³³, segui a sua sugestão de realizar o questionário de forma on-line através do *Formulários Google*, uma vez que a distribuição dos questionários impressos demandaria muito papel e feriria, assim, os princípios de sustentabilidade pregados pelas instituições de ensino.

A vista disso, criei o formulário on-line e encaminhei o *link* à secretaria de educação, a qual se propôs a auxiliar na divulgação da pesquisa, através de grupos de pais e responsáveis em um aplicativo de conversas.

³² Veja o Anexo A.

³³ No dia 14/02/2023 me encontrei com o secretário municipal de educação, após agendamento prévio, a fim de apresentar minha pesquisa e verificar a possibilidade de aplicação do questionário com os alunos. O secretário destacou a importância dessa pesquisa e se colocou à disposição para ajudar na divulgação dos questionários.

Porém, considerando que um número reduzido de pessoas respondeu ao questionário³⁴ e que a maior participação foi de moradores das áreas urbanas, optei por abrir o acesso para a participação dos águas-mornenses em geral, não ficando mais restrita à comunidade escolar. O questionário contou com alguns ajustes³⁵, a fim de se adequar ao novo público-alvo. Seis perguntas que constavam no questionário voltado à comunidade escolar foram removidas: (i) Em qual série/ano você está na escola?; (ii) Em qual cidade você nasceu?; (iii) Você fala outra(s) língua(s) além do português? Qual/Quais?; (iv) Você percebe um incentivo e valorização para o uso da língua alemã (ou outra língua falada por você ou algum familiar seu)?; (v) Compartilhe exemplos de da língua alemã (ou outra língua falada por você ou algum familiar seu) que são usados com frequência. Podem ser palavras, expressões, canções, piadas ou pequenas narrativas/histórias.; e (vi) Você gostaria de aprender alguma outra língua? Qual/Quais?

A pergunta (i) sofreu alterações a fim de adequar ao novo público algo, passando a ser “Qual seu grau de escolaridade?” Já as perguntas (ii), (iii), (iv) e (vi) foram removidas a fim de encurtar o questionário e, assim, atrair um maior número de participantes para a pesquisa, e também por já estarem compreendidas de forma indireta em outras perguntas. Já a pergunta (v) foi removida, pois as línguas alemãs faladas em Águas Mornas se dão de forma predominantemente oral; além disso, pude observar que as pessoas não estavam respondendo à pergunta por não saberem escrever o que gostariam, sendo assim, essa pergunta é retomada nas entrevistas presenciais, possibilitando, assim, o surgimento de mais dados nesse sentido.

A divulgação da pesquisa com a comunidade em geral foi realizada por meio das minhas redes sociais, pois sou natural de Águas Mornas e mantenho muitos contatos no município, e das redes sociais da Prefeitura Municipal e do Prefeito em exercício, bem como de forma presencial em encontros comunitários, como grupos da terceira idade, cultos e festas de igreja. Na Figura 7 podemos observar a publicação da prefeitura municipal, a qual foi compartilhada por agentes políticos, amigos e colegas, a fim de divulgar a pesquisa.

³⁴ Foram obtidas ao todo 103 respostas.

³⁵ Veja o Anexo B.

Figura 7 – Divulgação da pesquisa.



4.4 ENTREVISTAS COM FALANTES DE LÍNGUAS ALEMÃS

As entrevistas foram conduzidas exclusivamente com residentes de Águas Mornas que falam pelo menos uma língua alemã, sendo dada prioridade às áreas com maior concentração de falantes dessas línguas. As entrevistas ocorreram em língua portuguesa, porém não somente, pois houve momentos, nos quais os participantes foram questionados a respeito de tradições, histórias e músicas em língua alemã.

A escolha dos entrevistados se deu de duas formas: a primeira, a partir do questionário, no qual os informantes demonstraram interesse em participar de uma entrevista; e através de conversas, de forma presencial, com residentes das regiões do município com maior número de falantes de línguas alemãs, visando identificar mais pessoas interessadas em contribuir para a pesquisa.

Durante as entrevistas, esforcei-me para estabelecer uma conexão mais próxima com os entrevistados, visando reduzir qualquer possível constrangimento, especialmente relacionado ao uso do gravador. Adotei uma linguagem mais próxima daquela empregada pelos entrevistados, procurando criar um ambiente mais descontraído e facilitar a comunicação, utilizei uma abordagem informal com aqueles

que demonstraram informalidade e manteve uma postura mais formal com os que preferiram uma conversa mais formal.

A entrevista teve início com o preenchimento da ficha do entrevistado (Anexo C), visando criar um ambiente mais confortável, onde os/as entrevistados/as se sentissem à vontade, minimizando qualquer ansiedade associada à presença de registros de áudio. Posteriormente, deu-se início a entrevista, com base nas 14 perguntas norteadoras apresentadas no Quadro 3.

Quadro 3 – Perguntas norteadoras da entrevista.

1.	Você fala alguma outra língua além do português?
2.	E como você chama essa língua? Ela tem algum nome específico?
3.	Como você aprendeu? Foi fácil?
4.	E com relação às pessoas que não falam alemão, o que você acha que elas pensam quando ouvem alguém falando alemão?
5.	Você conhece alguma música ou história em alemão?
6.	Já ouviu falar na tradição “Eierkippen” ou “Osterwasser”? E como funciona?
7.	Você lembra ou já ouviu algo a respeito da proibição do uso de alemão?
8.	Você acha que em Águas Mornas todo mundo fala o mesmo alemão? Você já percebeu alguma diferença? Quais?
9.	Você ensinou alemão para os seus filhos? Por quê?
10.	Você ainda utiliza bastante a língua alemã? Quando? E com quem?
11.	Você acha que as gerações mais novas ainda falam bastante alemão?
12.	Porque cada vez menos pessoas falam alemão aqui em Águas Mornas?
13.	Você acha que a prefeitura poderia fazer alguma coisa para manter a língua alemã presente em Águas Mornas? O quê?
14.	O quê você acha de ensinar alemão nas escolas?

Fonte: Elaboração própria.

Cabe, ainda, destacar que a presente pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPSH-UFSC) e seguiu todos os procedimentos éticos exigidos.

Antes de serem direcionados ao questionário e a entrevista, os participantes foram apresentados ao termo de consentimento, o qual apresentava a pesquisa e os protocolos éticos adotados, e os convidava a participarem da pesquisa de forma voluntária e anônima.

Além disso, considerando que sou natural de Águas Mornas e conheço muitos/as participantes, a relação de confiança foi construída ao longo do tempo, fazendo com que a minha posicionalidade tenha um papel metodológico relevante (D'arcy; Bender, 2023), especialmente em se tratando de pesquisa em políticas e direitos linguísticos. Pois, como Mainardes (2023) cita em uma de suas palestras, as

relações de confiança entre informante e pesquisador desempenham papel importante em pesquisas desta natureza.

Tais relações de confiança se demonstraram também através do convite de uma vereadora para apresentar os dados da pesquisa em uma sessão da Câmara dos Vereadores. Este convite não reconhece apenas a importância do tema para a comunidade, mas também demonstra a valorização de pesquisas relevantes para o desenvolvimento da região. Destaco a importância em compartilhar os resultados da pesquisa com a comunidade e instigar a discussão de políticas e iniciativas que promovam o ensino do alemão e fortaleçam a identidade cultural de Águas Mornas.

5 APRESENTAÇÃO DO MATERIAL EMPÍRICO: ANÁLISES E REFLEXÕES

Neste capítulo, apresento os resultados obtidos, com base nas três primeiras etapas da presente pesquisa, ou seja, pesquisa bibliográfica, análise documental e levantamento sociolinguístico.

5.1 POLÍTICAS LINGUÍSTICAS EM ÁGUAS MORNAS

A legislação municipal de Águas Mornas deixa a desejar no que se refere a políticas linguísticas. Quando buscado pelo termo “língua” na legislação vigente, não foi encontrado nenhum resultado. Porém, até 2021 estava em vigor a Lei nº 38 de 1966, que tratava do código de posturas do município de Águas Mornas. Destaco o Art.159, que apresentava o seguinte: “Art. 159. Não será permitida a colocação de anúncios ou cartazes quando: VI - façam uso de palavras em língua estrangeira, salvo aquelas que, por insuficiência do nosso léxico, a ele se hajam incorporado” (Águas Mornas, 1966).

Apesar de estar em vigor até 2021, esta lei não era obedecida, pois a paisagem linguística continuava e continua a ser amplamente influenciada por termos em alemão, como em nomes de estabelecimentos, placas, festas etc.

Quando buscamos os termos “alemã”, “alemão” e “alemães”, obtivemos resultados em quatro leis municipais:

1. Lei nº 460, de 15 de dezembro de 1994, que institui o Troféu Honorífico denominado "O Colonizador" ³⁶;
2. Lei nº 549, de 04 de abril de 1998, que declara "Domingos Martins", no estado do Espírito Santo, cidade irmã de Águas Mornas³⁷;
3. Lei nº 449, de 18 de outubro de 1994, que dispõe sobre os símbolos municipais³⁸;

³⁶ “Art. 2º A denominação ‘O Colonizador’ é uma referência aos primeiros imigrantes alemães que, no século passado, fundaram as Colônias de Vargem Grande, Santa Isabel e Theresópolis(sic), respectivamente em 1836, 1846/7 e 1860” (Águas Mornas, 1994c).

³⁷ “Caput: VALDECIR JOSÉ SENS, Prefeito Municipal de Águas Mornas, faz saber, em conformidade com o disposto no Artigo 142 da Lei Orgânica Municipal, e; Considerando que nos referidos municípios foram fundadas Colônias Alemãs denominadas ‘Santa Isabel’, cuja nomenclatura homenageia Princesa Isabel; Considerando que ambas as Colônias foram fundadas por imigrantes provenientes em sua maioria da região do Hunsrück, na Alemanha; [...]” (Águas Mornas, 1998).

4. Lei nº 435, de 25 de maio de 1994, que dispõe sobre atribuições de cargos em comissão³⁹.

Podemos citar, ainda, a Lei nº 470, de 12 de abril de 1995⁴⁰, que concede incentivos fiscais para a construção de casas típicas na área urbana do município de Águas Mornas. A referida lei retrata o interesse dos órgãos municipais em construir prédios públicos em estilo arquitetônico germânico e portais fazendo referências às colônias alemãs fundadas no município, porém quanto às línguas alemãs utilizadas em Águas Mornas, muito pouco vem sendo feito, tanto é que elas correm riscos de serem extintas ou de seus usos se tornarem rarefeitos e pouco frequentes, como veremos no capítulo seguinte. Defendo que a questão linguística deveria ser mais abordada, pois ela contribui para construção da identidade e memória dos indivíduos.

5.2 QUESTIONÁRIOS

Neste tópico apresento os dados obtidos após a aplicação dos questionários, os quais levantaram dados demográficos e sociolinguísticos dos participantes. O levantamento contou com a participação de 310 moradores de

³⁸ “Art. 9º II - O Escudo ficará levemente pousado sobre um suporte or-namental (Anexo IV) sendo que servirá também como base para os dois ‘tenentes’ representando Imigrantes Alemães que colonizaram o Muni-cípio fundando as Colônias de Vargem Grande, Santa Isabel e Therezópolis (sic), respectivamente em 1.836, 1846/7 e 1.860. À direita (di-reita), como “tenente” deve conter a figura de uma mulher e à sinistra (esquerda) a de um homem. A mulher deve estar com um lenço na cabeça e em traje de serviços rurais. O homem deve conter um chapéu tirolês, nas mãos uma enxada simbolizando a vida campestre dos Imigrantes Alemães, bem como nossa cultura e história. O Escudo de-ve ter por medida 1.96 Módulos de largura por 3.10 Módulos de altu-ra” (Águas Mornas, 1994b).

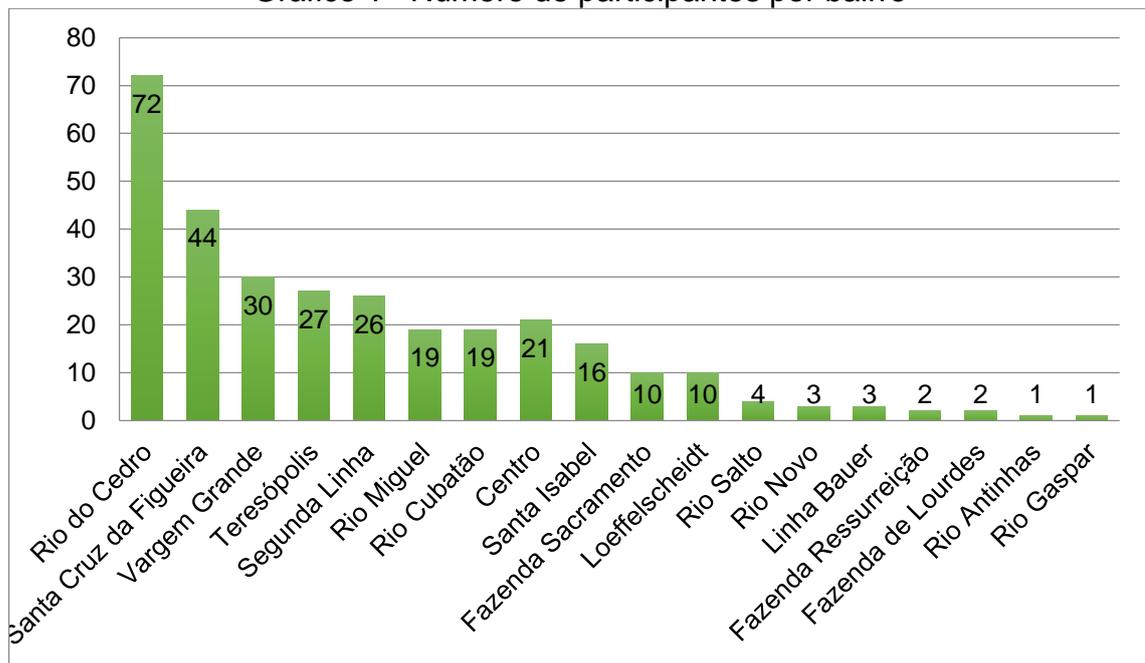
³⁹ “Art. 1º Fica instituído o Cargo em Comissão no quadro de servidores municipais, conforme especificação abaixo: DENOMINAÇÃO: assessor para assuntos culturais. ATRIBUIÇÕES: Assessorar a Administração nas ações culturais relacionados a aulas do idioma alemão, danças folclóricas, estímulo à arquitetura germânica, criação de museu, arquivo histórico e bibliográfico, estímulo ao ajardinamento de praças e propriedades particulares, divulgação do potencial turístico, estimular o canto coral, intercâmbio cultural, tombamento de patrimônio histórico, promover a pesquisa histórica sobre a colonização alemã e assessorar outras ações culturais designadas pelo Município” (Águas Mornas, 1994a).

⁴⁰ “Art. 1º Fica o Executivo Municipal autorizado a conceder incentivos fiscais às edificações que forem construídas dentro do perímetro urbano de Águas Mornas, para fins comerciais, residenciais, isoladas ou conjuntamente, e que apresentarem os estilos/técnicos arquitetônicos típicos conhecidos como ‘Enxaimel’, ‘Casa dos Alpes’, ‘Tirolês’ e ‘Bávaro’, nas seguintes bases [...]” (Águas Mornas, 1995).

Águas Mornas residentes em localidades distintas do município, o que corresponde a 4,6% da população total.

O presente estudo revela que 65% dos participantes que responderam ao questionário são residentes na área rural do município, enquanto os restantes 35% residem na área urbana. No Gráfico 1, encontra-se o número de participantes por bairro em ambas as áreas.

Gráfico 1– Número de participantes por bairro



Fonte: elaboração própria.

O presente estudo conseguiu alcançar moradores de quase todas as localidades de Águas Mornas, sendo Terceira Linha, Rio dos Porcos e Vila Nova os únicos locais não contemplados. O maior número de informantes reside em Rio do Cedro, minha localidade de origem, o que teve impacto direto no número de participantes que responderam ao questionário. Por ter morado muitos anos na localidade e ainda estar muito presente no local, minha rede de contatos se faz muito maior nesse espaço e arredores, como por exemplo, Teresópolis e Rio Miguel.

Outra questão do questionário investigava o período de residência da família do informante em Águas Mornas. A maioria dos participantes, quase 80%, indicou uma residência de mais de 25 anos no município, o que revela uma comunidade mais estável e de laços permanentes. Em seguida, 9% revelaram residir no local há menos de 5 anos. Em sequência, 6,5% dos respondentes relataram residência na

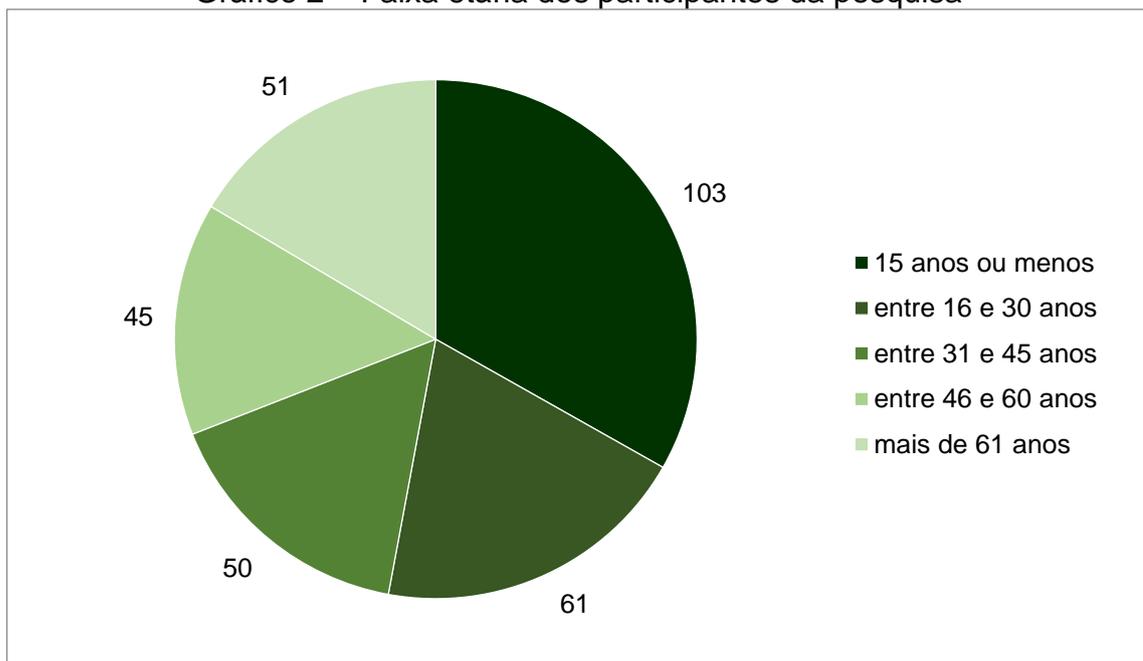
faixa de 5 a 15 anos, enquanto 4,8% afirmaram viver em Águas Mornas por um período entre 15 e 25 anos.

Em relação ao grau de escolaridade, observou-se que 61,9% possuem ensino fundamental incompleto, 4,5% concluíram o ensino fundamental, 4,8% têm ensino médio incompleto, 13,2% atingiram o ensino médio completo, 3,9% possuem ensino superior incompleto, e 11,6% completaram o ensino superior. É importante considerar que o percentual de informantes com ensino fundamental incompleto é composto por dois ‘grupos’ distintos de participantes: aqueles que ainda estão cursando o ensino fundamental e aqueles que já concluíram ou abandonaram os estudos, não alcançando a conclusão do fundamental. Por essa razão, o número de participantes com ensino fundamental incompleto se faz relativamente maior em comparação aos demais.

Na amostra pesquisada, a fé católica se destacou como a religião predominante, seguida por 59,7% dos participantes. A segunda posição foi ocupada pela comunidade luterana, com uma representação de 33,9%. Os 6,4% restantes revelaram-se ateus ou seguidores de outras crenças.

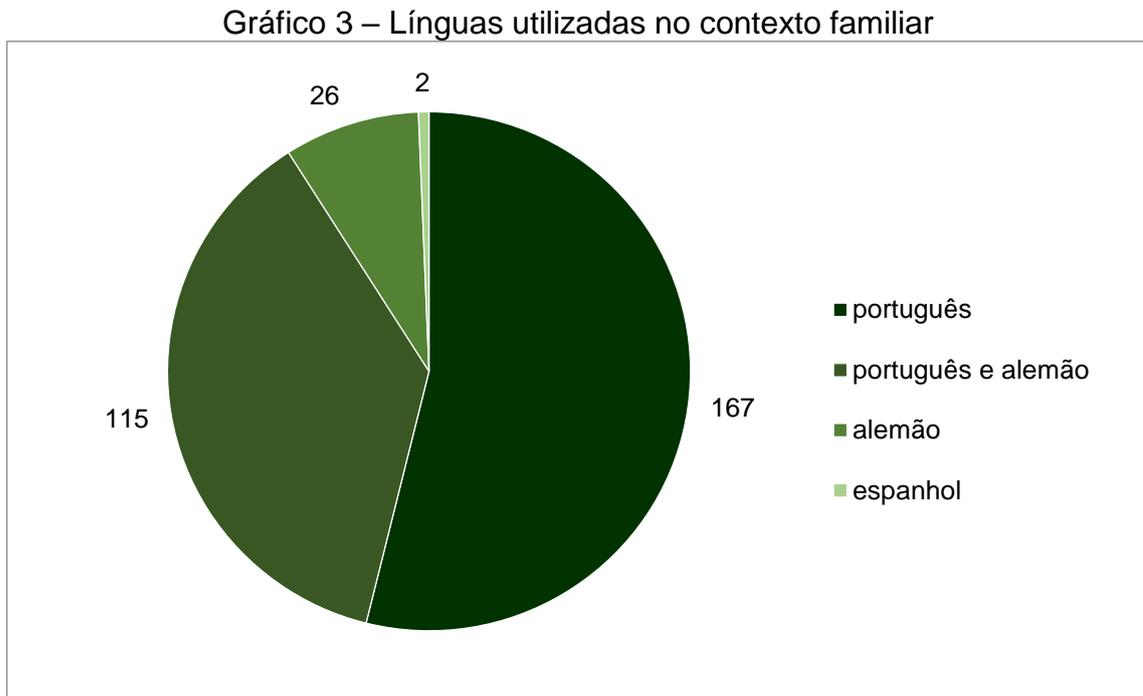
A faixa etária desta parcela da população é bem variada, englobando indivíduos com menos de 15 anos e também aqueles com mais de 61 anos de idade, como podemos ver no Gráfico 2.

Gráfico 2 – Faixa etária dos participantes da pesquisa



Fonte: elaboração própria.

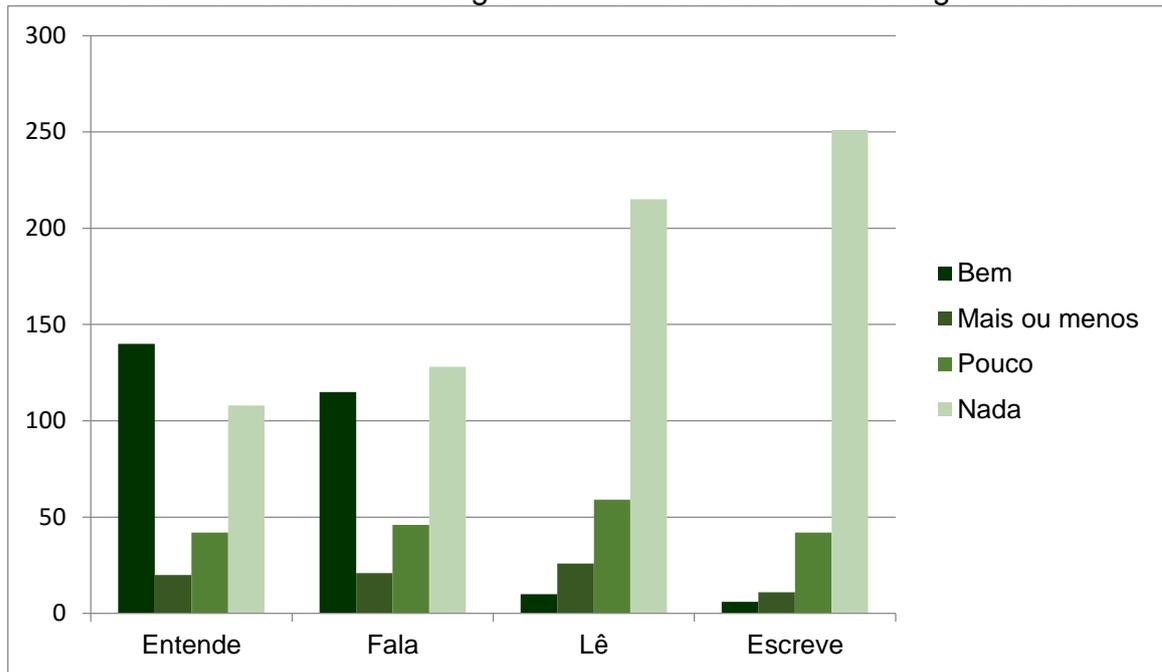
Em uma das perguntas os moradores foram questionados a respeito das línguas, as quais utilizam no contexto familiar. As respostas a essa pergunta são apresentadas no Gráfico 3.



Como podemos observar no Gráfico 3, o português é a língua mais utilizada no contexto familiar da parcela da população participante da pesquisa. 115 pessoas afirmaram utilizar português e alemão⁴¹. Por sua vez, o número de pessoas que utilizam apenas o alemão diminuiu consideravelmente, apenas 26 pessoas. Dentre as 26 pessoas que adotam exclusivamente o idioma alemão no âmbito familiar, 24 identificam-se como luteranas e 2 como católicas. Isso sugere que a igreja luterana desempenhou/desempenha um papel significativo na preservação e promoção do idioma alemão dentro da comunidade estudada. Podemos observar uma forte associação entre a religião e a língua, por parte daqueles que adotam apenas o alemão no ambiente familiar. Adicionalmente, constata-se que 24 desses indivíduos residem em áreas rurais, ao passo que apenas 2 habitam áreas urbanas.

⁴¹ Na análise dos dados, utilizo o termo alemão, haja vista ser a expressão utilizada nos questionários. Neste contexto, a distinção entre as variedades linguísticas não se mostra pertinente.

Gráfico 4 – Habilidades linguísticas dos informantes em língua alemã

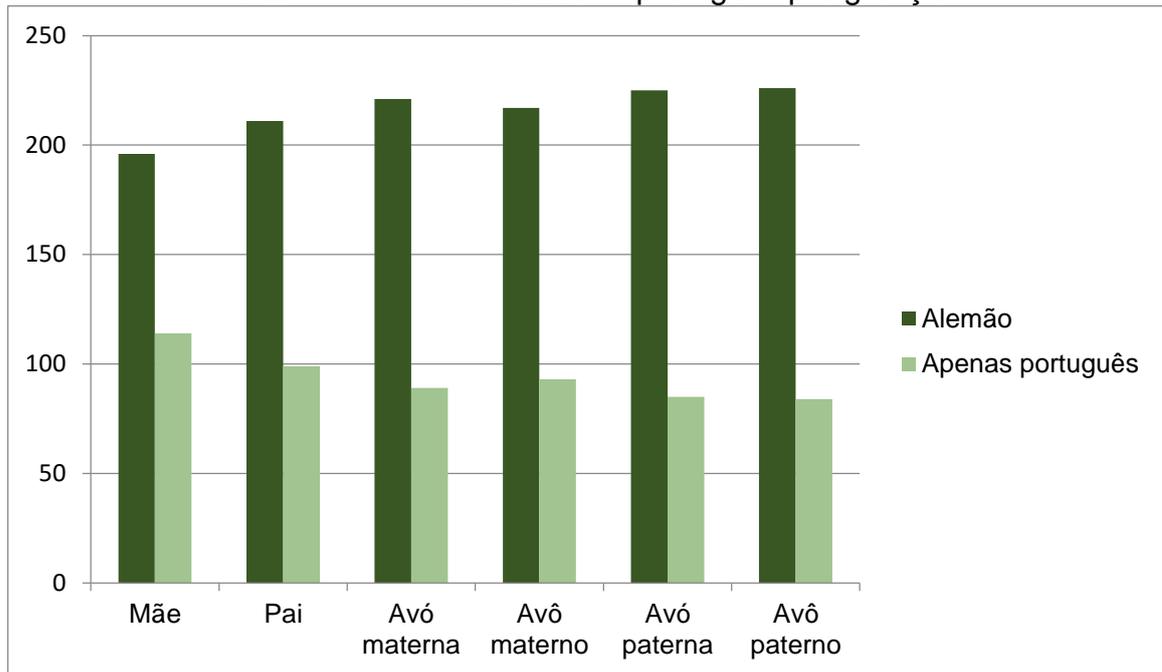


Fonte: elaboração própria.

Com base no Gráfico 4, podemos observar que a proficiência linguística da parcela de águas-mornenses alcançada é muito maior na oralidade, ou seja, na compreensão oral e na fala. Já quanto as habilidades escritas, apenas 6, dos 310 informantes consideram que sabem ler e escrever bem em alemão. Ao analisar essa pequena parcela de moradores que dominam bem as habilidades escritas do idioma, pude observar que todos possuem ensino superior completo e 4 deles afirmaram ter aprendido o idioma alemão no âmbito familiar e na escola. Sendo assim, podemos supor que a tradição escrita da língua alemã não está mais sendo transmitida através das gerações em Águas Mornas, mas sim através do ensino formal da língua.

Em relação ao uso do alemão entre as diferentes gerações, evidencia-se uma tendência na qual o número de falantes da língua alemã cresce progressivamente em cada geração mais velha, conforme Gráfico 5.

Gráfico 5 – Uso de alemão e português por geração



Fonte: elaboração própria.

Com base no Gráfico 5, observa-se que há uma leve diferença quanto ao sexo do falante. Em comparação com seus respectivos pares, os homens utilizam mais o idioma alemão do que suas esposas, exceto pelo grupo dos avôs maternos. Ao direcionarmos nossa atenção para os informantes que forneceram esses dados, observa-se que a grande maioria, cujos pais e avós utilizam apenas o português, reside na parte urbana de Águas Mornas (conforme Quadro 4).

Quadro 4 – Moradia dos informantes, cujos pais e avós utilizam apenas o português

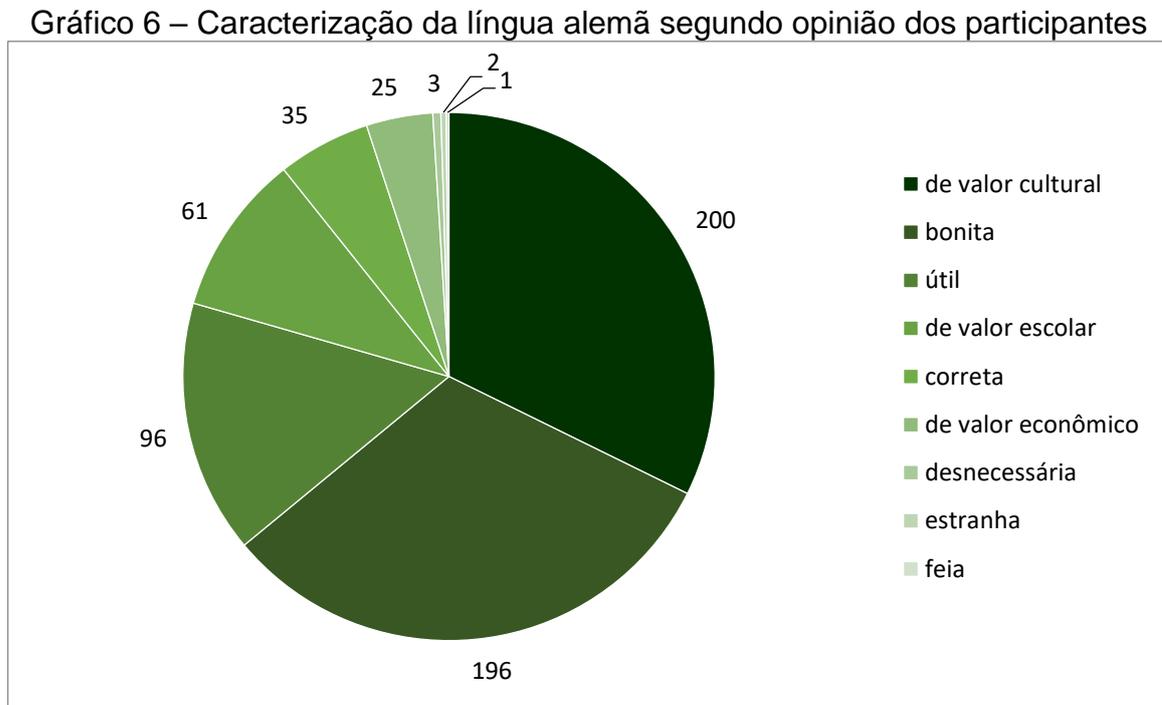
Familiar	Informantes da área rural	Informantes da área urbana
Mãe	39	75
Pai	29	70
Avó materna	24	65
Avô materno	30	63
Avó paterna	26	59
Avô paterno	24	60

Fonte: elaboração própria.

Os informantes foram questionados também quanto às ocasiões nas quais eles e seus familiares utilizam o alemão. Constatou-se que o alemão é predominantemente empregado no ambiente familiar (241 respostas), seguido pelo uso com amigos (110 respostas) e na igreja (36 respostas). É importante destacar que a soma das respostas não totaliza 310, o número total de respostas ao

questionário, pois os informantes podiam selecionar mais de uma opção e àqueles que não falam alemão deixaram este campo em branco.

No Gráfico 6, podemos observar a caracterização da língua alemã na opinião dos participantes da pesquisa.



Fonte: elaboração própria.

Assim como na questão anterior, quanto à suas opiniões sobre o alemão, os informantes puderam marcar mais de uma opção. Na visão da maior parte dos informantes, o alemão é considerado uma língua bonita e de valor cultural. Obtiveram-se, quase em sua totalidade, opiniões positivas com relação ao idioma.

Por fim, os informantes foram questionados sobre as escolas da rede municipal, se elas deveriam oferecer o ensino de alemão. As respostas indicam que 92,9% dos informantes gostariam que existissem aulas de alemão nas escolas municipais e 7,1% são contrários. Quanto aos informantes que são contrários a esta iniciativa, observa-se o perfil apresentado no Quadro 5.

Quadro 5 – Dados dos informantes contrários ao ensino de alemão nas escolas municipais.

Proficiência linguística:	
Falam alemão	3
Falam pouco alemão	3
Não falam alemão	16
Residência no município:	
Mais de 25 anos	16
Menos de 25 anos	6
Religião:	
Católica	20
Luterana	1
Espírita	1

Fonte: elaboração própria.

Com base no Quadro 5, podemos observar que o perfil do informante que acredita que não deveria ser ensinado alemão nas escolas da rede municipal é composto em sua maioria por pessoas que não falam o idioma, residem há mais de 25 anos no município e, quase em sua totalidade, são católicos.

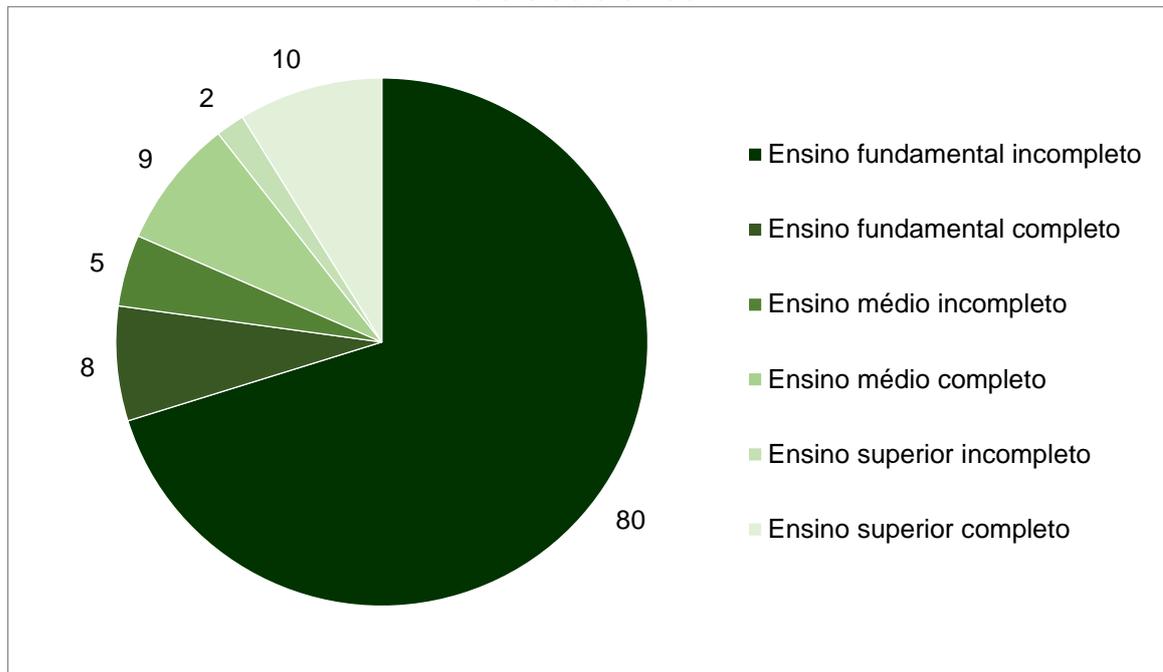
Após termos uma visão geral de todos os informantes que aceitaram participar da pesquisa, acredito que seja importante analisarmos apenas a parcela da população que julga dominar **bem** as habilidades orais do alemão. Dentre todos os participantes, 114 afirmam falar e entender bem o idioma, o que representa 36,7% do total alcançado na presente pesquisa. Destes, 104 pessoas residem na área rural e apenas 10 na área urbana do município.

Em relação à religião dos informantes, constatou-se que 74 são luteranos, 39 são católicos e 1 é budista. Tal resultado parece estar correlacionado ao histórico uso do idioma alemão como língua litúrgica pelos luteranos, enquanto os católicos utilizavam o latim até os anos 1960⁴².

Quanto à escolaridade dos informantes que declararam falar e entender bem o alemão, 70,1% deles não chegaram a completar o ensino fundamental, como podemos observar no Gráfico 7.

⁴² Sobre o uso de línguas vernaculares na liturgia católica, tem-se: “[c]om a criação do Concílio Vaticano II, que durou entre 1962 e 1965, vários aspectos da Igreja Católica foram modernizados, sendo um deles a língua utilizada nas celebrações. O encontro entre os eclesiásticos na época estabeleceu que seria mais simples realizar as missas de acordo com a cultura e o idioma do país que as celebram a fim de tornar o ritual mais acessível.”(Papa, 2021).

Gráfico 7 – Escolaridade da população que declarou dominar bem as habilidades orais do alemão.

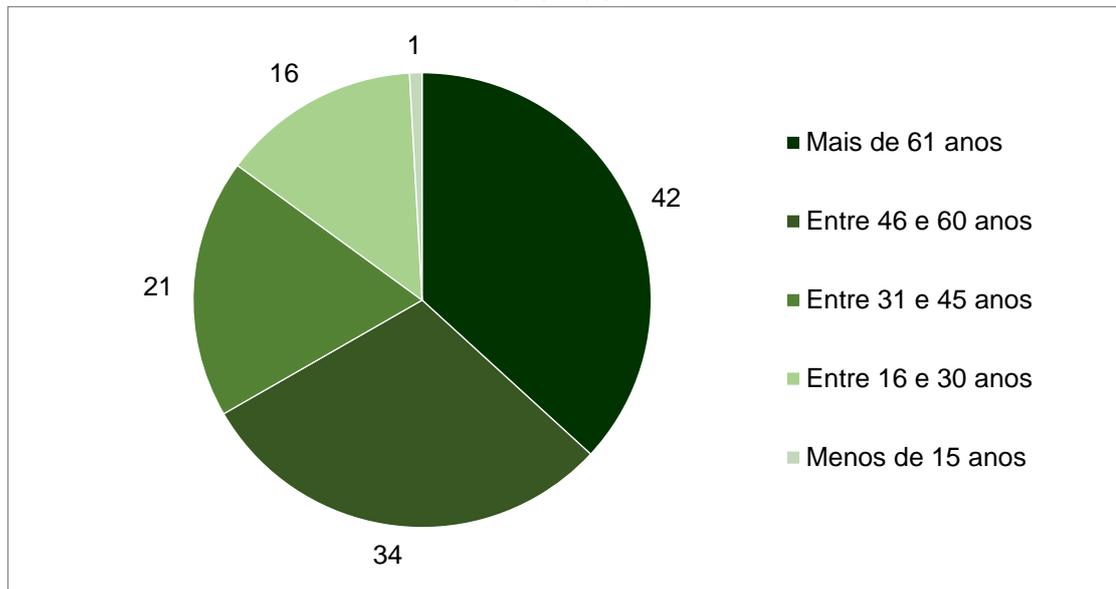


Fonte: elaboração própria.

A interpretação do Gráfico 7 sugere uma possível restrição do uso do alemão devido à escolarização. No entanto, é importante destacar que quase 67% da população que afirmou falar e compreender bem o alemão possui mais de 46 anos de idade. Durante a época em que essas faixas etárias estavam em idade escolar, o ensino era precário na comunidade e pouco incentivado.

O grupo de águas-mornenses alcançado é composto por informantes de todas as faixas etárias levantadas pela pesquisa, porém observa-se uma tendência, quanto mais velha a faixa etária, maior a porcentagem de pessoas que declararam entender e falar bem o alemão (conforme Gráfico 8).

Gráfico 8 – Idade da população que afirmou dominar bem as habilidades orais do alemão.



Fonte: elaboração própria.

Ao analisarmos o Gráfico 8, é possível observar que a fluência em alemão está diminuindo nas gerações mais novas e chega muito próxima de zero entre aqueles com idade inferior a 15 anos. E quando comparamos essas informações do Gráfico 8 com o número total de participantes alcançados pela pesquisa, os resultados são ainda mais preocupantes, pois o grupo de indivíduos com 15 anos ou menos foi o grupo com maior participação (conforme Tabela 1).

Tabela 1 - Percentual de indivíduos que falam e compreendem bem o alemão por faixa etária

Faixa etária	Total de participantes	Falam e compreendem bem o alemão	Percentual
15 anos ou menos	103	1	0,97%
Entre 16 e 30 anos	61	16	26,23%
Entre 31 e 45 anos	50	21	42%
Entre 46 e 60 anos	45	34	75,56%
Mais de 61 anos	51	42	82,35%

Fonte: elaboração própria.

Ao analisarmos Tabela 1, podemos observar que a diferença no percentual de falantes entre as duas faixas etárias mais velhas é pouca, porém no grupo abaixo de 46 anos há uma diminuição maior. Seriam necessárias pesquisas mais aprofundadas para identificar o que ocorreu na década de 70 e o que fez com que o número de falantes declinasse mais rapidamente. Mas seria a chegada da energia

elétrica nas casas águas-mornenses um fator determinante, como afirma Thomas em um trecho de sua entrevista?

Deixa eu tentar lembrar um pouco isso foi início dos anos 70, 71, 72, quando eu entrei na escola. ... É mas a energia só ia chegar cinco ou seis anos depois. A partir daí que eu acho que teve assim, uma quebra, uma ruptura dessa questão do alemão dominar bastante entre as casas das famílias aqui. Porque quando a televisão entrou nas casas, quebrou todo o processo, pelo menos essa parte, né? A partir daí, já o português começou a tomar conta e a gente percebe que, por exemplo, eu percebo hoje que colegas aí com a casa dos 50, a maioria deles, a maioria dos moradores aqui que tá na casa dos 50, eles entendem o alemão. Mas abaixo dos 50, a maioria pode até entender, mas não fala, né? (Thomas)

Tabela 2 - Percentual de indivíduos que falam e compreendem bem o alemão por localidade

Localidade	Total de participantes	Falam e compreendem bem o alemão	Percentual
Rio Antinhas	1	1	100%
Fazenda de Lourdes	2	2	100%
Segunda Linha	26	23	88,4%
Linha Bauer	3	2	66,6%
Rio Miguel	19	12	63,1%
Rio do Cedro	72	45	62,5%
Fazenda Sacramento	10	4	40%
Rio Novo	3	1	33,3%
Loeffelscheidt	10	3	30%
Rio Salto	4	1	25%
Santa Isabel	16	4	25%
Teresópolis	27	6	22,2%
Rio Cubatão	19	4	21%
Santa Cruz da Figueira	44	5	11,3%
Vargem Grande	30	1	3,3%

Fonte: Elaboração própria.

Como podemos observar Tabela 2, algumas localidades contaram com a participação de um número pequeno de informantes e as proporções de indivíduos que falam e entendem bem o alemão nessas localidades pode não retratar a realidade real desses locais, porém o que chama a atenção são as localidades de Santa Cruz da Figueira e Vargem Grande, ambas localizadas no perímetro urbano, que tiveram grande representatividade no presente estudo, mas com um número muito pequeno de pessoas que falam e entendem bem o idioma alemão. Santa Cruz da Figueira, por estar mais próxima da área rural, apresentou maior número de falantes de línguas alemãs, em comparação a localidade de Vargem Grande.

5.3 ENTREVISTAS

Ao todo, foram realizadas 15 entrevistas, com moradores de 10 bairros do município, sendo eles: Rio do Cedro, Rio Miguel, Rio Salto, Rio Cubatão, Fazenda de Lourdes, Santa Cruz da Figueira, Loeffelscheidt, Teresópolis, Santa Isabel e Segunda Linha. Para participar da entrevista, foi necessário atender aos seguintes critérios: (1) residir em Águas Mornas; (2) ter idade mínima de 18 anos; (3) falar pelo menos uma língua alemã; (4) concordar voluntariamente em participar desta pesquisa; e (5) consentir a gravação (áudio) da entrevista.

5.3.1 Perfil dos entrevistados

A partir dos critérios pré-estabelecidos, busquei entrevistar pessoas de ambos os sexos, de faixas etárias diversas e com diferentes graus de escolaridade, a fim de obter uma representação abrangente da comunidade de Águas Mornas. Isso possibilitou uma análise mais completa e diversificada das perspectivas, experiências e opiniões dos moradores, enriquecendo assim os resultados da pesquisa.

No Quadro 6 podemos observar a relação de entrevistados, bem como a idade, bairro de residência, profissão, grau de escolaridade, religião e tempo de permanência fora da localidade de moradia atual. O nome dos participantes foi alterado, a fim de preservar o anonimato dos mesmos e cada um recebeu ainda um número correspondente, facilitando assim a transcrição dos dados, conforme detalhado no Anexo D.

Quadro 6 - Dados dos entrevistados

Participante	Idade	Bairro	Profissão	Escolaridade	Religião	Permanência fora da localidade
Max (I1)	58	Rio do Cedro	Agricultor	Fundamental incompleto	Católica	23 anos: Morou em Fazenda de Lourdes.
Peter (I2)	50	Santa Cruz da Figueira	Empreendedor	Médio Completo Curso técnico realizado na Alemanha	Católica	23 anos: Morou na Alemanha.
Katrin (I3)	41	Fazenda de Lourdes	Professora	Superior completo	Luterana	4 anos: Morou em Palhoça.
Sabine (I4)	34	Loeffelscheidt	Professora	Superior completo	Católica	7 anos: Morou em Palhoça e Florianópolis.
Susanne (I5)	35	Rio Miguel	Agricultora	Superior completo	Luterana	—
Michael (I6)	60	Teresópolis	Agricultor	Fundamental incompleto	Católica	14 anos: Morou em Rio Salto.
Petra (I7)	70	Rio Salto	Agricultora	Fundamental incompleto	Católica	18 anos: Morou em São Bonifácio.
Marie (I8)	55	Rio do Cedro	Agricultora	Fundamental incompleto	Luterana	—
Emma (I9)	67	Santa Cruz da Figueira	Agricultora	Fundamental incompleto	Católica	17 anos: Morou em Rio Novo.
Ben (I10)	69	Segunda Linha	Agricultor	Fundamental incompleto	Luterana	—
Mia (I11)	28	Segunda Linha	Agricultora	Fundamental completo	Luterana	—
Paul (I12)	70	Rio Cubatão	Agricultor	Fundamental incompleto	Católica	—
Astrid (I13)	79	Rio do Cedro	Agricultora	Fundamental incompleto	Luterana	10 anos: Morou em Rancho Queimado.
Thomas (I14)	58	Santa Isabel	Professor	Pós-Graduação	Luterana	3 anos: Morou em Brusque.
Otto (I15)	57	Fazenda de Lourdes	Pedreiro	Fundamental incompleto	Luterana	3 anos: Morou em Rio do Cedro.

Fonte: elaboração própria.

5.3.2 Transcrição dos áudios

Na transcrição dos áudios das entrevistas, procurei preservar a linguagem utilizada pelos entrevistados, buscando manter a fidelidade ao máximo possível em relação às suas expressões orais. Como sugerido por Marcuschi (2003, p. 11 *apud* Nunes, 2022), coloquei em itálico as palavras utilizadas de forma diferente da norma padrão e também as palavras, expressões e trechos de músicas falados nas línguas alemãs.

A transcrição dos áudios se deu com suporte da plataforma Sonix⁴³, a qual converte automaticamente áudios e vídeos em texto. A plataforma, porém, não ofereceu as transcrições 100% corretas, principalmente nos trechos em que os entrevistados utilizaram línguas alemãs, sendo necessário revisar as transcrições.

Baseado em Nunes (2022, p. 122), desenvolvi um sistema de transcrição para auxiliar nessa etapa da pesquisa (conforme Quadro 7).

Quadro 7 – Sistema de transcrição das entrevistas.

()	Dúvidas (não se entende uma parte da fala) “incompreensível”. (MARCUSCHI, 2003, p.11)
“...”	Indicação de pausa do/da falante, reflexão. Hesitação (MARCUSCHI, 2003, p.11)
[...]	Intervalo suprimido
P	Pesquisadora
I	Informante

Fonte: adaptado de Nunes (2022, p. 122).

A transcrição dos trechos em línguas alemãs se deu em sua maioria em alemão padrão, com exceção das palavras específicas do Hunsrückisch, as quais foram grafadas com base no *Dicionário Hunsriqueano Riograndense – Português* (Boll, 2021).

5.3.3 Autodenominação linguística

Na parte inicial da entrevista, os entrevistados foram questionados sobre as línguas que dominam, a fim de verificar a autodenominação de suas línguas. Todos

⁴³ Sonix automaticamente transcreve, traduz e ajuda você a organizar seus arquivos de áudio e vídeo em mais de 40 idiomas. <https://sonix.ai/pt>

os entrevistados falam o português e ao menos uma língua alemã da comunidade local, o que era um pré-requisito para participar da entrevista. Os participantes foram questionados sobre a nomenclatura do alemão falado por eles, e 10 deles afirmaram utilizar apenas o termo “alemão” para se referirem à língua que utilizam. Porém, os termos *Hochdeutsch*, *Hunsrückisch* e *Kaffeepflückersch* também foram mencionados pelos participantes.

Apesar da maioria não ter uma nomenclatura para o alemão que utiliza, é perceptível, em alguns casos, uma sensação de que o alemão falado por eles é inferior, como podemos ver nas citações a seguir:

“É um dialeto, né. Não é o “...” alemão. É um dialeto nosso aqui, né?”
(Katrín)

“A gente fala alemão, mesmo sabendo que não é, né? É um dialeto, na verdade, o que a gente fala, é o Hunsrückisch que eles dizem.” (Sabine)

“Só que o nosso dialeto aqui não é nada “...” formal [risos].” (Susanne)

Segundo Coseriu (1982 *apud* Ewald, 2019, p. 277) o conceito de dialeto é interpretado de forma errônea, considerado inferior à língua, porém como afirma o autor, “entre língua e dialeto não há diferença de natureza substancial, o que existe é diferença de status histórico”.

Buscar compreender as motivações por trás dessas afirmações é crucial, embora isso exija uma investigação mais detalhada sobre o assunto. No entanto, é importante ressaltar que essa análise não é objetivo da presente pesquisa, mas poderia ser explorada em pesquisas futuras.

Ainda assim, mesmo sem uma nomenclatura para o seu alemão, a totalidade dos entrevistados reconhece a existência de mais de uma língua alemã em Águas Mornas, como podemos observar nos trechos retirados das entrevistas e agrupados no Quadro 8.

Quadro 8 - Percepções dos entrevistados sobre as línguas alemãs em Águas Mornas.

Entrevistado	Resposta
Michael	“O bairro Loeffelscheidt, Fazenda já muda bastante daqui, né? Não fala todo mundo igual, não!”
Max	“Tem umas 3 que eu sei que é diferente uma da outra.”
Peter	“Loeffelscheidt tem um, Santa Isabel é outro, Teresópolis é outro.”
Marie	“Eu sei que no Loeffelscheidt já é diferente. “...” Tem lugares na Fazenda que é diferente, assim que a gente percebe que eles <i>fala</i> diferente do nosso, né?”
Emma	“todo ele é diferente. Que o Loeffelscheidt e nós são bem diferente.”
Ben	“Santa Isabel <i>enton</i> , <i>chá falon</i> mais gramatical. Loeffelscheidt, <i>enton</i> aí a

Entrevistado	Resposta
	<i>chente</i> deixa quase fora, que eles, [risos] eles só <i>ton</i> as iniciais das palavra.”
Katrin	“Aqui na mesma localidade, aqui a gente fala de um jeito, a família lá do outro lado do rio já fala de outro jeito. Tem umas palavras bem diferentes assim, um sotaque diferente, tudo, né?”
Mia	“Eu já escutei, do Canto dos Schuch, Loeffelscheidt é outro alemão já.”
Paul	“Aqui é uma coisa e lá no Loeffelscheidt é outra coisa. Eles falam diferente daqui.”
Astrid	“Cada lugar como Loeffelscheidt “...” fala diferente ainda hoje.”
Thomas	“Aqui nós temos uma mistura de dialetos muito grande. Eu vou usar dialetos porque eu acho que assim, hoje já se utiliza outras, outras formas de falar, mas assim, eu sempre “...” vi que não existe um alemão em Águas Mornas. Então nós temos diferentes dialetos.”
Otto	“É diferente. Santa Isabel já é diferente que nem aqui. Loeffelscheidt é outro.”
Peter	“Eu só sei esse do <i>Westfälisch</i> , esse dos <i>Kaffeepflücker</i> e “...” <i>Hunsrückisch</i> .”
Petra	“Tem o <i>Hochdeutsch</i> , tem o <i>Platt</i> , <i>Westfälisch</i> . “...” Tem três tipos de certeza, que eu sei.”

Fonte: elaboração própria.

Como podemos observar, foram muitos os comentários relacionados às diferenças linguísticas percebidas pelos entrevistados, sendo Loeffelscheidt a localidade mais citada. Segundo Altenhofen e Morello (2022), em Loeffelscheidt, a língua alemã que se faz presente é o *Hunsrückisch*. Sendo assim, podemos concluir, com base nos comentários dos entrevistados, que a língua falada pela maioria dos entrevistados não é o *Hunsrückisch*, mas sim outra ou outras ainda não estudadas. Quando questionados a respeito das diferenças perceptíveis, os entrevistados citaram aspectos como pronúncia e vocabulário diferenciado, como podemos observar nos exemplos reunidos no Quadro 9.

Quadro 9 – Diferenças lexicais elencadas pelos entrevistados.

Entrevistado	Resposta
Sabine	“Eu falo Schlose e ele fala Hagel , sabe o que que é? Schlose e Hagel ? Granizo. A gente usa uma palavra, e ele usa outra. Bach , aí eu falo Bach , eles falam Fluss , a gente aqui fala euch - eu. Aí eles falam ich . É “...” o que mais tem diferente? Mas tem várias palavras diferentes, Buxe eu falo Buxe , eles falam Hose ”
Michael	“Nós aprendemos que trovada de pedra é era Schlose ou Hagel . E para lá, o pessoal dizia Kiesele , então é Schlose , Hagel e Kiesele . A mesma coisa em três nomes diferentes, né?”
Susane	“Corda, por exemplo, a gente fala Strick e eles falam Seil .”
Max	“Uns dizem Kartoffel ” né, e outros dizem Grummbeer ” né.”

Fonte: Elaboração própria.

Com base no quadro acima, observamos a existência de até três termos para referir-se a um único elemento, como no caso da palavra "granizo". Durante as entrevistas, os participantes mencionaram a existência de diversas variações lexicais no município, mas no momento da entrevista não conseguiram recordar outros exemplos.

5.3.4 Relatos sobre a proibição do alemão

Em um momento posterior da entrevista, os participantes foram questionados sobre o período em que foi proibida a utilização do alemão em território nacional. Para minha surpresa, mais da metade dos entrevistados afirmou desconhecer esse fato. O silenciamento da memória sobre o período em que o alemão foi proibido no Brasil pode ter se dado por uma série de fatores. Seria um deles a tendência de minimizar ou até mesmo negar aspectos desconfortáveis e traumáticos da história? Pois a proibição do alemão, segundo Campos (2006, p. 261) “traduziu-se, ao nível das comunidades, num verdadeiro trauma coletivo”.

Alguns, porém, compartilharam relatos que ouviram dos pais e avós, os quais destacam os esforços realizados, pelas pessoas que vivenciaram esse período, para falar uma língua que não dominavam ou ao menos não deixar transparecer que não falavam o português, como relata Sabine:

Quando todo mundo começava, ele teria que mexer a boca pra dizer que ele *tava* rezando, mesmo ele não sabendo o português, né? Porque até então era o alemão e daí passou para o português e eles não sabiam. E na rua, assim, não podia falar. E se falasse o alemão dentro de casa era bem baixinho. Até por isso que eu acho que a gente não, não sabe ler e escrever. Hoje o alemão aqui eu não conheço ninguém que sabe ler e escrever. (Sabine)

Outro ponto, citado por mais entrevistados, foi a questão dos materiais em língua alemã, os quais foram escondidos, até mesmo no mato, como relata Astrid, para que seus portadores não sofressem as consequências de serem pegos com esses materiais. Essas ações acabaram contribuindo para a perda de muitos desses materiais. Veja os relatos a seguir:

O *Vater* aqui, ele levou tudo que *tava* na escola, coisa alemão e quartou aqui em cima, naquele cantinho aqui que ninguém entra, na caixa de *querosen*, que ele botou lá. Depois o vô escutou que eles vêm pra cá pra pecar. Aí ele botou tudo na *cravatá*, por aí. Sumiu. (Astrid)

Ah, isso a mãe falava. Ela contou ali, que tinha uma época, não podia nada em alemão. Até eles tinham que esconder os *livro*, tudo que eles tinha em alemão, né? Se os *outro* vinha, *pa* não “...” se não “...” Eu acho que eles

maltratava daí. A lei era não podia falar em alemão e livro coisa não podia ter né? (Otto)

Mas eu lembro que eles falavam que eles esconderam ou escondiam lá durante a época, livros e algumas coisas mais, mais pessoais, né, que podiam lembrar a Alemanha. E, além disso, também assim eles evitavam falar quando tinha gente estranha. Então não se falava alemão quando tinha pessoas estranhas junto, eles tentavam enrolar um português, né? (Thomas)

Thomas relata ainda a preocupação vivida na época em utilizar o alemão próximo a pessoas desconhecidas, o que se aproxima do relato de Sabine, do medo em falar o idioma que utilizaram desde crianças.

Mesmo os nomes de origem alemã eram tidos como algo que poderia causar problemas para essas pessoas, como relata Michael:

Eu soube que tem pessoas que foram registrar nome. Aí o *próprio* pessoa ali do cartório, ele teve que convencer a pessoa mudar um pouco esse nome pelo fato de não ele registrar o nome alemão, ele ia ser penalizado por isso. É que tem um senhor, o nome dele era para ser Gottfried. Aí, aí o cara do cartório resolveu de colocar Godofredo em vez de Gottfried, para evitar esse problema, né? (Michael)

Os relatos supracitados retratam um pouco do medo sentido pelos falantes de línguas alemãs durante esse lastimável período histórico. Esse temor permeava as comunidades, a ponto de não saírem desacompanhados para as regiões mais urbanizadas com medo de retaliações, não somente por parte das autoridades, mas também dos próprios moradores dessas regiões, aqueles sem ascendência alemã, frequentemente referidos como “brasileiros”. Veja o relato de Max:

Contavam, que não podia ir sozinho pra Águas Mornas, pra baixo, de cavalo levar a mercadoria, no retorno eles esperavam ali “...” na entrada da Fazenda pra dá uma sura nos alemão. (Max)

Segundo Fáveri (2002, p. 73), “com a repressão à língua, os incautos falantes e delatados por um vizinho eram então enquadrados [...] como criminosos que atentavam contra a segurança do Estado. A população se dividiu, grosso modo, entre delatores e delatados”. O que, segundo Covolan e Almeida (2019, p. 21), deu palco a perseguições diversas, sob o pretexto de reprimir ameaças à segurança nacional.

Os jornais reforçavam a imagem dos inimigos da pátria, estimulando a “caça”, como se pode ver na edição de 4 de agosto de 1942 no jornal O Estado, que proclamava ser “o dever de todo brasileiro [...] descobri-los, para que sejam severa e duramente castigados”. (Covolan; Almeida, 2019, p.21)

O conjunto de relatos apresentados anteriormente, como a proibição do alemão, os falantes de línguas alemãs sendo obrigados a utilizar o português, a ocultação dos materiais em alemão e, conseqüentemente, a perda de muitos deles e

as retaliações podem ser citados como fatores que contribuíram consideravelmente para o processo de abandono do idioma alemão por parte da população.

5.3.5 Preservação das línguas alemãs

O objetivo principal da presente pesquisa é pensar políticas linguísticas a luz da comunidade de Águas Mornas para a preservação e maior valorização das línguas alemãs presentes no município. Sendo assim, os entrevistados foram questionados a respeito da necessidade de preservação/valorização do alemão no município e caso julgassem pertinentes tal ação, quais medidas deveriam ser tomadas para este fim. No Quadro 10, trago alguns trechos das entrevistas, a fim de dar voz aos protagonistas desta pesquisa e destacar suas perspectivas sobre o tema.

Quadro 10 - Perspectiva dos entrevistados sobre a preservação/valorização do alemão

Entrevistado	Resposta
Max	“É, isso tinha que ser um incentivo do município pra continuar naquilo ali né, porque quem sabe mais pra frente um dia isso vai se acabar né.”
Sabine	“Seria algo bem importante e interessante (ensinar alemão nas escolas municipais) pra resgatar um pouquinho isso né, dentro do nosso município, como eu falei, ele tá perdendo a identidade, porque aqui em Águas Mornas, na verdade, teve três colônias alemãs bem importantes na época e hoje em dia se tu <i>for</i> pensar, os jovens a maioria não fala mais, né.”
Sabine	“A prefeitura, ela se preocupa, tem ali o portal em Santa Isabel ‘segunda colônia alemã’ e não sei o que, mas não tem uma valorização efetiva.”
Susanne	“A prefeitura tem projetos de aula de tae-kwon-do, de futebol, de tudo isso. Poderia ter alguma coisa relacionada a isso? Alguma aula de alemão. Extracurricular, né? Fora de horário de aula. Tipo vai quem quer, quem pode.”
Michael	“Eu acho que seria bom se fosse ensinado o alemão. Não deveria deixar relaxar tudo não. De certa forma, ela nunca deixa de ter o seu valor de origem e querendo ou não, assim a cultura alemã diz muito para nós, né?”
Marie	“Eu acho que bem interessante isso (ensinar alemão nas escolas municipais). Seria interessante. “...” Porque as crianças, quanto mais “...” as crianças quanto mais novas elas vão aprendendo, melhor, né?”
Mia	“Sim, podiam ter aula de alemão porque a minha prima eles estudavam lá no “...” lá em São Pedro. Eles tinham aula de alemão uma vez por semana, né? Mas aqui em Águas Mornas nunca teve, né? Quando eu e meu irmão <i>estutava</i> , tinha aula de inglês, mas alemão nunca tinha. E seria legal se eles tivessem aula de alemão e coisa, mas não tem.”

Fonte: elaboração própria.

Com base nos relatos acima, podemos observar que existe interesse, por parte da comunidade águas-mornense, que seja ensinado alemão nas escolas da rede municipal e ainda segundo Susanne, poderia haver também projetos extracurriculares voltados ao ensino de alemão para a comunidade.

6 PROPOSTAS DE POLÍTICAS LINGUÍSTICAS

Após o levantamento de dados sociolinguísticos e da realização das entrevistas constatou-se que a ampla maioria dos participantes da pesquisa deseja a preservação e maior valorização do idioma alemão em Águas Mornas. Como abordado anteriormente, as políticas linguísticas devem ser pensadas para e pela comunidade, e foi isso que almejei ao realizar o presente estudo: promover a participação dos moradores e propor estratégias para atender aos seus anseios. Portanto, a proposta inicial é fornecer um retorno dessa pesquisa à comunidade, buscando promover um diálogo contínuo e eficaz.

Gostaria de propor a criação de um conselho municipal, composto por moradores, vereadores, secretaria da cultura, pesquisadores, entre outros grupos da sociedade, a fim de conceber e implementar atividades culturais que valorizem de fato a cultura germânica, bem como as línguas alemãs, no município de Águas Mornas. Tenho ciência de que tais ações, para saírem do papel, necessitam de investimentos, muitas vezes escassos devido à alegada falta de recursos. No entanto, é crucial pensar nessas ações de valorização e salvaguarda dessa riqueza cultural e linguística por dois vieses: o primeiro e principal, como forma de preservar a história do município e de seu povo; e segundo, voltado para o turismo, que pode gerar retornos financeiros significativos para o município.

No entanto, é importante questionar se essas iniciativas de valorização cultural realmente beneficiam a comunidade local e preservam a autenticidade cultural, ou se estão sendo direcionadas principalmente para fins turísticos e econômicos. A questão central é: até que ponto as tradições promovidas são fiéis à cultura local ou são apenas moldadas para se tornarem atrações turísticas mais vendáveis? Essa abordagem pode resultar em uma "folclorização", distorcendo e trivializando a herança cultural.

Por exemplo, a cidade de Pomerode, em Santa Catarina, conhecida como “a cidade mais alemã do Brasil”. Seria Pomerode realmente a cidade mais alemã do país ou esse título foi adotado com intuito de preservar a história e cultura local, ao mesmo tempo em que obtém retornos financeiros a partir do turismo impulsionado por esse slogan? Fato é que a cidade realiza anualmente várias atrações culturais voltadas as tradições germânicas, como por exemplo, a Festa Pomerana, a Osterfest, a Caminhada Noturna da Rota do Enxaimel, Weihnachtsfest, entre

outras⁴⁴, e conta com ensino de língua alemã em todas as escolas da rede municipal, sendo três delas parte do projeto bilíngue, o qual foi destaque no Congresso Internacional de Professores de Língua Alemã, na Áustria em 2022 (Ensino, 2022).

Outra proposição seria voltada à implementação do ensino de língua alemã nas escolas da rede municipal, uma vez por se tratar do anseio de quase 93% da população participante deste estudo. A partir disto, é importante nos questionarmos sobre qual alemão deveria ser ensinado, uma vez que na comunidade é falado o *Hunsrückisch*, o *Kaffeepflückersch*, o *Hochdeutsch* e outra(s) língua(s) alemã(s) ainda não identificadas.

Spinassé (2016) fala a respeito das escolhas das línguas estrangeiras nas escolas, as quais são em sua ampla maioria o inglês e o espanhol e defende que:

[o] mais ideal, contudo, seria que fosse possibilitado às pessoas aprender também as variedades (ou as variedades de origem das línguas) que são faladas no país, como no caso das línguas minoritárias: por exemplo, nas regiões onde o *Hunsrückisch* é falado, dever-se-ia poder oferecer, de fato, pelo menos o alemão *standard* nas escolas, que é a língua de origem dessa variedade alóctone. (Spinassé, 2016, p. 106)

Diante disso, no caso de Águas Mornas, as escolas deveriam oferecer, como língua adicional, ao menos o alemão *standard*, o qual é a língua de origem das línguas alemãs utilizadas no município.

É interessante ressaltar aqui que a ideia de focar no aprendizado da língua *standard* para tratar da manutenção da língua minoritária se justifica, uma vez que a estamos legitimando, com nossas ações, como língua-ponte para o aprendizado de outra língua – o que confere à língua minoritária uma função concreta e imediata, além de “permitir” a sua entrada em sala de aula. Nosso objetivo é, portanto, através do ensino, mostrar a relevância da língua minoritária para que, a partir disso, se mude a atitude em relação a ela. (Spinassé, 2016, p. 112)

Sendo assim, é crucial desenvolver, junto aos professores de alemão *standard* e às escolas,

estratégias didáticas bem como materiais que, almejando um melhor aprendizado dessa língua adicional, colaborem para a quebra dos preconceitos em relação à língua minoritária, visando a uma didática do multilinguismo. (Spinassé, 2016, p. 104)

Em outras palavras, é necessário fortalecer os elos entre as escolas e a universidade, auxiliando assim na formação de professores mais críticos e sensíveis para atuar nesses contextos.

⁴⁴ Veja a lista completa de festas e suas respectivas datas em: <https://visitepomerode.com.br/calendario-eventos/> Acesso em: 24 fev. 2024.

É necessário ainda, a fim de garantir que as políticas linguísticas sejam eficazes e para identificar áreas que necessitam de melhoria, a implementação de estratégias de avaliação e monitoramento contínuos. Essas estratégias fornecem uma estrutura para avaliar regularmente o impacto das políticas linguísticas, analisar seu desempenho e fazer ajustes quando necessário.

Minha intenção aqui não é oferecer soluções prontas, mas sim levantar questionamentos a respeito desta temática, a fim de instigar os órgãos e agentes responsáveis a agirem, para que ações efetivas sejam implementadas.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, ao longo deste estudo, pudemos conhecer melhor a realidade linguística de Águas Mornas e a partir do levantamento sociolinguístico chegar a alguns apontamentos com relação às línguas alemãs e seus usos no município.

Constatou-se, com base nos questionários, que quase 50% das pessoas alcançadas na pesquisa utilizam ao menos uma língua alemã no seu cotidiano, esses usos se dão principalmente no ambiente familiar e entre amigos. Tal como antecipado, apurou-se que o uso de línguas alemãs em Águas Mornas ocorre majoritariamente de forma oral, sendo muito poucos aqueles que sabem ler e escrever no idioma alemão. Podemos citar a Campanha de Nacionalização como um dos fatores que contribuíram para essa predominância do uso oral do idioma, pois durante o período de proibição do alemão, muitos materiais escritos foram perdidos, escolas cujo ensino se dava em língua alemã fechadas, dentre tantas outras ações que promoveram a supressão das línguas e cultura alemãs.

A utilização de línguas alemãs em Águas Mornas é consideravelmente maior entre os moradores da área rural, luteranos e indivíduos mais velhos. Os fatores moradia, religião e idade são aspectos importantes, quando buscamos entender o contexto de utilização das línguas alemãs no município. Isso pode ser verificado ao analisarmos apenas a parcela da população que afirmou dominar bem as habilidades orais do alemão, da qual 91% moram no perímetro rural, 64% são luteranos e enquanto mais de 82% das pessoas com mais de 61 anos declararam dominar bem a oralidade no idioma, na parcela com menos de 15 anos, o percentual não chega a 1%. Como linguista e principalmente como águas-mornense, vejo esses dados de forma preocupante, pois indicam que nosso patrimônio linguístico está gravemente ameaçado, podendo desaparecer caso medidas não sejam tomadas.

Águas Mornas carece de políticas linguísticas, apesar do contexto de imigração germânica no qual está inserida e da riqueza linguística que permeia o cotidiano águas-mornense. Verificou-se que muito pouco vem sendo discutido e feito para a preservação linguística no local. Espero, com o presente estudo, dar visibilidade à pauta e reivindicar junto às autoridades competentes ações concretas para valorização e preservação das línguas alemãs na comunidade.

Em comparação com municípios vizinhos, Águas Mornas fica muito aquém, pois São Pedro de Alcântara oferece aulas de alemão na rede municipal de ensino desde 2015⁴⁵, Rancho Queimado está empenhando esforços para oferecer o ensino de alemão na rede municipal em 2024 e temos ainda o caso de Antônio Carlos, onde o Hunsrückisch é língua cooficial desde 2010 e possui como meta estabelecida no plano municipal de educação “institucionalizar a educação e a alfabetização bilíngue português/Hunsrückisch, em conformidade com a Lei Municipal 132/2010 e suas posteriores regulamentações” (Antônio Carlos, 2015).

Como pudemos verificar, a partir dos dados coletados, o português está cada vez mais presente nos lares águas-mornenses, e caso não sejam desenvolvidas políticas para valorização e preservação das línguas alemãs no município, existe o risco iminente de sua extinção em poucas gerações, conforme as tendências reveladas pelo levantamento sociolinguístico. Tal levantamento apurou ainda, que a população local percebe a necessidade de intervenção institucional para preservação de suas línguas, fator fundamental para o êxito de políticas públicas nesse âmbito, como afirma Rajagopalan (2013, p. 37) “as políticas linguísticas mais sadias e robustas sempre têm como partícipes e como alvo os cidadãos”.

Ao fim da pesquisa, torna-se evidente o desejo da maioria dos participantes em preservar e valorizar as línguas e cultura alemãs em Águas Mornas. Nesse sentido, proponho a criação de um conselho municipal voltado ao desenvolvimento e promoção de atividades culturais, bem como a inclusão do ensino da língua alemã nas escolas da região. No mínimo, do alemão *standard*, como forma de legitimar e estimular o aprendizado das línguas locais. Ressalto ainda a importância da avaliação constante dessas políticas linguísticas para garantir sua efetividade e identificar áreas de aprimoramento. O objetivo final é instigar reflexões e promover ações concretas para preservar a riqueza linguística e cultural de Águas Mornas.

O presente estudo lançou luz a uma pequena parte do cenário linguístico de Águas Mornas, sendo possível e necessária a realização de inúmeros estudos no local. Como sugestões de pesquisas futuras, deixo alguns questionamentos em

⁴⁵ A Lei Nº 953, de 06 de abril de 2015, estabelece: “Art. 1º Torna-se obrigatório o ensino dos idiomas alemão e inglês na Rede Municipal de Ensino em todos os anos do Ensino Fundamental” (São Pedro de Alcântara, 2015).

aberto: quais línguas alemãs são faladas em Águas Mornas? Quais fatores levaram a população local a utilizar cada vez menos as línguas de seus antepassados?

Em síntese, busquei com este estudo destacar a importância da preservação das línguas alemãs em Águas Mornas e ressaltar a necessidade de políticas e ações concretas para salvaguardar esse patrimônio linguístico e cultural, pois a partir dessas iniciativas, podemos não apenas preservar, mas também fortalecer a diversidade linguística e cultural de Águas Mornas.

REFERÊNCIAS

ABREU, Raphael Lorenzeto de. Localização de Águas Mornas em Santa Catarina. Wikipédia: [s. n.], 2006. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%81guas_Mornas#/media/Ficheiro:SantaCatarina_Municip_AguasMornas.svg Acesso em: 28 mai. 2024.

ÁGUAS MORNAS. **O Município.** s/d. Disponível em: <https://aguasmornas.sc.gov.br/pagina-34923/> . Acesso em: 28 mai. 2024.

ÁGUAS MORNAS. **Arquitetura Enxaimel atrairá turistas para Águas Mornas.** 2010. Disponível em: <https://aguasmornas.sc.gov.br/noticia-585455/> . Acesso em: 28 mai. 2024.

ÁGUAS MORNAS. **Nova Unidade de Saúde [...].** Águas Mornas, 20 fev. 2015. Facebook: (Prefeitura Municipal Águas Mornas). Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=527814300692150&set=a.52781110735913>. Acesso: 28 mai. 2024.

ÁGUAS MORNAS. **Olha que legal [...].** Águas Mornas, 24 mar. 2023. Instagram (prefeituraaguasmornas). Disponível em: https://www.instagram.com/p/CqLVunGDoOB/?img_index=1 Acesso em: 28 mai. 2024.

ÁGUAS MORNAS. Lei nº 38 de 1966. Institui o código de posturas do município de Águas Mornas. Águas Mornas, 1966.

ÁGUAS MORNAS. Lei nº 435, de 25 de maio de 1994. Dispõe sobre atribuições de cargos em comissão. Águas Mornas, 1994a.

ÁGUAS MORNAS. Lei nº 449, de 18 de outubro de 1994. Dispõe sobre os símbolos municipais. Águas Mornas, 1994b.

ÁGUAS MORNAS. Lei nº 460, de 15 de dezembro de 1994. Institui o Troféu Honorífico denominado "O Colonizador". Águas Mornas: 1994c.

ÁGUAS MORNAS. Lei nº 470, de 12 de abril de 1995. Dispõe sobre incentivos fiscais à casas típicas que forem construídas na área urbana. Águas Mornas, 1995.

ÁGUAS MORNAS. Lei nº 549, de 04 de abril de 1998. Declara "Domingos Martins", no estado do Espírito Santo, cidade irmã de Águas Mornas. Águas Mornas, 1998.

ALTENHOFEN, C. V.; MARGOTTI, Felício Wessling. O português de contato e o contato com as línguas de imigração no Brasil. In: MELLO; ALTENHOFEN; RASO. (orgs.). **Os contatos linguísticos no Brasil.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p. 289-315

ALTENHOFEN, C. V.; MORELLO, Rosângela [et al.]. **Hunsrückisch: inventário de uma língua do Brasil.** Florianópolis: Editora Garapuvu, 2022.

ALTENHOFEN, C. V; OLIVEIRA, G. M. O in vitro e o in vivo na política da diversidade lingüística do Brasil: inserção e exclusão do plurilinguismo na educação e na sociedade. In: MELLO, H.; ALTENHOFEN, C. & RASO, T. (orgs.). **Os contatos lingüísticos no Brasil**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2011.

ANTÔNIO CARLOS. Lei nº 132/2010. Dispõe sobre a instituição do *Hunsrückisch* como língua cooficial do município. Antônio Carlos, 2010.

ANTÔNIO CARLOS. Novo plano municipal de educação. Prefeitura de Antônio Carlos, 2015. Disponível em: <https://antoniocarlos.sc.gov.br/estrutura/pagina-3299/pagina-47278/> Acesso em: 25 fev. 2024.

AZEVEDO, Liliam Keide Arnhold de. **A heterogeneidade do hunsruckisch em Salvador do Sul**: formas de discursivização e políticas linguísticas. 2016. 147 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Florianópolis, 2016. Disponível em: <https://bu.ufsc.br/teses/PLLG0660-D.pdf>

BERARDI-WILTSHIRE, A. Endangered languages in the home: the role of family language in the revitalisation of indigenous languages. **Revista Linguística**, Rio de Janeiro, v. 13, n.1, p. 328-348, 2017.

BOLL, Piter Kehoma. **Dicionário Hunsriqueano Riograndense – Português**. [S. l.: s. n.], 2021. Disponível em: https://hunsriqueanoriograndense.files.wordpress.com/2021/04/dicionario_hrx-por_v3.0.pdf Acesso em: 11 jan. 2024.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Presidência da República, 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm#:~:text=13,.armas%20e%20o%20selo%20nacionais. Acesso em: 20 maio 2024.

BUBNIAK , Gabriela; FREITAS , Misael. As "tifas" de Jaraguá do Sul: quais são e onde ficam?. **OCP News**, 05 maio 2018. Disponível em: <https://ocp.news/entretenimento/as-tifas-de-jaragua-do-sul-quais-sao-e-onde- ficam> . Acesso em: 10 jan. 2024.

CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística – uma introdução crítica**. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.

CALVET, Louis-Jean. **As políticas linguísticas**. Trad. Isabel de Oliveira Duarte, Jonas Tenfen e Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2007.

CAMPOS, Cynthia Machado. **A política da língua na era Vargas**: proibição do falar alemão e resistência no sul do Brasil. Editora da UNICAMP, 2006.

CARDOSO, Mônica. Plataforma do Letramento: o Brasil e suas muitas línguas. **I POL em ação**. 2016. Disponível em: <http://ipol.org.br/tag/linguas-do-brasil/> Acesso em: 20 maio 2021.

CARREGA, Arthur Daltin. As propagandas imigrantistas do Brasil no século XIX: o caso da Sociedade Central de Imigração. **Patrimônio e Memória**, Assis, SP, v. 15, n. 2, p. 154-171, 28 maio 2019.

COMUNICAÇÃO. **Águas Mornas**. Agência de Notícias SECOM. 2014. Disponível em: <https://estado.sc.gov.br/noticias/aguas-mornas/>. Acesso em 28 mai. 2024.

COVOLAN, Fernanda Cristina; ALMEIDA, Melissa Pinheiro. Repúdio aos "súditos do eixo": legalização dos campos de concentração na Era Vargas. **Revista Opinião Jurídica**, Fortaleza, v. 17, n. 25, p. 13-36, 2019.

D'ARCY, A.; BENDER, E. M. Ethics in linguistics. **Annual Review of Linguistics**, San Mateo, CA-USA, v. 9, p. 49–69, 2023.

DEIN SPRACHCOACH. **Dialekte in Deutschland**. s/d. Disponível em: <https://dein-sprachcoach.de/deutsche-dialekte/>. Acesso em 28 mai. 2024.

ENSINO bilíngue de Pomerode é destaque internacional. **Portal Testo Notícias**. 24 ago. 2022. Disponível em: <https://testonoticias.com.br/entretenimento/clic-tn/ensino-bilingue-de-pomerode-e-destaque-internacional%ef%bf%bc/> Acesso em: 24 fev. 2024.

EWALD, Luana. Língua ou dialeto? Considerações sobre o estatuto da língua de imigração alemã na ciência brasileira. **Linguagens - Revista de Letras, Artes e Comunicação**, Blumenau, v. 13, n. 2, p. 269-288, 2019.

FÁVERI, Marlene de. **Memórias de uma (outra) guerra: cotidiano e medo durante a segunda guerra em Santa Catarina**. Florianópolis, 2002. 392 f. Tese (Doutorado) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002. Disponível em: <https://bu.ufsc.br/teses/PHST0177-T.pdf>. Acesso em: 24 maio 2024.

FERGUSON, Charles A. Diglossia. **WORD**, [S. l.] v. 15, n. 2, p. 325-340, 1959. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/00437956.1959.11659702> Acesso em: 22 maio 2024.

FERMINO, Antonio Luis. Histórias, conflitos e contatos entre os Laklãnõ/Xokleng e não indígenas. **XXVII Simpósio Nacional de História: conhecimento histórico e diálogo social**. Natal, 2013. Disponível em: https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548874924_6853003d7767584f07f3b6caf4866431.pdf Acesso em: 19/07/2024.

HANNES nach Brasilien ziehn. **Volksliederarchiv**. Disponível em: <https://www.volksliederarchiv.de/hannes-nach-brasilien-ziehn/> Acesso em: 24 abr. 2023.

HINGHAUS, Carolayne Loch. **AUFBAU VON HYBRIDEN KOMPOSITA IN EINER DEUTSCHEN SIEDLUNG IN SANTA CATARINA: EINE ANALYSE**, p. 1-41, 2019.

IBGE. **Águas Mornas**, 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/sc/aguas-mornas.html>. Acesso em 25 mai. 2024.

IBGE. **Águas Mornas**, 2021. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/sc/aguas-mornas.html>. Acesso em 28 mai. 2024.

IBGE. **Censo 2010**, 2010. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/aguas-mornas/pesquisa/23/25124>. Acesso em 28 mai. 2024.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL [IPHAN]. Guia de pesquisa e documentação para o INDL: patrimônio cultural e diversidade linguística. Brasília: IPHAN, 2016a. v. 1. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/INDL_Guia_vol1.pdf Acesso em: 30 maio 2023.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL [IPHAN]. Guia de pesquisa e documentação para o INDL: patrimônio cultural e diversidade linguística. Brasília: IPHAN, 2016b. v. 2. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/INDL_Guia_vol2.pdf Acesso em: 30 maio 2023.

JOCHEM, Toni. **Pouso dos Imigrantes**. Florianópolis: Papa-Livro, 1992.

JOCHEN, Toni Vidal. **A formação da colônia alemã Teresópolis e a atuação da Igreja Católica (1860-1910)**. Palhoça: Ed. do Autor, 2002. 208 p.

JOCHEM, Toni. **Política Imigratória em Santa Catarina**. 2019. Disponível em: <https://aguasmornas.sc.gov.br/pagina-34936/>. Acesso em 28 mai. 2024.

KRUMM, Hans-Jürgen. **Sprachenpolitik Deutsch als Fremd- und Zweitsprache. Eine Einführung (Grundlagen Deutsch als Fremd- und Zweitsprache)**. Berlin: Erich Schmidt Verlag, 2021.

MACHADO, Alzemi; BORSZCZ, Iraci. **A Imprensa catarinense no Século XIX: catálogo descritivo e Ilustrado do acervo de jornais raros da Biblioteca Pública de Santa Catarina**. Florianópolis: Hemeroteca Digital Catarinense/FCC Edições, 2020. Disponível em: http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/A_Imprensa_Catarinense_ebook.pdf Acesso em: 28 fev. 2023.

MAINARDE, Jefferson. Ética em pesquisa e integridade acadêmica a partir do olhar das humanidades. In: **1º Colóquio do Comitê de Ética em Pesquisa em Humanidades da UFPR - CEP-CHS**. Publicado pelo canal Portal Educação UFPR, 24 maio 2023. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=PliNG0o_dgM Acesso em 24 maio 2023.

MAKONI, Sinfree; PENNYCOOK, *Alastair*. **Disinventing and Reconstituting Languages**. Clevedon: Multilinguam Matters, 2007.

MALTZAHN, Paulo. **A Construção da identidade étnica teuto-brasileira em São Lourenço do Sul** (década de 1980 até os dias atuais). Tese (Doutorado em História Cultural) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

MALTZAHN, Paulo. A língua alemã como marcador de identidade étnica em Pomerode. **Pandaemonium**, São Paulo, v. 21, n. 33, p. 113-135, jan. abr. 2018.

MANÉ, Djiby. As concepções de língua e dialeto e o preconceito sociolinguístico. **Via Litterae**, Anápolis, v. 4, n. 1, p. 39-51 jan./jun. 2012. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/vialitterae/article/view/5335/3596> . Acesso em: 27 dez. 2023.

MARTINS, Caroline. **Praça José Adão Lehmkuhl**. Águas Mornas, 26 ago. 2022. Facebook: (Prefeitura Municipal Águas Mornas). Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=2497892580350969&set=a.397137072575179>. Acesso: 28 mai. 2024.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Resultados**. 05 set. 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/ideb/resultados>. Acesso em 28 mai. 2024.

NUNES, Elaine Cristina Roschel. **Entre "becos sem saídas" e o "pulo do gato": Criatividade Local e mentoria na formação inicial de professores de alemão no Brasil**. 2022. 476 p. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8144/tde-11032022-212301/publico/2022_ElaineCristinaRoschelNunes_VCorr.pdf. Acesso em: 11 jan. 2024.

'O PODER das Águas': série especial mostra o uso da água na promoção de saúde e bem-estar. **G1 Santa Catarina**. 14 janeiro 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2023/01/14/o-poder-das-aguas-serie-especial-mostra-o-uso-da-agua-na-promocao-de-saude-e-bem-estar.ghtml> Acesso em: 13 fev. 2023.

OLIVEIRA, Gilvan Müller de. Prefácio. In: CALVET, Louis-Jean. **As políticas linguísticas**. São Paulo: Editora Parábola, 2007.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS [ONU]. **Direitos Humanos: os direitos das minorias**. Lisboa: Gabinete de documentação e Direito Comparado, 2008.

PAPA Francisco proíbe celebração de missas em latim sem aval de um bispo. **Poder 360**. 20 jul. 2021. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/internacional/papa-francisco-proibe-celebracao-de-missas-em-latim-sem-aval-de-um-bispo/> Acesso em: 11 fev. 2024.

PATARRA, Neide Lopes; FERNANDES, Duval. Brasil: país de imigração?. **Revista Internacional em Língua Portuguesa: Migrações**, nº 24, p. 65-96, 2011.

POMERODE. Lei nº 2251, de 1º de setembro de 2010. Dispõe sobre a instituição da língua alemã como o idioma secundário e complementar no Município. Pomerode, 2010.

PONSO, Letícia. Cao. Situação minoritária, população minorizada, língua menor: uma reflexão sobre a valoração do estatuto das línguas na situação de contato linguístico. **Gragoatá**, Niterói, v. 22, n. 42, 184-207, 2017.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. Política Linguística: do que é que se trata, afinal? **Política e Políticas Linguísticas**. Campinas, p. 19-42, 2013.

REFERÊNCIA em Educação, Águas Mornas inspira municípios vizinhos. **Terra**. 13 jun. 2019. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/dino/referencia-em-educacao-aguas-mornas-inspira-municipios-vizinhos,9db08c4bd9f6b7baa2a7acdfb53bbcd4darkhazz.html> Acesso em: 07 fev. 2023.

SANTA CATARINA. Lei nº 790, de 19 de dezembro de 1961. Cria o município de Águas Mornas. Florianópolis: Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina, 1961. Disponível em: <https://leisestaduais.com.br/sc/lei-promulgada-n-790-1961-santa-catarina-cria-o-municipio-de-aguas-mornas> Acesso em: 23 fev. 2023.

SÃO PEDRO DE ALCÂNTARA. Lei nº 953, de 06 de abril de 2015. Dispõe Sobre a Alteração do Artigo 1º, da Lei Municipal nº 723, de 19 de dezembro de 2012 e dá outras providências. São Pedro de Alcântara: Câmara Municipal, 2015. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a1/sc/s/sao-pedro-de-alcantara/lei-ordinaria/2015/95/953/lei-ordinaria-n-953-2015-dispoe-sobre-a-alteracao-do-artigo-1-da-lei-municipal-n-723-de-19-de-dezembro-de-2012-e-da-outras-providencias> Acesso em: 18 maio 2024.

SAVEDRA, Mônica Maria Guimarães; MAZZELLI, Leticia. Variedades linguísticas da imigração germânica no Brasil: vitalidade, glotopolítica e território. **Revista a Cor das Letras**, Feira de Santana, v. 21, n. 1, p. 105-131, janeiro-abril de 2020.

SAVEDRA, M. M. G.; SPINASSE, K. P. . **O ENSINO DE VARIEDADES GERMÂNICAS EM CONTEXTOS DE CONTATO LINGUÍSTICO: CONCEITOS, PRINCÍPIOS E DIRETRIZES**. In: Mônica Maria Guimarães Savedra, Ebal Sant?Anna Bolacio Filho e Mergenfel Andromergena Vaz Ferreira (orgs.). (Org.). Travessias, Encontros, Diálogos nos Estudos Germanísticos no Brasil. 1ed.Niterói: Eduff-Editora da UFF, 2021, v. 1, p. 12-29.

SEVERO, C. G. Política(s) Linguística(s) e Questões de Poder. **Alfa**, São Paulo, v.57, n.2, p.451-473, 2013.

SEVERO, Cristine Görski. **Por uma perspectiva social dialógica da linguagem: repensando a noção de indivíduo**. Florianópolis, 2007. 255 f. Tese (Doutorado) - Universidade federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-Graduação em Linguística. Disponível em: <https://bu.ufsc.br/teses/PLLG0381.pdf>.

SHOHAMY, E; GORTER, D. **Linguistic Landscape**: expanding the scenery. New York: Routledge, 2009.

SPINASSÉ, Karen Pupp. Os conceitos Língua Materna, Segunda Língua e Língua Estrangeira e os falantes de línguas alóctones minoritárias no Sul do Brasil. **Revista Contingentia**, [S. l.], v. 1, p. 1-10, nov. 2006. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/20578/000639062.pdf> . Acesso em: 28 dez. 2023.

SPINASSÉ, Karen Pupp. Fazendo política linguística em sala de aula: ações didáticopedagógicas pela manutenção da língua minoritária Hunsrückisch. **ReVEL**, [S. l.] v. 14, n. 26, p. 103-119 2016. Disponível em: <http://www.revel.inf.br/files/b1bc51340629442bb1f83ec68b22fcf0.pdf> . Acesso em: 28 dez. 2023.

SPOLSKY, Bernard. Políticas Linguísticas: uma entrevista com Bernard Spolsky. **ReVEL**, [S. l.] v. 14, n. 26, 2016. Trad. Ana Carolina Spinelli e Gabriel de Ávila Othero. Disponível em: <https://www.revel.inf.br/files/88462b98e1be709d449da571e68eff62.pdf> Acesso em: 23 maio 2024.

STEINER, Carlos Eduardo. Os Kaffeepflücker: da Turíngia para Santa Isabel. In: JOCHEM, Toni; BRUCH, Jonas (orgs.). **Páginas da Colonização**: estudos/subsídios históricos sobre a Colônia Alemã Santa Isabel – 175 anos de Fundação, 2022. Disponível em: <http://tonijochem.com.br/artigos-paginas-da-colonizacao/midias/imagens/5.-Os-Kaffeepfl%C3%BCcker---da-Tur%C3%ADngia-para-Santa-Isabel.16652777751.pdf> Acesso em: 24 maio 2024.

STOER, Hermann. Crônica da Paróquia de Santa Isabel – a mais antiga colônia alemã-evangélica em Santa Catarina. In: JOCHEM, Toni Vidal (org.). **Sesquicentenário da Colônia Alemã Santa Isabel 1847 – 1997 Celebração e Memória**. Águas Mornas: Comissão dos Festejos, 1998. Disponível em: <https://docplayer.com.br/3858740-Cronica-da-paroquia-de-santa-isabel-a-mais-antiga-colonia-alema-evangelica-em-santa-catarina-1.html> Acesso em: 13 fev. 2023.

TORNQUIST, Ingrid Margareta. "**Das hon ich von meiner Mama**": zu Sprache und ethischen Konzepten unter Deutschstämmigen in Rio Grande do Sul. Sweden: [s. n.], 1997. 210 p.

UNITED NATIONS EDUCATIONAL, SCIENTIFIC AND CULTURAL ORGANIZATION [UNESCO]. **Atlas of the World's Languages in Danger**. 2011. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000192416> Acesso em: 24 maio 2024.

UNITED NATIONS EDUCATIONAL, SCIENTIFIC AND CULTURAL ORGANIZATION [UNESCO]. **Mother Tongue Matters: Local Language as a Key to effective Learning**. 2007. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000161121/PDF/161121eng.pdf.multi> Acesso em: 24 maio 2024.

ANEXO A – QUESTIONÁRIO SOCIOLINGUÍSTICO – COMUNIDADE ESCOLAR

Pesquisa Linguística em Águas Mornas

1. Qual escola você frequenta?

- () EM Santa Cruz da Figueira
 () EM Fazenda Ressurreição
 () Cei Beija Flor
 () Outra: _____

2. Em qual bairro você mora?

- | | |
|----------------------------|--------------------------|
| () Rio Salto | () Santa Isabel |
| () Rio Novo | () 1ª Linha |
| () Rio do Cedro | () 2ª Linha |
| () Rio Miguel | () Fazenda Sacramento |
| () Rio Cubatão | () Fazenda Ressurreição |
| () Rio dos Porcos | () Centro |
| () Rio Gaspar | () Canto dos Kraus |
| () Teresópolis | () Canto dos Schuch |
| () Santa Cruz da Figueira | () Vargem Grande |
| () Outro: _____ | |

3. Qual a sua idade?

4. Em qual série/ano você está na escola?

- | | |
|------------|-----------------------|
| () 1º ano | () 4º ano |
| () 2º ano | () 5º ano |
| () 3º ano | () Educação Infantil |

5. Em qual cidade você nasceu?

6. Qual a sua religião?

- () católica
 () luterana
 () outra: _____

7. Você fala outra(s) língua(s) além do português? Qual/Quais?

8. Qual/Quais língua(s) você utiliza em casa com seus pais e familiares? (Você pode marcar mais de uma opção)

- () português
 () alemão
 () outra(s): _____

9. Você entende, fala, lê ou escreve em alemão?

	Bem	Mais ou menos	Pouco	Nada
Entende	()	()	()	()
Fala	()	()	()	()
Lê	()	()	()	()
Escreve	()	()	()	()

10. Há quanto tempo sua família mora em Águas Mornas?

- | | |
|---------------------|---------------------|
| () Menos de 5 anos | () De 15 a 25 anos |
| () De 5 a 15 anos | () Mais de 25 anos |

11. Selecione abaixo as pessoas que falam alguma outra língua, além do português em sua família. Especifique qual a língua, no caso das pessoas selecionadas.

	Alemão	Inglês	Apenas português
Mãe	()	()	()
Pai	()	()	()
Avó materna	()	()	()
Avô materno	()	()	()
Avó paterna	()	()	()
Avô paterno	()	()	()

12. Caso você ou alguém de sua família fale outra língua que não o português, como ela foi aprendida?

13. Em que ocasiões a língua alemã (ou outra língua falada por você ou algum familiar seu) é geralmente usada?

14. Você percebe um incentivo e valorização para o uso da língua alemã (ou outra língua falada por você ou algum familiar seu)?

15. Compartilhe exemplos de da língua alemã (ou outra língua falada por você ou algum familiar seu) que são usados com frequência. Podem ser palavras, expressões, canções, piadas ou pequenas narrativas/histórias.

16. Assinale abaixo as opções que, em sua opinião, caracterizam a língua alemã: (Você pode marcar mais de uma opção)

- | | |
|--|---|
| <input type="checkbox"/> bonita | <input type="checkbox"/> errada |
| <input type="checkbox"/> feia | <input type="checkbox"/> de valor econômico |
| <input type="checkbox"/> útil | <input type="checkbox"/> de valor cultural |
| <input type="checkbox"/> desnecessária | <input type="checkbox"/> de valor escolar |
| <input type="checkbox"/> correta | |

17. Você gostaria de aprender alguma outra língua? Qual/Quais?

18. Você gostaria que as escolas municipais oferecessem aulas de alemão?

- sim não

19. Algum familiar seu que fala alemão teria interesse em participar de uma entrevista de forma presencial? Se sim, deixe o nome do familiar e um telefone para contato:

9. Caso você ou alguém de sua família fale outra língua que não o português, como ela foi aprendida?

- No contexto familiar Na igreja
 Na escola Outro: _____.

10. Em que ocasiões a língua alemã (ou outra língua falada por você ou algum familiar seu) é geralmente usada?

- Na família Na igreja
 Com amigos outros: _____.

11. Assinale abaixo as opções que, em sua opinião, caracterizam a língua alemã: (Você pode marcar mais de uma opção)

- bonita errada
 feia de valor econômico
 útil de valor cultural
 desnecessária de valor escolar
 correta

12. Você gostaria que as escolas municipais oferecessem aulas de alemão?

- sim não

13. Algum familiar seu que fala alemão teria interesse em participar de uma entrevista de forma presencial? Se sim, deixe o nome do familiar e um telefone para contato:

_____.

ANEXO C – FICHA DO/A ENTREVISTADO/A

Dados pessoais do entrevistado	
Nome:	
Idade:	Sexo:
Bairro:	
Estado civil: () casado () solteiro () viúvo () outro:	
Domicílio e tempo de permanência fora da localidade:	
Profissão:	
Escolaridade:	
Religião: () Católica () Luterana () Outra:	
Naturalidade:	Profissão:
Pai:	Pai:
Mãe:	Mãe:
Cônjuge:	Cônjuge:
Dados linguísticos	
Cônjuge fala alemão? () Sim () Não	Filhos falam alemão? () Sim () Não () Não tem filhos
Para preenchimento após a entrevista	
Características psicológicas do informante: () tímido () vivo () indiferente	
Espontaneidade da elocução: () grande () média () baixa	
Observações:	
Data:	

ANEXO D – TRANSCRIÇÕES

Entrevistado: I1 – Max

Data: 02/12/2023

Transcrição de: 00:02:18 a 00:10:01

P: Tu falas alguma outra língua além do português?

I1: O Alemão

P: E tem algum nome específico? Ou só alemão?

I1: Não, só alemão.

P: Como você aprendesse?

I1: Aprendi com o pai e com a mãe “...” desde pequeno.

P: E o português aprendesse quando?

I1: Isso eu tinha uns “...” 10 *ano*, 8 *pa* 10 *ano*, mais ou menos. É que daí eu aprendi ali na Vargem Grande, perto do meu pai, o vizinho ali me ensinou.

P: E na escola?

I1: Na escola.

P: E foi difícil de aprender o português?

I1: Não, não foi muito difícil.

P: E assim quando tem pessoas conversando em alemão e tem alguém perto que não fala, o que será que essas pessoas pensam de quem tá falando alemão?

I1: Eles pensam as vezes que a gente tá falando mal deles. Que “...” eu já “...” a, a minha mãe, eu já contei a história, a minha mãe uma vez já viu gente assim, que fica braba, acha que tão falando mal das *peessoa*, mas não é. Que só não entendem né.

P: Já aconteceu contigo? Já visse alguma vez assim?

I1: Já! Eu já vi. Nós falando em alemão e eles ficam olhando e ficam rindo as vezes, *né*.

P: Conheces alguma música ou história em alemão? Que teu pai ou avô contavam?

I1: Isso eu não sei.

P: Já ouviu falar no “*Eierkippen*”? “...” Uma tradição, que eu tava pesquisando no site da prefeitura e eles falam que é uma tradição dos alemães.

I1: Aquilo eu não lembro. “...” Não sei.

P: E Osterwasser?

I1: *Osterwasser*, eu também não sei.

P: Nunca *ouvisse* falar?

I1: Não.

P: É que eu *tava* olhando ali no site da prefeitura e eles falam que são tradições alemãs, mas eu também nunca tinha ouvido falar.

I1: Só que o pai e a mãe às vezes eles sabiam, que eles falavam “...” contavam às vezes essas coisas pra nós, só que eu não lembro mais.

P: Tu lembras ou já *ouvisse* alguma coisa de quando foi proibido o alemão? Teu pai ou tua mãe, alguém já falou alguma coisa de quando era proibido o alemão?

I1: É, o pai e a mãe contavam que uma vez, que tinha uma época que não queriam mais que falava o alemão, que fosse proibido, mas isso não deram bola, eles continuaram falando. Isso o pai contou faz pouco tempo atrás, quando ele *tava* bom ainda *né*. Daí ele contou que chegaram lá, diz que o alemão “...” até eles esperavam, quando eles vinham lá de Lourdes *pra* Águas Mornas *pra* baixo no centro ali, eles esperavam, diziam, *vamo* pegar esses alemão hoje lá, esperar e dar uma *sura* neles. Assim era anos atrás *né*. Isso o pai e a mãe contavam. Quando eles eram mais jovem *né*, assim, uns 15, 20 *ano*. Daí eles, isso, história, isso tudo contavam, que não podia ir sozinho *pra* Águas Mornas, *pra* baixo, de cavalo levar a mercadoria, no retorno eles esperavam ali “...” na entrada da Fazenda *pra* dá uma *sura* nos *alemão*.

P: Isso mais no centro assim *né*? No interior não era assim *né*?

I1: É mais aqui *pro* centro de Águas Mornas.

P: Achas que aqui em Águas Mornas todo mundo fala o mesmo tipo de alemão?

I1: Não! Tem umas 3 que eu sei que é diferente uma da outra.

P: Sabes alguma palavra que é diferente assim?

I1: As *palavra* assim diferente “...” é que nem diz assim, uns dizem “*Kartoffel*” *né*, e outros dizem “*Grummbier*” *né*.

P: Mas, mais é nas palavras ou no jeito de falar também?

I1: É no jeito também, que lá, tu vai na Fazenda, eles puxam um pouquinho mais, *né* assim. E “...” nós já não *puxemo* tanto. Tu vai lá *pra* Lourdes, lá eles puxam mais,

entendesse assim? Daí tu “...” tu entendes, mas eles puxam um pouquinho mais “...” as *palavra*.

P: Quando tu *era* pequeno falavas assim, um pouco mais puxado então?

I1: Aham.

P: Daí *vi*esse pro Rio do Cedro.

I1: É, daí agora já mudou por causa do sogro ali.

P: Eles já falam diferente então?

I1: Aham. E lá nós *falava* mais assim “...” diferente.

P: *Ensinasse* alemão pros teus filhos?

I1: Ensino hoje ainda. Por causa disso eles *entende*. Nós não *ensinemo* só o alemão por que “...” sabes quando eles iam pra escola, pouca demora eles sabiam só o alemão, daí era ruim, mas que nem hoje eles entendem, só que eles não falam tudo *né*. Eles falam algumas *coisa*.

P: Ainda falas bastante alemão?

I1: *Óia*, quase tudo. Um pouquinho lá embaixo. Quando eu e a [...] *tamo* junto, nós *falamo* só o alemão. As vez nós 4 *junto* aqui na mesa também. Por causa disso os *filho* sabe um pouco.

P: E com quem que tu falas alemão, além da família?

I1: Eu falo com quase todo mundo que eu sei que sabe o alemão.

P: Então quando encontras com alguém, falas antes o alemão do que o português?

I1: *Aham*, antes o alemão do que o português.

P: E tu *acha* que o pessoal mais novo aqui no município ainda fala bastante alemão?

I1: *Óia*, eu acho que tem bastante gente ainda que fala. Jovens assim, *né*. Eu sei que quando eu *tô* em Águas Mornas lá e escuto eles falar lá. Pelo menos aqueles quando vem lá da Fazenda, de *Loeffelscheidt*, quando eles vão na escola ali, quando tu *passa* ali de pé, às vezes vais ali na agropecuária do Adilson, aí eles tão sentado e tu escuta eles falar em alemão, as menina, os menino.

P: Então o pessoal mais do interior?

I1: *Aham*.

P: Achas que cada vez menos vem sendo falado alemão aqui em Águas Mornas? Se tá diminuindo assim?

I1: *Óia*, eu não sei. Eu acho que não tá diminuindo muito não. Isso *tá* meio assim parado, nessas *família* que são alemão, segue o alemão.

P: Tu *acha* que a prefeitura poderia fazer alguma coisa para manter a língua alemã presente em Águas Mornas? Porque tem várias festas, a *Stammtisch*, *né*, *pra* preservar a cultura, mas *pra* preservar a língua não tem muita coisa, *né*.

I1: É, isso tinha que ser um incentivo do município *pra* continuar naquilo ali *né*, porque quem sabe mais *pra* frente um dia isso vai se acabar *né*. E como tem a festa ali, o prefeito faz a festa, acho que é uma, duas vez por ano ou três, não sei quantas tem. Que é alemão, que eles ainda tão preservando. Se o prefeito continuar assim não se acaba, mas se de repente entrar um prefeito e não continuar isso, daí pode piorar *né*.

P: Mas então o que será que a prefeitura *podia* fazer *pra* preservar o alemão?

I1: *Pra* língua assim, o certo eles tinham que *dá* “...” tinha que ter alguém *pra da* aula, *pros* alunos entender na sala de aula o alemão. Ensinar eles *né*, pelo menos, por que se não tem ninguém que ensina com é que as crianças vão querer saber alemão. E a coisa melhor que tem é se sabes uma língua ou duas ou três *né*. “...” Que nem eu não sabia português nenhum, português eu aprendi, mas o alemão eu sei melhor que o português. Que o alemão eu nunca deixei, chego lá com a minha mãe, direto alemão lá.

Entrevistado: I2 – Peter

Data: 18/12/2023

Transcrição de: 00:03:25 a 00:15:30

P: Falas alguma língua, além do português?

I2: Enrolo um pouco o espanhol, inglês, mas assim fluente é só o alemão e português.

P: Tens algum nome específico para esse alemão? Ou só alemão mesmo?

I2: Um nome específico?

P: É, como que tu *chama* esse alemão? Só alemão?

I2: *Deutsch* “...” é.

P: Como que você aprendeu?

I2: Qual deles? O *Hochdeutsch* ou “...”?

P: Os dois.

I2: Esse dialeto foi com meus pais e o *Hoch* daí foi, aqui eu iniciei aqui em Águas Mornas, teve um curso que a [...] deu na época que eu, antes de eu ir pra Alemanha. Eu iniciei aqui e continuei lá, a aprender esse alemão *Hochdeutsch*, né.

P: E como foi o processo de aprendizagem? Foi difícil?

I2: Demorado, né. Mas “...” lá foi mais eficiente né, porque tu não tem tanto contato com brasileiro. Tem contato, mas aí é mais final de semana, aí tu *tem* que te virar né.

P: A gente aqui no contexto de Águas Mornas, se a gente começar a falar alemão e alguém que não fala alemão ouve a nossa conversa, o quê será que eles pensam?

I2: “...” O que eles pensam “...” “*tá errado*” na minha opinião. Eles pensam “estamos no Brasil, vamos falar português”, né. Só que “...” mas eu acho que todo país é assim. “...” Eu também ouvia dizer isso aí na Alemanha, né. “*Wir sind in Deutschland, wird Deutsch gesprochen*”.

CI2: É, também não gostavam quando os brasileiros se juntavam e falavam “...” ou os russos, né.

I2: É, todos os países. É assim, né.

P: Conheces alguma história ou musiquinha em alemão, que os teus pais te ensinaram? Ou só o que você aprendeu depois?

I2: Em casa “...” Não, em casa não aprendi nenhuma musiquinha.

P: Nem oração?

I2: Não.

P: Já ouviu falar na tradição *Eierkippen*?

I2: *Eierkippen*? Aquela corrida do ovo?

B: Eu *tava* pesquisando no site da prefeitura e encontrei duas tradições alemãs.

I2: Mas eu acho que *kippen* tá errado. Tem *Eiersuchen* e tem *Eierlauf*.

CI2: É, que é com uma colher, carregar um ovo.

I2: É, tem o *Eierlauf* e o *Eiersuchenoster*.

CI2: É, mas eu também não conheço *Eierkippen*. Nem aqui, nem lá.

I2: Mas o que significa, tu *sabe*?

P: Eu encontrei no site da prefeitura, *né*, e consta como uma tradição alemã do município, então tô tentando encontrar alguém que conheça. “...” E *Osterwasser*?

I2: *Osterwasser*?

CI2: Nós conhecemos *Osterfeuer*.

I2: *Osterfeuer*, é. “...” Será que é uma água benta de natal?

CI2: *Ostern*, Páscoa.

I2: Páscoa, é.

CI2: Ou algum *Schnaps* que se toma na páscoa.

I2: É tem *Osternschnaps*, né. (risos)

CI2: É, pode ser.

P: É, tô tentando ver se alguém daqui realmente conhece, *né*. Porque consta lá como tradições daqui.

I2: É, nunca ouvimos falar.

P: Tu já *ouveu* falar alguma coisa da época que foi proibido o alemão aqui no Brasil?

I2: Já. Na época da guerra, *né*?

P: Isso, te contaram alguma coisa, lembra como foi?

I2: É, “...” Eu lembro que, eu ouvi dizer que foi proibido e aí as pessoas se excluíram, foram *pro* fundo da floresta *pra* ficar *isolado* lá, *né*. Só isso que eu ouvi.

CI2: Houve retaliação na escola também, isso a minha mãe, minha vó contam, que tinham as crianças que só sabiam falar alemão foram *pra* escola aí, de um dia *pro* outro "não pode mais falar alemão aqui". E elas foram muito retalhadas, porque,

imagina uma criança de 6 anos e não pode falar a única língua que tu conhece. Foi assim, foi bem difícil *prás* crianças, não só *pros* adultos. Teve muita retaliação na escola também, isso eu ouvi falar na minha família.

P: E tu achas que aqui em Águas Mornas é falado o mesmo alemão? Todo mundo fala um alemão igual?

I2: Um mesmo dialeto?

P: É.

I2: Não. "...” Loeffelscheidt tem um, Santa Isabel é outro, Teresópolis é outro.

CI2: Os *Kaffeepflücker* é outro.

I2: Lá é outro, Fazenda é outro. "...” É, eu acho que tem uns 6, 7, 8 diferentes.

P: Sabes o nome de algum deles assim, ou só percebes que é diferente?

I2: Eu só sei esse do *Westfälisch*, esse dos *Kaffeepflücker* e "...” *Hunsrückisch*, *Plattdeutsch*, mas *Plattdeutsch* aqui não é, *Plattdeutsch* é na Alemanha. É esses daí, esses três, e o *Hochdeutsch*.

P: Percebes diferenças de vocabulário? Quais são as diferenças que tu percebes?

I2: Entonação, assim "...” vocabulário também.

P: Lembra de algum exemplo, assim?

I2: Não.

P: Ainda falas bastante alemão?

I2: Quando eu tenho a oportunidade, eu falo, eu gosto.

P: E com quem que você fala? Com a sua filha que está lá.

I2: A minha filha, meus amigos, "...” com a [...], às vezes.

P: E, tu achas que as gerações mais novas aqui, principalmente aqui de Águas Mornas, que é o foco da minha pesquisa, elas tão falando muito alemão ainda ou não mais?

I2: Eu acho que muito pouco. "...” Vai morrer, vai morrer, se não fazer igual tu falou ali de "...” nas *creche*, tem que começar lá do início, porque depois eles vão dizer que é difícil, "ah não quero", aí não funciona, tem que ser lá do início, na minha opinião, *né*.

CI2: É, eu acho assim, tem as tradições que tem que nem o *Stammtisch*, é só pra beber.

I2: É só bebedeira.

CI2: Isso não traz cultura da língua pra ninguém, *né*.

I2: *Stammtisch*, se tu olhar não é assim que funciona.

CI2: Tinha que promover algumas festas de comunidade que, sei lá, se aprendesse, se falasse um pouco mais de alemão, não só o nome pra uma “...”

P: Sim, e se for analisar aqui no município, vários prédios públicos sendo construídos imitando esse estilo enxaimel, pra tentar se aproximar da cultura, mas na parte da língua não tem nada, né.

I2: É, é uma furada. “...” é um poço “...” *fast ohne Boden*, né.

P: Na tua opinião, o que a mais a prefeitura, o município poderia fazer pra tentar preservar, pra não deixar o alemão se acabar?

I2: Tem bastante pessoas alemãs aqui, acho que trazer algumas, alguma cultura, alguns costumes de volta, igual esse *Osterbaum*, já tem, mas tem muita coisa ainda que poderia se trazer. Teria que se trazer uns costumes assim. “...” Tem muitas coisas assim.

CI2: Folclore. “...” E principalmente o que tu falou, trazer o alemão *pra* sala de aula, porque é ali que o povo aprende, na sala de aula.

I2: Ali é o principal. “...” Na Alemanha *pra* tudo tem um costume, tem uma tradição e talvez não precise ser todas, mas algumas assim mais bonitas, mais assim, que o pessoal aqui talvez aceite, né. Porque lá também, tu *constrói* uma casa, quando tu *tá* no telhado coloca uma coroa em cima, chama todos os amigos, os vizinhos e festejar “...” que eu fiz uma casa nova e não sei o quê. É legal também eu acho, só que eu não sei se funciona aqui, mas é um exemplo da tradição de lá, né. Várias coisas que eles fazem. Teria que talvez pesquisar alguma outra, alguns costumes de lá e trazer pra cá e mais as línguas *pro pequeninhos*, tem que começar de pequeno.

CI2: Um exemplo que daria pra começar, inclusive no jardim de infância, na minha opinião, é *Ostern*. Tem *Osterbaum*, que é a árvore enfeitada com ovos coloridos, daí tem o *Osterbrot*, que é um pão que só se come na páscoa, que é um pão doce, aí tem o *Osterfeuer*, que é uma fogueira, que nem São João aqui, *Ostereier suchen*, que esconde os ovos. São várias tradições.

I2: Pras crianças, esconde, daí eles saem correndo, tem por exemplo o campo de futebol lá ou um parque por aí, sei lá, professores vão lá e escondem em todo cantinho um ovinho ou uma balinha, pra eles se *divertir e procurar*.

CI2: E isso seria uma maneira de implantar aos pouquinhos umas tradições bonitas e fáceis.

I2: É, umas *coisa bonita*, que as criança vão querer fazer, não algo inútil, que elas vão achar tedioso.

CI2: E explicar pra elas, elas não sabem nem ler e escrever ainda, mas explicar, isso é uma tradição lá que as crianças fazem e nós vamos começar a fazer com vocês e assim se vai implantando uma cultura num povo, *né*.

Entrevistado: I3 – Katrin

Data: 02/01/2024

Transcrição de: 00:01:48 a 00:12:15

P: Então tu falas alguma língua além do português?

I3: O alemão e o inglês “...” assim, mais ou menos.

P: E esse alemão assim? Tu tens algum nome específico para ele ou só alemão?

I3: É um dialeto, *né*. Não é o “...” Alemão. É um dialeto nosso aqui, *né*? Então.

P: Mas tem algum nome assim? Ou vocês falam no geral, “Ah eu falo alemão”?

I3: Alemão.

P: E como que tu aprendeu?

I3: Com os meus pais.

P: Desde pequena?

I3: Desde pequena.

P: Então foi, “...” foi tranquilo?

I3: Foi natural assim, *né*? Tanto que quando eu fui para escola eu pouco sabia o português, sabia mais alemão.

P: E aí o português aprendesse “...”

I3: Mais na escola da escola, daí.

P: E “...” tu lembras desse processo?

I3: Ah, no início era bem difícil, *né*? Porque muitas coisas eu não entendia que a professora falava, [risos] então foi um pouco demorado eu aprender o português certinho, *né*?

P: Sim.

I3: Aí depois também com a televisão. Colegas, *né*? Então foi. Foi caminhando. [risos]

P: E então, por exemplo, no nosso contexto aqui de Águas Mornas, a gente tem duas pessoas conversando em alemão e uma terceira tá observando e ela não tá entendendo, não entende o alemão. O que será que essa pessoa pensa dessas pessoas conversando em alemão?

I3: Ah, normalmente que tá falando mal, *né*?

P: Acho que é a primeira coisa, *né*.

I3: O meu marido já é um desses, *né?* Tá falando alemão perto dele, ele: “o que que tão falando? *Tá falando* de mim?”

P: E “...” conheces alguma música? Alguma historinha em alemão que tu aprendeu com os teus pais?

I3: Ah, tem as músicas de Natal que a mãe gosta, que a gente aprendeu.

P: Sabes cantar alguma delas ainda?

I3: Sim, sei.

P: Uhum. Queres cantar um pedacinho da gente? Ou pode só falar.

I3: [risos] Ah o *Tannenbaum*. O *Tannenbaum*, o *Tannenbaum* *Wie grün sind deine Blätter!* Alguma coisa assim. *Aí* tem a história do *Belsnickel*, tu sabes. Conheces?

P: Já, já ouvi falar “...”

I3: Papai Noel do mato, *né?* Que até me assustavam quando eu era criança, que o *Belsnickel* ia vir e não sei o que e tal.

P: Então essa historinha contavam por aqui?

I3: É, contavam por aqui. Era meio que uma tradição, até tinha um tio meu que se vestia com umas roupas assim meio “...” para assustar as crianças entre aspas naquela época.

P: Sim, é uma tradição bem comum da Alemanha, mas ali para o Rio do Cedro, nunca “...” A gente nunca, “...”eu, pelo menos, nunca ouvi falar.

I3: Aqui tinha os meus tios que gostavam de assustar as crianças.

P: E mais alguma assim?

I3: Ai que eu lembro agora, não assim.

P: Essa do *Tannenbaum* meu avô cantava também. Tem até vídeo dele assim, dele cantando.

I3: É, até assim aqui na nossa igreja, na primeira linha tem um “...” muitas vezes ainda se canta esses hinos em alemão na igreja, *né?*

P: Sim. Mais na parte luterana, *daí né?*

I3: Isso é.

P: Já ouviu falar na tradição *Eierkippen*?

I3: “...” Como é que é o nome? Repete.

P: *Eierkippen*.

I3: Não.

P: E *Osterwasser*?

I3: Já.

P: Sabe como funciona?

I3: Eu acho que é a Sexta-feira Santa, que tu tem que tomar água de manhã cedo, antes do sol raiar. Alguma coisa assim, não é?

P: Não sei "...” É porque assim, eu tava olhando no site da prefeitura ali e essas duas aqui contam como tradições alemãs. Só que nenhum desses dois aqui eu tinha ouvido falar, né?

I3: Alguma coisa assim. Pelo que "...” Depois eu vou perguntar à mãe. A mãe deve saber. "...” Eu acho que é alguma coisa assim, que a água antes do sol raiar, ela te purifica, te cura, alguma coisa assim.

P: Uhum. É que eu nunca tinha ouvido falar nesses dois. Eu tô tentando, né? "...” Procurar "...” Realmente para ver como que funciona a tradição aqui do município, né?

I3: Sim.

P: E não sei se tu sabe, né? Teve uma época que o Alemão foi proibido aqui no Brasil. Já ouviu falar alguma coisa? Teus pais, avós contavam alguma coisa dessa época?

I3: Ah, tinha a questão das igrejas, né, que eles não podiam ter o culto em alemão, tinha que ser em português. Meu vô contava bastante isso assim. Mas o meu pai, assim, minha mãe, já não vivenciaram acho que muito isso, né? Mais o meu avô. Mas também não tive muito contato com ele. Ele faleceu já faz bastante tempo, né? Mas eu sei dessa parte mais das igrejas né, que eles eram proibidos de ter o culto em alemão nas igrejas.

P: E tu achas que aqui em Águas Mornas todo mundo fala o mesmo tipo de alemão?

I3: Não [risos]. Com certeza não. Aqui já até de famílias já muda. Aqui na mesma localidade, aqui a gente fala de um jeito, a família lá do outro lado do rio já fala de outro jeito. Tem umas palavras bem diferentes assim, um sotaque diferente, tudo, né?

P: E tens exemplos de palavras assim que mudam?

I3: Ai caramba, agora "...” tem várias, mas vir assim. "...” É "...” Deixa eu ver "...” [ˈʃo:fər] e [ˈʃla:fən]. Por exemplo, dormir, né?

P: Sim.

I3: É "...” que que mais? "...”

P: É, na hora assim a gente "...”

I3: A gente vai esquecendo. “...” *hocken* e *setzen* [risos].

P: E tem um exemplo também que a gente, lá no Rio do Cedro, a gente fala *Kartoffel* para batata, né? Como vocês falam aqui?

I3: *Kartoffel*.

P: Mas tem um tio meu que morava aqui em Lourdes, quando ele era mais novo. E ele disse que era *Grumbeer*.

I3: *Grumbeer*, também, é. Eu também tenho algumas pessoas assim da família que falam *Grumbeer*. Mas aqui em casa é mais o *Kartoffel*? [risos]

P: Então a gente tem diferença de vocabulário, de *Kartoffel* para *Grumbeer*. E aí tem o outro [ˈʃla:fən] e [ˈʃlo:fər]. Então, essas diferenças a gente percebe, tanto no vocabulário quanto ... na pronúncia.

I3: Na pronúncia, sim.

P: E tu tentou ensinar o alemão para o teu filho?

I3: Não. [risos]

P: Por quê?

I3: Principalmente pelo fato do meu marido não saber, né? Então “...” a gente tá junto e sempre em português, o português.

P: E tu ainda utiliza bastante o alemão?

I3: Com os meus pais só alemão aqui em casa. Assim quando a gente conversa, só alemão.

P: Mais algum outro contexto assim que tu usa o alemão?

I3: Ah, na família, assim, no geral, a gente quase só conversa em alemão, na igreja. Na igreja, as pessoas conhecidas lá normalmente só o alemão, né?

P: E tu achas que as gerações mais novas, elas estão falando bastante alemão ainda?

I3: Não. Tá se perdendo bastante.

P: E por que será que tá acontecendo isso? Na tua opinião assim?

I3: “...” Não sei te dizer. Porque assim, na minha época a gente tinha vergonha de falar alemão. A gente tinha vergonha das pessoas saberem que a gente sabia falar alemão. Hoje eu acho que já não é mais tanto. Eu não sei porque esse desinteresse. Até assim na escola a gente já tentou ofertar alemão e não teve procura, né? Há uns anos atrás, quando foi ofertado a segunda língua, a maioria optou pelo espanhol. A gente deu a opção “Ah, pode ser o alemão?” “Não, a gente quer fazer espanhol”, a grande maioria, entendeu? Então é uma coisa assim que parece que a própria

comunidade que é alemã não tem interesse de “...” é “...” de como é que eu vou dizer, de cultivar isso, essa língua, de *tá* continuando?

P: Será que hoje *tá* mudando isso? Será que hoje o pessoal teria interesse ou eles ainda continuam?

I3: “...” Não sei. Eu acho que ainda continua.

P: E tu *comentasse* que tinhas vergonha de falar alemão, quando mais nova. Porquê?

I3: Não sei te dizer o porque, sentia vergonha. Tanto que eu conversava com a mãe no telefone, às vezes em algum lugar, quando eu tava fora, ela falava em alemão e eu respondia em português para ninguém ouvir que eu *tava* falando em alemão, entendeu?

P: E permanece isso hoje ainda?

I3: Não, hoje não. Hoje eu já perdi. Eu converso em qualquer lugar com ela, em alemão, sabe? Mas quando eu era mais jovem, eu tinha vergonha. Mas não sei te explicar por quê.

P: Mas acho que hoje também com a globalização, né?

I3: É, pode ser. Hoje eu me sinto honrada em saber falar alemão. É uma coisa a mais.

P: E tu acha que a prefeitura, o nosso município, ele poderia fazer alguma coisa para tentar preservar o alemão, incentivar mais o uso?

I3: Acho que poderia.

P: O quê, por exemplo, assim?

I3: *Ah*, sei lá. Talvez até esse resgate da cultura mais alemã, porque tem algumas coisas. Mas não, eu acho que tudo que poderia se fazer. Tipo as danças alemãs. Tem aquele um grupo *né*? Mas acho que poderia dar uma “...” melhorada nisso até questão de tradições, cultura, tudo isso aí poderia *tá* dando uma ênfase maior, *né*? A própria língua *tá* ensinando. Enfim, acho que teria várias ações que poderia *tá* talvez incrementando isso aí, *né*?

P: Talvez o ensino de alemão nas escolas municipais?

I3: Ensino de alemão, exatamente.

Entrevistado: I4 – Sabine

Data: 02/01/2024

Transcrição de: 00:06:25 a 00:29:05

P: E falas alguma língua além do português?

I4: Só o alemão *né*.

P: E tens algum nome específico para esse alemão ou “...”?

I4: Não. A gente fala alemão, mesmo sabendo que não é, *né*? É um dialeto, na verdade, o que a gente fala, é o *Hunsrückisch* que eles dizem. Mas a gente diz que é o alemão. A gente não tem um nome específico para o nosso alemão.

P: Mas quem que chama de *Hunsrückisch*?

I4: Eu sei porque eu fui pesquisando, fui lendo, *né*? Mas o meu vô sempre falava que, meu vô era uma pessoa que convivia mais assim com, com os padres, com essas pessoas. Então eu acho que eles devem ter em algum momento falado para ele. E ele falava e depois como tu sabe *né*? Eu escrevo muito e pesquiso sobre isso. Por isso que eu fiquei sabendo que era o *Hunsrückisch*, mas se não a maioria das pessoas aqui não sabe. É o alemão.

P: Mas então o teu vô já utilizava essa nomenclatura?

I4: Já. *Uhum*.

P: E como que tu aprendeu? Já desde pequena?

I4: Em casa, desde pequena. Antes até do português.

P: E depois o português fosse aprender quando? Em casa também?

I4: É, assim, quando meu irmão e eu tenho um tio que é só assim, dois anos mais velho que eu. Daí a gente convivia quando eles começaram a passar a ir *pra* a escola. Daí eu comecei a aprender e ter mais contato, *né*, porque daí eles eram obrigados a falar o português e daí eu fui aprendendo assim. Mas exatamente quando eu não sei, é assim. A minha casa também era frequentada por políticos assim de Águas Mornas, *né*? Na época. Então, querendo ou não, eles falavam em português, mas dentro de casa assim, entre a gente, a gente não, “...” nunca se comunicava. Até hoje a gente não se comunica no português, sempre no alemão. Então eu fui aprendendo já também, desde criança. Mas primeiro eu falava só em alemão. Eu lembro que quando eu cheguei na escola eu até sabia me comunicar em português, mas sempre o alemão puxava na frente, *né*?

P: É o que aprendeu primeiro, *né*.

I4: É o que aprendeu em casa, é o que se fala na rua até hoje. Se tu *encontrar* alguém aqui na rua, tu não *vai* falar em português nunca. É bem difícil.

P: Aqui tá bem preservado, então “...” o alemão?

I4: Os mais jovens assim eles entendem, mas eles tem vergonha de falar assim. A minha geração, eu diria que é a última que fala. Mas é bem falado, na rua, assim, se tu *encontra* uma pessoa ali no bar, por exemplo, tu *vai* ali no bar. Tu não “...” eles vão falar em português contigo porque eles não vão saber se tu fala ou não. Mas entre as pessoas sempre é em alemão sempre. Se eu encontro, por exemplo, ali, a minha cunhada mora aqui nessa casa do lado. Se eu encontrar ela e falar alguma coisa com ela, eu nunca vou falar em português com ela, sempre em alemão. Se eu for na casa dos meus pais, eu sempre vou falar em alemão com a minha sogra, eu, meu marido, às vezes a gente fala em alemão, às vezes em português. Eu já fiquei prestando atenção pra ver se a gente, qual era o tipo de comunicação que a gente tinha, mas é misturado. Daí a gente já não fala tanto em alemão. Mas se eu encontrar outra pessoa na rua, tipo com a minha avó, sempre em alemão, sempre.

P: E por exemplo, aqui no nosso contexto de Águas Mornas, tem duas pessoas conversando em alemão e uma terceira tá ouvindo a conversa, só que ela não entende, não fala alemão. O que será que essa pessoa vai pensar?

I4: Que *tá* falando mal dela! Eu acho, *né?* É o que as pessoas me relatam, *né?* Porque eu convivo muito com pessoas que não falam, *né?* Ali, por eu ser professora, então eu convivo muito com pessoas que falam e que não falam, que eles relatam sempre e que acha que *tá* falando mal. Por exemplo, aqui, como eu te relatei aqui, todo mundo conversa em alemão, na rua, em qualquer lugar, sempre é conversado em alemão. Aí tem um sitiante que se mudou para cá e ele passou a ser morador. Só que ele não falava em alemão. Aí ele disse que no começo “eu sempre achava que *tava* falando mal de mim. Depois eu comecei a perceber que não, porque eles não podiam estar o tempo inteiro falando mal de mim, *né?*” Mas eu acho que a primeira impressão é que *tá* falando mal da pessoa.

P: E tu *conhece* alguma música ou historinha que teus pais cantavam? Teu avô?

I4: Sim.

P: Lembra de alguma?

I4: “...” *Trink´n noch ein Tröpfchen, Trink´n noch ein Tröpfchen, aus dem kleinen Henkeltöpfchen, oh* tem um monte assim. *Oh Susanna es das Leben noch so schön,*

Oh Susanna ist das Leben schön. Tem várias, é "...“ *eins, zwei, drei oder vier, Mädchen mach die Schublade auf und mach dann mir Schmier, fünf, sechs, sieben oder acht* "...“ *ah wat man nicht macht im Tag, muss man der Nacht.* Uma coisa assim. Aí tinha uma que eu sempre, "...” sempre tinha raiva daquela música, uma que cantava como é que ainda era "...” *De Mama geht dem Papa mit de Holzaxt no, mit de Holzaxt no* [risos]. Que daí eu não sei se me assustava ou ficava com medo. É que daí a mãe ia atrás do pai com o machado, mas sempre me assustava essa música mais e várias assim que "...” me conheciam de história. História não sei porque, como eu te falei, meu contexto sempre foi o alemão, *né?* Em casa, então, especificamente assim, eu não me lembro, mas tudo que era contado era em alemão.

P: Várias dessas musiquinhas eu conheço assim, não todas.

I4: Mas eu tenho. Tem várias que eu sei assim. Agora para lembrar é difícil, mas meu pai sempre gostava muito de ouvir aqueles irmãos Scherer. Sabe? Já ouvi falar?

P: Acho que não.

I4: Eles acho que são de Antônio Carlos. Eram dois irmãos, eram um menino e uma menina. E eles cantavam em alemão.

P: Ah, tá.

I4: Daí por isso que, daí a gente ouvia muito. Ele tinha um disco dos irmãos Scherer.

P: É assim eu não, não lembro. Pode ser que eu já ouvi alguma coisa deles assim, mas "...”

I4: Eu não sei se eles eram de São Pedro ou de Antônio Carlos. Daí meu pai tinha um disco de vinil e ele sempre colocava, *né?* Mas tinha mais. Ah, "...” como é que é? Porque eu não sou boa nem para música em português. Tinha uma "...” *Ziegenbock mit seiner jungen Frau como é que é "...” Blumenau, da ist der Himmel blau, der Ziegenbock mit seiner jungen Frau.* Eu não lembro assim, exatamente como é que é a letra, mas a gente sempre ouviu.

P: Uhum. E já ouviu falar na tradição Eierkippen?

I4: Não. *Eierkippen*, não.

P: E Osterwasser?

I4: Não, só de "...” Como é que é dos ovos coloridos lá? Eier() Ovos coloridos. Como é que eles chamavam ainda tem até um mato que se chama *Eierkraut*, que daí eles tingiam os ovos na Páscoa. Mas *Eierkippen*, não.

P: É que eu tava pesquisando no site da prefeitura e esses dois nomes aparecem como tradições alemãs no nosso município.

I4: Olha só. *Eierkippen* e *Eierwasser*?

P: *Osterwasser*.

I4: Ah, *Osterwasser*. Será que não é a água benta? Talvez seja.

P: Tô tentando encontrar...

I4: Porque na *Osterwasser*, deve que na Sexta-feira Santa, de manhã, antes do nascer do sol, a água seria santificada, abençoada até, assim, por exemplo, se tu tem uma verruga e tu, tu lava teus pés, daí tem que levantar na Sexta-feira Santa de manhã, não falar com ninguém e coletar água antes do nascer do sol e aquela água seria santificada. Talvez seja isso, né? Que seria uma água de Páscoa. *Osterwasser*.

P: Eu acho que é algo nesse sentido que é outra pessoa. Já falou algo parecido. Só que por ela ser luterana, ela não sabia explicar exatamente como que funcionava. Eu acho que é uma tradição mais católica.

I4: Pode ser, então, *Osterwasser* é isso, mas *Eierkippen* o que poderia ser? “...” *Eierkippen* não. Mas eu acho que ali deve ser dos ovos, só “...” Espera só um pouquinho que eu vou pegar ali um texto que eu escrevi. Tem um outro escrevendo sobre as receitas. Aí eu escrevi um desse do ovo ali, até eu até tingir o ovo. “...” Vamos ver. Ah, eu não coloquei o nome, só coloquei *Eierkraut*. Bom, *Eierkippen* eu não sei, mas *Osterwasser* deve ser essa água da Sexta-Feira Santa mesmo.

P: É que esse outro aqui, até agora não encontrei ninguém que “...” que tivesse ouvido falar assim.

I4: Olha, eu vou perguntar, “...” o meu marido, a minha avó, né? Daí depois qualquer coisa eu posso te falar. Se alguém souber o que que é.

P: Assim, é porque eu achei estranho, né? Tá ali no site da prefeitura como tradições alemãs e tal. Mas eu nunca tinha ouvido falar assim e todos que eu entrevistei até agora “...” nenhum deles sabia.

I4: Mas o *Osterwasser* deve ser essa água na Sexta-feira Santa. É bem provável que seja.

P: E aí, onde que coletava essa água da torneira? Normal?

I4: Em qualquer lugar, né? Qualquer lugar, desde que fosse antes do amanhecer e não poderia falar com ninguém. Poderia, tinha que levantar e ir lá e coletar essa água.

P: E teus avós, teus pais já contaram alguma coisa a respeito do alemão quando ele foi proibido?

I4: Sim, o vô sempre contava, né? Porque meu vô era uma criança na época da Segunda Guerra. Daí ele contava que na igreja sempre eram acostumados a ter o padre alemão que rezava missa em alemão e o Pai Nosso, tudo em alemão. Aí quando veio o padre brasileiro e a proibição do alemão, né? Ele não falava assim com essas palavras, né? Ele dizia que não podia falar. Daí a vó, a minha bisavó, no caso a mãe dele, sempre orientava ele. Na missa, né? Quando todo mundo começava, ele teria que mexer a boca pra dizer que ele *tava* rezando, mesmo ele não sabendo o português, né? Porque até então era o alemão e daí passou para o português e eles não sabiam. E na rua assim não podia falar. E se falasse o alemão dentro de casa era bem baixinho. Até por isso que eu acho que a gente não, não sabe ler e escrever. Hoje o alemão aqui eu não conheço ninguém que sabe ler e escrever.

P: A minha vó conta também, né, que “...” na época ali a sogra e o sogro dela, né? Eles esconderam tudo o que é material que eles tinham em alemão, esconderam tudo no mato, né? Pra se acontecesse alguma visita na casa deles ali, eles não serem pegos com nada, né?

I4: Sim. Se tu for aqui no cemitério, porque é um cemitério bem antigo, tu vai perceber que até um certo período é *Ruhe in Gott*. Depois de um período passou a ser “aqui descansa em paz”, né? Sumiram as lápides assim escritas em alemão. Não tem mais, mas o vô, ele era uma criança na época, ele sempre contava. Hoje em dia ele já não é mais vivo. Mas ele sempre contava que naquela época, o que mais chamava a atenção para ele era na missa, né? Porque daí a mãe dele orientava que ele mexesse a boca para “...” para dizer que ele *tava* rezando, né, Para dizer que ele sabia, mas na verdade ele não sabia. Ele só mexia a boca. É isso. Assim que eu que eu me lembro que o vô contava, né?

P: Aham. E tu achas que aqui em Águas Mornas todo mundo falava um alemão igual?

I4: Não, não. Não, muito diferente. [risos] Por exemplo, eu tenho uma, uma cunhada que é casada com um cara lá do Morro dos Meyer, sabe lá em Teresópolis? “...” Mas então, ele era de Teresópolis. Daí, ali, esses dias a gente até *tava* comentando as palavras diferentes que a gente usa. Por exemplo, eu falo **Schlose** e ele fala **Hagel**, sabe o que que é? **Schlose** e **Hagel**? Granizo. A gente usa uma palavra, e ele usa

outra. **Bach**, aí eu falo **Bach**, eles falam **Fluss**, a gente aqui fala **euch** - eu. Aí eles falam **ich!** É “...” o que mais tem diferente? Mas tem várias palavras diferentes, **Buxe** eu falo **Buxe**, eles falam **Hose**. ... E o que mais? ... Eu sei muita coisa diferente, mas eu consigo entender assim. Grande parte, claro, vai ter uma palavra ou outra que eventualmente eu não vou entender, mas é bem diferente. Por exemplo, daqui pra Santa Isabel é uma do lado da outra, *né?* E já muda muito. Lourdes é mais parecido com o nosso “...” porque eles frequentavam muito aqui. Eles não tinham igreja, eles não tinham escola, então eles frequentavam aqui. *Pra, né, “...”* ir na igreja. Nesses lugares, então, eles acabaram, acho que falando mais parecido com as pessoas daqui, mas Segunda Linha, eles falam muito diferente. São pequenas, “...” algumas palavras como eu mencionei ali, bem diferentes, mas algumas eu acho que terminações diferentes. Não sei explicar a diferença. Tu *deve* saber melhor do que eu.

P: A pronúncia?

I4: É, a pronúncia assim. Não sei, mas é diferente. Mas dá para entender. Se tu sabe falar bem, que nem eu sou muito acostumada a falar, Então se eu chegar, por exemplo, lá na Segunda Linha e alguém falar no alemão da Segunda Linha, eu vou entender. Eu vou achar estranho, mas eu vou entender. É que nem, por exemplo, tu *entende* uma pessoa lá do Nordeste, *né?* Eles falam diferente da gente, mas tu *vai* entender. É mais ou menos assim. Dá para entender, mas tem coisas diferentes.

P: Eu acho que tu já respondeu essa, né? Mas se tu utiliza bastante o alemão ainda e quando?

I4: Eu utilizo muito. Sempre que eu vou na casa dos meus pais, como eu te falei com meu marido, a gente fala meio a meio, *né?* Às vezes tu *tá* conversando, tu *fala* cinco palavras em português, duas em alemão, daí depois já uma em português e vai misturando. E na comunidade em geral, por exemplo, quando eu saio na rua e encontro um vizinho, eu sempre vou abordar ele em alemão e ele vai me abordar em alemão, aí com os meus pais, com a minha avó, com a minha sogra. Eu sempre falo em alemão, sempre.

P: E tu acha que as gerações mais novas, elas ainda estão falando bastante alemão?

I4: Não! É como eu te falei. Eu acho que eles entendem, porém eles não falam tanto aqui, mas ali na fazenda de Lourdes, por exemplo. Ali eu acho que eles ainda falam um pouco mais. Aí eu percebo pelos alunos, *né?* Os alunos de lá eu acho que ainda

falam um pouco mais, mas em geral eu acho que eles falam menos, mas depois se arrependem. Por exemplo, meu primo, meu primo foi morar na Irlanda, ele disse. Daí ele voltou agora para o Natal, *né?* Ele disse “Ai, por que que vocês não insistiram em me ensinar o alemão?” Eu falei “Tu não queria, *né?*” Eles não queriam, não queriam aprender. Mas eu acho que em geral eles estão falando menos, mas entendem porque são obrigados a entender. Por exemplo, quem mora aqui é obrigado a entender.

P: E nas outras regiões do município?

I4: Eu acho que menos também. Tipo, se tu pega um jovem ali de Santa Isabel, por exemplo, ali em Santa Isabel se fala menos assim, o alemão na rua, *né?* Ali eu acho que eles já deixaram muitos, já deixaram até de entender e falar, então não falam.

P: É. Eu, por exemplo, o meu pai, ele falava só o alemão praticamente, até ele conhecer minha mãe. Só que ela não falava o alemão.

I4: Ah, daí vocês não falam. Não, tu fala, *né?*

P: Mas eu fui aprender depois o alemão.

I4: E é diferente, *né?*

P: É, tem um pouco de diferença assim, *né?*

I4: Eu, por exemplo, se eu ouvir o alemão padrão, eu tenho bastante dificuldade de entender. Você quer ver se a pessoa fala muito rápido? Eu não entendo porque as palavras são muito diferentes. “...” Muito.

P: A pronúncia, assim, *né?* De algumas coisas, *né?*

I4: Eu acho que é bem diferente. Eu tenho dificuldade.

P: E por que será que essas gerações mais novas estão falando cada vez menos alemão?

I4: Eu acho que muito por uma questão de preconceito que foi sofrido numa época. Eu acho. Por exemplo, quando eu ia na escola, eu sofria preconceito porque eu não sei, hoje em dia eu acho que eu não tenho tanto sotaque, *né?* Mas, em geral, as pessoas que falam o alemão tem o sotaque bem carregado. E eu acho que elas foram sofrendo preconceito em relação a isso e foram parando de falar. Até eu acho que muitos pais deixaram de ensinar *pros* filhos, se eu conversasse com meu marido ah, sei lá, dez anos atrás, que a gente já, era casado, não era casado, mas já namorava, dez anos atrás. Se a gente fosse ter um filho, ele sempre falava “Ah, eu não vou ensinar o alemão.” Por causa do preconceito que sofria por causa do sotaque. Mas aí, *né*, eu tenho um entendimento diferente já disso. Daí a gente

conversando, hoje em dia, a opinião dele já seria outra, de sim ensinar. Mas eu acho que o preconceito levou as pessoas mais jovens a não falar mais, a não querer falar. Não sei se a tua opinião também é assim. “...” Eu acho muito preconceito. Muito. Gente, quem trabalha em escola assim percebe. Na época que eu era aluna já tinha um pouco de preconceito, ai era uns alemão burro do Loeffelscheidt e sempre falavam assim né? Mas hoje em dia eu acho que é mais pesado ainda o preconceito pela forma “...” que pelo sotaque mesmo.

P: Tu *acha* que *tá* mais forte hoje ainda?

I4: Eu acho. Em certos pontos eu acho que sim.

P: Na escola?

I4: Na escola, *aham*. “...” Não sei “...” eu acho que *tá* bem “...” Acho que naquela época, não sei se a nossa percepção era diferente, porque hoje em dia tudo é preconceito, é bullying, é isso, é aquilo, né. Naquela época, na tua época não sei como era, mas na minha época, se eles falavam, a gente não levava tanto como bullying, não existiam essas, esses termos. Um fazia bullying daqui, outro fazia dali. Tipo se alguém falava “Ah o alemão burro do Loeffelscheidt” “Ah, seu 4 *olho*”. Né, já tinha essa coisa dos dois lados. Hoje em dia, acho que as pessoas “...” marcam mais. São mais “...” frescas até, eu diria. Então eu acho que sofrem preconceito. Muito.

P: Tu *acha* que a prefeitura poderia tomar alguma iniciativa *pra* tentar preservar mais o alemão?

I4: Eu acho que poderia. Acho que a prefeitura se preocupa bastante assim: “Ah a prefeitura tem um aspecto alemão”, “Vamos fazer o Stammtisch”. Aí eu fui esse ano. Primeira vez que eu fui. Mas se tu *parar* bem *pra* pensar, lá não tem nenhuma música em alemão “...” cantada, não tem ninguém dos falantes de alemão, praticamente lá. Tu *vai*, por exemplo, eu trabalho num colégio no centro de Águas Mornas. Lá não tem nada que incentive, nem a cultura, nem a língua, nem as tradições, nada. É como se fosse uma escola, sei lá, lá do centro de Florianópolis. É igual, não tem diferença. Ali no Manoel Philippi, que tu *estudou* ali né, ali tem o seu [...], que é o professor de alemão, mas é só. Outras tradições também não existem. Então eu acho que as escolas poderiam tomar, até nas escolas municipais, né, que seria onde o município teria mais acesso, mas poderia fazer esses eventos dentro das escolas estaduais também, *pra* incentivar os jovens. Porque eu acho que a gente, adulto, já *tá* inserido ali no meio onde já se fala, onde *né* “...” Mas eu acho

que *pros* jovens seria bem importante fazer “...” algum evento, alguma coisa que de fato fosse *pra* preservar a língua, a cultura, tudo. Acho que Águas Mornas tá perdendo um pouco essa identidade.

P: E qual a tua opinião sobre o ensino de alemão nas escolas municipais?

I4: Eu acho, que como eu tava falando *né*, seria algo bem importante e interessante *pra* resgatar um pouquinho isso *né*, dentro do nosso município, como eu falei, ele tá perdendo a identidade, porque aqui em Águas Mornas, na verdade, teve três colônias alemãs bem importantes na época e hoje em dia se tu for pensar, os jovens a maioria não fala mais, *né*. Não fala, tem vergonha de falar “...” Eu acho que seria um resgate bem importante disso.

P: Vergonha de falar talvez por falta de incentivo, será?

I4: É, não tem.

P: Uma valorização da língua *né*?

I4: Eu acho que da língua e da cultura, com um geral, *né*. Como eu falei, a prefeitura, ela se preocupa, tem ali o portal em Santa Isabel “Segunda Colônia Alemã” e não sei o que, mas não tem uma valorização efetiva. “...” Mas se encontra um alemão falando em alemão lá na rua do centro, por exemplo, já vai ser motivo de chacota muitas vezes, *né*. Eu percebo assim, *né*.

P: Isso por parte dos que não falam o alemão?

I4: Por parte dos que não falam. Eu acho que é por parte dos que não falam, *né*. Muitos dos que não falam acham interessante também. Tem aquela pessoa que acha interessante, que quer conhecer, mas eu acho que a grande maioria não.

Entrevistado: I5 – Susanne

Data: 06/01/2024

Transcrição de: 00:02:00 a 00:12:30

P: Tu falas alguma língua além do português?

I5: O alemão, né? Só. Só que o nosso dialeto aqui não é nada “...” formal [risos].

P: E tu tens algum nome para esse alemão ou vocês? “Ah, eu falo alemão”?

I5: Não, só o alemão.

P: E como que tu aprendeu?

I5: Porque o pai e a mãe falavam só em alemão pai, a mãe e a vó ali. Naquela época só se falava alemão aqui. Então a gente aprendeu assim, na marra. [risos]

P: Então foi a primeira língua que tu aprendeu?

I5: Foi a primeira língua.

P: Uhum. E o português fosse aprender quando?

I5: Provavelmente a hora que eu fui *pa* escola talvez já tinha alguma noção antes, mas aprender a aprender mesmo na escola.

P: Então, não lembras se foi difícil?

I5: Não. Não, não tenho muita recordação sobre isso.

P: Uhum. “...” Então, aqui, no nosso contexto de Águas Mornas, por exemplo, a gente tem duas pessoas conversando em alemão e uma terceira que não fala não tá entendendo, né? E ela vê essa cena. O que será que ela pensa?

I5: Que *tão* falando mal dela. [risos] Todo mundo fala isso, né?

P: Aham. “...” E tu conheces alguma historinha, alguma musiquinha em alemão que tu aprendeu em casa com os teus pais avós?

I5: Não. Pior que não sei.

P: Nenhuma infantil?

I5: Olha aí, agora. “...” Só trava língua.

P: Pode ser também. Lembra de algum assim?

I5: *Zweiundzwanzig schwarze Schweineschwänze*. Só esse.

P: E tu já ouviu falar na tradição *Eierkippen*?

I5: Não.

P: É que eu tava pesquisando no site da prefeitura e aparece como uma tradição alemã daqui do município, né? Eu nunca tinha ouvido falar. Aí eu tô

perguntando, *né*, nas entrevistas aqui para ver se realmente as pessoas conhecem.

I5: Como que é?

P: *Eierkippen*.

I5: E o que que é *pra* ser isso, gente?

P: Eu *tava* pesquisando, não sei se realmente é assim que funciona *né*? Mas pesquisando na internet, eles cozinham os ovos, *né*? Provavelmente na época de Páscoa *né*? E é tipo uma gincana assim, eles tem que ir batendo no ovo um do outro e não *pode* deixar quebrar o teu. Por exemplo, você tem que tentar quebrar o do outro, mas não pode quebrar o teu.

I5: Ai é tipo aquela brincadeira de estourar balão, *né*? Legal, gostei dessa brincadeira. [risos] Mas nunca tinha ouvido falar.

P: Eu também nunca tinha ouvido falar, *né*? Daí por isso que eu tô perguntando nas entrevistas assim, para ver se alguém conhece, *né*?

I5: Eu nunca tinha ouvido falar até agora também.

P: Das pessoas que eu entrevistei, ninguém, ninguém ouviu falar ainda.

I5: Deve ser uma coisa bem antiga. Então, talvez em pesquisas com pessoas mais antigas, talvez.

P: Pode ser, é. E *Osterwasser*?

I5: Também não.

P: Não? Acho que isso aqui é mais dos católicos, *né*? Alguma coisa relacionada com a Sexta-feira Santa.

I5: Água benta, alguma coisa assim, *né*? Pode ser.

P: Eu acho que isso é mais uma tradição dos católicos.

I5: Mas antes de casar eu era católica, *né*? Mas eu também nunca ouvi falar nada disso aí não, tá.

P: Lá pro Loeffelscheidt eles conhecem.

I5: Ah, talvez lá era conhecida assim e aqui como água benta. Talvez seja alguma coisa assim, *né*? Porque muda muito de uma região para outra também o palavreado que se usa às vezes para a mesma coisa, *né*?

P: *Aham*. Me explicaram que seria na Sexta-feira Santa, tu *tem* que acordar antes do nascer do sol, não pode falar com ninguém e coletar água. E aquela água, *né*, daí tu poderia usar *pra*, *pra* se lavar "..."

I5: Isso o pai falava se tinha verruga, alguma coisa na mão que tinha que fazer isso na Sexta-feira Santa, de manhã, antes do sol nascer. É isso. O pai falava sobre isso sempre. Só que não “...” tipo de coletar a água, não. Mas assim, dessas coisas assim o pai também falava.

P: *Uhum*. Então essa eu acho que a *Osterwasser*, né?

I5: É só talvez. É que nem eu digo, né? Uma palavra, um jeito diferente de falar sobre isso. Aqui a gente não fala tudo em alemão, usa muito misturado assim, palavras em português junto, porque tu não *sabe* como é que fala em alemão e usa em português. Talvez seja por isso que eu não conhecia essa palavra em específico, mas desse significado, sim.

P: *Aham*, sim. E tu já *ouviu* falar alguma coisa sobre a época que foi proibido o alemão aqui no Brasil? Não sei se teus avós, teu pai, alguém te contou alguma coisa.

I5: Eu tenho uma leve lembrança sobre isso, mas muito pouco dessa proibição. Eles já comentaram alguma coisa sobre, mas não vou saber te dizer nada sobre porque não me lembro muita coisa sobre.

P: *Sim*. E tu achas que aqui em Águas Mornas todo mundo fala um alemão igual mesmo alemão?

I5: Não. [risos] Por exemplo, em Loeffelscheidt, já se tu *estiver* ali, eu me sinto como tu, *fez* a pergunta antes de duas pessoas conversando, e eu fora escutando, muita coisa eu não vou saber o que *tão* falando. Talvez pelo jeito de falar, porque falam muito rápido. Mas *né* não, não vou conseguir entender tudo o que falam.

P: E quais as diferenças que tu *percebe* assim?

I5: No sotaque. E algumas palavras também que eles, “...” talvez é só pronunciado “...” Talvez a escrita seja igual, mas pronunciado de maneira diferente, que daí parece ser, sei lá, qualquer coisa, menos o que a gente acharia que fosse, *né*?

P: Lembra de algum exemplo assim, de palavras que são diferentes?

I5: Ai, poderia te dizer várias, mas agora na hora, assim é difícil vir alguma coisa na cabeça. Mas eu não consigo lembrar nada agora “...” Corda, por exemplo, a gente fala ***Strick*** e eles falam ***Seil***. Uma coisa assim. Então são coisas assim que eu não saberia o que que é, *né*? São várias palavras que eu, que agora não me lembro. Aí daqui a pouco eu vou lembrar de várias.

P: E *tentasse* ensinar o alemão para os teus filhos?

I5: Sim, Tanto que ela só falava, né, alemão? Mas aí, por causa dessa médica abençoada, a gente deixou dela. E depois também não. Não fez mais com a [...] não, não ensinou mais ela não forçou mais ela a aprender.

P: E no dia a dia assim, tu ainda utilizas muito o alemão?

I5: Sim, com o meu sogro a gente só fala em alemão, quando eu vou lá na casa do meu pai, da minha mãe é muito estranho eu falar em português com eles. O alemão é automático. E isso pode ser em qualquer lugar, pode ser numa festa, pode ser em qualquer lugar. Para mim, o alemão com eles é automático. Com algumas pessoas em específico, *né?* Com a minha *vó*, por exemplo, o alemão é automático. Eu me sinto estranha falando em português.

P: *Uhum*. E tu acha que as gerações mais novas ainda estão falando bastante alemão aqui em Águas Mornas?

I5: Não. Bem pouco quem fala ainda, tipo, ela fala, mas é tudo enrolado. E assim eu vejo a grande maioria. O meu irmão, por exemplo, o [...], o mais novo, ele fala, mas ele fala bem enrolado. Então assim eu vejo, muita gente até fala, mas já enrolado, então se ele já não fala direito, o filho dele vai falar menos ainda, como é o caso da [...], *né?* E daqui a pouco vai se acabando.

P: Pois é. E por que será que cada vez menos *tão* falando alemão?

I5: E agora? Talvez pelo hoje se usa, se usa muito bullying, *né?* Mas eu percebo isso em mim, como eu falo alemão, eu puxo muito o R, eu tenho um sotaque muito diferente, talvez por isso, não sei. “...” Pela falta de incentivo.

P: E tu achas que então que a prefeitura, o município poderia fazer alguma coisa para tentar promover o alemão? Para que ele não...

I5: Deveria, deveria. Como aqui é um município de colonização alemã, tanto que aqui é um dos primeiros que vieram para cá, *né?* Deveria ter algum apoio, alguma coisa relacionada a isso.

P: E tens ideia de alguma coisa, do que que poderia ser feito?

I5: Como se dá aula de “...” Tem “...” a prefeitura tem projetos de aula, de tae-kwon-do, de futebol, de tudo isso. Poderia ter alguma coisa relacionada a isso? Alguma aula de alemão. Extracurricular, *né?* Fora de horário de aula. Tipo vai quem quer, quem pode. Até mesmo essas danças alemãs. Seria alguma coisa interessante retomar essas coisas assim. Talvez muitos não iriam querer fazer, mas se a prefeitura botasse, incentivasse, talvez.

P: *Dá oportunidade para quem tem interesse.*

I5: Sim.

P: E qual a tua opinião sobre ensinar alemão nas escolas municipais?

I5: Deveria de ser lei. Porque daí se tu, se tu tem que aprender na escola, tu vai querer alguma coisa a fundo em casa. Se. Se teus pais falam em casa, *né?* Se se. Como é que se a gente não falasse alemão ela não iria muito a fundo, ia ser aquela coisa por obrigação e deu. Mas como a gente fala alemão em casa, ela vai aprender na escola, ela vai querer abrir esse leque, querer aprender mais. Foi o que aconteceu com ela. Primeiro, ela não falava nada. Quando ela começou a ir para a escola. Depois disso, ela começou a demonstrar um interesse sobre isso. “...” Só que na escola, hoje o ensino do Alemão *tá* bem diferente da época que a gente fazia, *tá?* Hoje ela faz muito é desenho. E o que é outro, caça palavra. São coisas que eu não vejo que fazem ela aprender o alemão, mas *né*, o professor é ele, então.

Entrevistado: I6 – Michael

Data: 06/01/2024

Transcrição de: 00:01:48 a 00:15:31

P: Tu falas alguma língua além do português?

I6: Não. “...” É só o alemão e português, *né*. Os dois, *né*?

P: E esse alemão? Tu tens algum nome específico para ele ou é alemão no geral, assim?

I6: Para nós assim a gente conheceu como é o *Hunsrückisch Deutsch* que a gente fala. O *Hunsrückisch*, como é conhecido na “...” na tradição alemã, *né*?

P: E o pessoal daqui usa essa nomenclatura?

I6: A maioria fala coisas desse tipo, tem alguns que tem um pouco fora, porque isso normalmente é assim de uma casa para outra, muda tanto como nós temos os pais “...” Os meus pais e tinha um outro lado que era um irmão de ambas as partes, mas mesmo assim eles falam diferente, que a gente tem algumas palavras, *né*?

P: Sim. E como que tu aprendeu o alemão em casa assim?

I6: O primeiro idioma que a gente aprendeu, tanto que primeiro dia de aula eu quase não sabia falar em português. Só umas dez palavrinhas, e *óia* lá.

P: Então o português fosse aprender na Escola?

I6: Sim, *aham*. Na época quando eu fui *pra* escola daí. Daí, a partir daí, comecei a aprender o português, *né*?

P: E como é que foi? Foi difícil?

I6: É, primeiro tempo. A gente foi assim, de pouco em pouco, aprendendo que a gente não é “...” tanto como o primeiro dia até uma irmã minha foi junto *pa* aula [risos] Se o professor falasse para eu entender. Mas o professor também era alemão, isso ajudou um pouco, *né*?

P: Daí ele falava também?

I6: Ele, ele não usava como na aula, mas se fosse uma necessidade, ele sabia, *né*?

P: Sim. E, por exemplo, a gente está no contexto de Águas Mornas, aqui e tem duas pessoas conversando em alemão e uma terceira tá observando. Só que essa pessoa, ela não fala alemão, ela não entende. O que será que ela pensa quando ela vê essas duas pessoas falando em alemão?

I6: As pessoas que já são daqui, eles já sabem que é tradição. Eles não dão muito assunto, embora de que eu não gosto muito de falar assim, quando eu vejo tem uma

peessoa só que não sabe falar alemão. Agora no meio assim de mais pessoas, eu não dou bola, se for falar alemão, aí eu não dou bola não. Mas é que fica chato que se, por exemplo, uma pessoa tiver, que não entenda alemão, é só nós dois falar alemão, daí não. “...” É meio chato isso, eu acho. Daí *né?*

P: E o que que essa pessoa “...” será que ela pensa alguma coisa das pessoas falando alemão?

I6: Até hoje ninguém falou nada, mas assim é por mim mesmo, eu acho assim que ela se sente um pouco mal, que a gente está querendo esconder algo dela, *né?* Nesse sentido, sim.

P: Conheces alguma musiquinha ou historinha em alemão que tu aprendesse em casa assim com teu pai?

I6: A gente fica meio de calça curta, a gente, “...” assim “...” É que lá atrás assim não, “...” não recente em casamento, o pessoal cantava umas *música* em alemão, então a gente ficou meio esquecido. Lembro de algumas assim, mas poucas assim hoje mais, *né?*

P: Lembras de algumas que eles cantavam? Lembras de algum trecho?

I6: Esse *Trink´n noch ein Tröpfchen, Trink´n noch ein Tröpfchen, aus dem kleinen Henkeltöpfchen, Trink´n noch ein Tröpfchen*. Esse *cê* conhece, *né?* Pois é, esse é um deles. Então tem mais outros que a gente podia ajudar. Agora falar, cantar sozinho *tamo* mais esquecido até, *né?*

P: E já ouviu falar na tradição *Eierkippen*?

I6: *Eierkippen?* Eu entendo que é como virar ovo, *Eierkippen*, *né?*

P: É que eu tava pesquisando no site da prefeitura, e eu encontrei dois nomes *né?* *Eierkippen* e *Osterwasser*, como tradições alemãs aqui do município. Daí eu tô tentando “...” Nessas entrevistas eu tô perguntando *pro* pessoal, pra ver *né*, o que seria. Pra eles *explicar* essa tradição, porque no site da prefeitura consta como uma tradição daqui de Águas Mornas.

I6: Para mim é desconhecido. Não conheço isso não. Não ouvi muito isso não.

P: Até agora também não encontrei ninguém que, que saiba, *né?* Esse *Eierkippen*. Aí eu pesquisei na internet, é alguma coisa, tipo de bater um ovo no outro assim. E quem “...” Ovo cozido, *né?* E aquele que quebrar por último ganha, tipo, não pode deixar quebrar. Tu *tem* que tentar quebrar o ovo do outro, só que não pode quebrar o teu. Acho que é alguma coisa mais ou menos assim.

I6: Pode ser. Eu não, eu não tinha ouvido falar isso não.

P: Eu achei interessante perguntar “...” é que às vezes o pessoal né? Sabe como funciona, né? “...” E Osterwasser?

I6: *Osterwasser?* “...” É “...” o única coisa que eu sei dizer que Sexta-feira Santa, a gente recolhia água de manhã, a gente “...” E isso era como se fosse água benta, uma coisa meio sagrada assim, É isso que eu sei dizer. Se isso é o assunto de *Osterwasser*. Eu acho que deve ser isso, então, né?

P: Eu acho que sim. Outras pessoas já falaram “...”

I6: Eu sei que nós, quando éramos *pequeno*, de manhã, antes que amanhecesse o dia, a gente recolhia chá e coisa para guardar durante o ano, pegava água e guardava tanto como a gente ia se lavar na água. É uma tradição assim existia.

P: E não sei se sabes, teve uma época que o alemão foi proibido aqui no Brasil, né?

I6: É os meus pais *contava*, que não é na minha época, antes, que o pai contava que era proibido, que eles não podiam falar alemão quando saiam fora assim. “...” Era uma coisa muito, sei lá, meio ruim isso aí. Eu não, não, não achei legal. Devia ser alguns meio rivais que fizeram isso aí, né, essa lei.

P: Ele te contou mais alguma história assim?

I6: Tanto como eu soube que tem pessoas que foram registrar nome. Aí o *próprio* pessoa ali do cartório, ele teve que convencer a pessoa mudar um pouco esse nome pelo fato de não ele registrar o nome alemão, ele ia ser penalizado por isso. É que tem um senhor, o nome dele era para ser Gottfried. Aí, aí o cara do cartório resolveu de colocar Godofredo em vez de Gottfried, para evitar esse problema, né? Por exemplo.

P: Mas alguma coisa assim que ele te contou, ou até os teus avós contaram?

I6: É que o pai contou quando na época ele foram fazer a carteira de “...” de reservista assim que “...” de não servir o exército. Aí se falasse uma palavra alemão ele já era barrado ou aquele superior já gritava que não podia falar alemão assim. Daí é uma coisa meio ruim. E as *pessoa* que não *sabia* falar português? Então a pessoa é um pouco escravizado nesse sentido eu achei, né?

P: Sim. “...” E tu achas que aqui em Águas Mornas todo mundo fala um alemão igual?

I6: Não, existe diferença. O bairro Loeffelscheidt, Fazenda já muda bastante daqui, né? Não fala todo mundo igual, não!

P: O que é que tu *percebe* de diferente assim?

I6: A gente já tá acostumado. Já desde pequeno que a gente ouve eles *falar*, a gente entende já. Exemplo, nós *fomo* trabalhar daqui lá para Biguaçu, fomos trabalhar. Primeiro a gente estranhava muito, depois a gente entendia bem eles, tudo. Existe muitas palavras que são bastante diferente, mas a gente entende tudo hoje nesse sentido. Pode ser que hoje caísse alguma palavra que a gente talvez ia apanhar uma ou outra, [risos] mas de maneira geral a gente ainda entende.

P: *Uhum*. Lembras de alguma palavra assim que é diferente?

I6: Nós aprendemos que trovada de pedra é era ***Schlose*** ou ***Hagel***. E para lá, o pessoal dizia ***Kiesele***, então é ***Schlose, Hagel*** e ***Kiesele***. A mesma coisa em três nomes diferentes, *né*?

P: Lembras de mais alguma?

I6: “...” A gente “...” com mais tempo, a gente lembra, mas na hora [risos].

P: Na hora não vem, *né*.

I6: “...” Ah, como nós *temo* uma madrasta aqui, ela contando: “*Ich will jeztz dat mache gehen*” e ela diz: “*Vamo dat well mache gehen*” [risos]. Vai mudando assim desse ***jeztz und well***. E “...” ah, ***ich*** e ***eich, du und dauch***. [risos] Quer dizer, várias coisas assim que muda, que vai “...” dizendo assim na hora a gente não lembra, mas existem muitas palavras que são diferentes. Daqui pro Loeffelscheidt já é muitas coisa que *muda*. Tanto como o [...] que ele era, que do Rio Miguel, falava alemão normal daqui, hoje que se *fala* com ele, fala muitas coisas como o pessoal do Loeffelscheidt, *né*?

P: É que daí tu *vai* pegando o que é mais falado ali onde tu *tais* morando.

I6: *Aham*. A pessoa vai se adaptando mais a isso, *né*?

P: E tu *ensinasse* alemão *pras* tuas filhas?

I6: E nós dois ensinamos, *né*? Claro que elas tem as coleguinhas, daí tem escola, igreja, sociedade, é tudo em brasileiro, a televisão, rádio, os meios de comunicação. Então é apenas um detalhe mínimo que fica ligado ao alemão e conta um monte de coisas, *né*, forçando o português. Então, isso daí aqui, se a gente não tentar “...” preservar esse pouquinho, daqui a pouco ela vai perdendo cada vez mais força, *né*?

P: Sim. “...” E por que é que vocês ensinaram o alemão para elas?

I6: A gente acha que é muito útil, assim como cultura, e pode servir sempre chega horas que serve muito, em meio a sociedade, quem trabalha com público.

Assim, sabendo falar, o alemão pode ajudar muitas pessoas que tem dificuldade. Eu acho bom assim nesse sentido, *né?*

P: *Uhum*. E tu usas bastante o alemão ainda?

I6: Eu assim, se for *pra* usar assim, uso sim. Como assim, a gente fala um pouco mais português porque é mais natural. Por exemplo, chega em casa assim o genro, ele entende alemão, mas é pouco. Daí fala mais em português, quando *tá* aqui. E a sociedade, a maioria fala tudo em português, *né?* Mas assim, que se a gente chegar onde tem pessoas alemão, conversamos em alemão, isso não tem dúvida.

P: E tu achas que as gerações mais novas, aqui em Águas Mornas, elas ainda falam bastante alemão?

I6: Tem poucos que falam, pelo que eu, pelo que a gente sabe, *né?* Tem, “...” tem alguns ainda que falam. Quando a gente sai assim para outros bairros, assim a gente vê que tem regiões que ainda falam mais alemão. Ah, os últimos anos aqui tá caindo cada vez mais, *né?*

P: E quais regiões, que tu *percebe* que ainda *tá* mais forte assim, nas “...” nos mais novos?

I6: E agora? Rio Miguel ainda fala um pouco mais alemão ainda do que por aqui em Teresópolis. Eu “...” que eu conheço, Rio do Cedro a gente não conhece muito assim. E quando a gente sobe assim pra Rancho Queimado, para esses bairros, para lá a gente vê também, ainda tem certas *tifas*⁴⁶ que tem alemão ainda também, *né?* E quando vai *pro* Loeffelscheidt, esses lugares assim a gente ainda vê que tem mais alemão, *né?* Em Santa Isabel ainda tem famílias também que ainda *fala* alemão, mas a gente percebe que os mais novos cada vez “...” vai sendo menos, *né?*

P: E por que será que cada vez menos estão falando alemão?

I6: Falta um pouco um incentivo assim também como na aula assim. E “...” é um pouco menos valorizado assim. O idioma alemão, ainda assim, que de maneira geral, todo mundo vai deixando de lado, não tem tanta importância. Quer dizer, como você entende mais ou menos, é mais ou menos esse caminho pelo que a gente entende.

⁴⁶ “A palavra “tifa” tem origem no termo alemão “tief” que significa “profundo”, e é utilizada para denominar localidades muito distantes e afastadas das regiões mais populosas de uma cidade”. (Bubniak; Freitas, 2018).

P: E tu achas que a prefeitura poderia fazer alguma coisa para tentar preservar um pouco mais do alemão?

I6: Eles deveriam incentivar de certa forma, assim trabalhar um pouco mais focado em cima disso. Isso ajudaria mais assim a segurar o alemão das pessoas, *né?* Podia, de certa forma fazer alguma coisa, algum evento voltado a isso ali ou ao final de ano, fazer tipo uma gincana, uma coisa assim. Isso. Isso de certa forma motivava muito, assim. Por exemplo, que se na sala de aula, se tivesse uma gincana em alemão, ou tipo uma premiação, pode ser uma coisa simples, comum, mas a criança se empenha, ela vai. E como não tem nada, vai ficando cada vez mais “...” menos, *né*. Eu acharia legal isso aí.

P: E o que é que tu acha então de ensinar o alemão na escola?

I6: Eu acho que seria bom se fosse ensinado o alemão. Não deveria deixar relaxar tudo não. De certa forma, ela nunca deixa de ter o seu valor de origem e querendo ou não, assim a cultura alemã diz muito para nós, *né?* “...” Como a gente vê assim, de maneira geral, assim, a cultura alemão da família e a cultura do português assim muda, como você conhece, muda isso bastante, *né?* “...” O alemão é assim de maneira geral, assim, é mais voltado um pouco mais assim *tá* trabalhando agora, pensando pro ano que vem. E o português tendo hoje *tá* bom, amanhã é outro dia. [risos] Existe essa diferença, a gente percebe isso, *né?*

Entrevistado: I7 – Petra

Data: 14/01/2024

Transcrição de: 00:01:57 a 00:07:21

P: A senhora fala alguma língua além do português?

I7: Só o alemão e o português, *né?*

P: E esse alemão? Tens algum nome específico para ele? Ou vocês falam só alemão?

I7: “...” Pois agora “...” Acho que é só alemão, *né?*

P: E como que a senhora aprendeu?

I7: Em casa com os pais. Meus pais, eles “...” *Tava* difícil de falar português, *né?*

P: E o português fosse aprender quando?

I7: Quando eu fui *pra* escola.

P: E foi difícil?

I7: Não. “...” Não foi difícil.

P: E agora, por exemplo, no nosso contexto de Águas Mornas, aqui, *né* “...” tem duas pessoas conversando em alemão e tem uma terceira que *tá* ouvindo a conversa, só que ela não fala e não entende o alemão. O que será que ela pensa?

I7: Que eles *tão* falando dela, *né?* [risos]

P: Uhum. “...” A senhora conhece alguma musiquinha ou historinha em alemão que *aprendesse* em casa assim?

I7: Não, não me lembro agora por horas.

P: Nem uma oração, nada?

I7: Óia, a única coisa que eu sei, rogai por nós é “*beten für uns*” isso que eu sei ainda, porque nós *rezava* o terço em alemão em casa e a única coisa, quando era rogai por nós, era “*beten für uns*”. Isso eu sei ainda, *mais* o resto nós *rezava* alemão e tudo em casa. Agora, se tem alguém que, por exemplo, reza em alemão, eu consigo acompanhar. Agora eu rezar sozinho? Não, isso eu acho engraçado, *né?*

P: Sim, não vai usando daí, por fim vai esquecendo, *né?*

I7: É eu tia em São Bonifácio, eles *rezava* em alemão, daí eu visitava ela muito. Ela era cadeirante, *né?* Daí eles *rezava* alemão na mesa, eu acompanhava. [risos]

P: Já *ouvisse* falar na tradição *Eierkippen*?

I7: “...” Não.

P: E Osterwasser?

I7: *Osterwasser?*

P: É.

I7: Água de Páscoa? “...” É isso?

P: Sabes como funciona assim? Já ouviu falar?

I7: Não.

P: É que eu tava pesquisando no site da prefeitura e aí fala que esses dois aqui são tradições alemãs que ainda se fazem aqui no município de Águas Mornas, né? É por isso que eu pergunto, né? Mas nunca *ouvisse* falar, então?

I7: Não.

P: Uhum. “...” E já *ouvisse* falar “...” alguma coisa da época, quando o alemão foi proibido? É que teve uma época que o alemão foi proibido, né? No Brasil.

I7: Não

P: E achas que aqui em Águas Mornas todo mundo fala um alemão igual?

I7: Não. Tem “...” Tem o *Hochdeutsch*, tem o *Platt*, *Westfälisch*. “...” Tem três tipos de certeza, que eu sei.

P: Aham. E o que que muda assim de um *pro* outro?

I7: Ah, isso muda bastante, né? “...” Que nem a minha avó já dizia para melancia “**Zuckermelone**”. E “...” o outro alemão já diz “...” é “melancia”. Melancia é brasileiro também, mas dizia melancia.

P: Lembras de mais alguma palavra que é diferente?

I7: Minha avó dizia pro uma bicicleta “*Spindraat*”. [risos]

P: E *ensinasse* o alemão *pros* teus filhos?

I7: Nós *falava* tudo em alemão em casa, no começo, quando nós *era casado*. Eles foram pa escola, não sabiam. Daí vinha a menina do seu [...], ali, brincar com eles. Ela sempre dizia: “Meu Deus, como essas *menina fala* engraçado, pois eu não entendo”. Mas brincavam *junto*. E depois, quando foram pa escola, daí “...” aí mudou, né?

P: Aí não falavam mais?

I7: Não. “...” Entender, assim eles *entende*.

P: Mas porque será que eles pararam de falar?

I7: O “...” o brasileiro é mais fácil de falar do que o alemão.

P: Uhum. “...” E “...” a senhora ainda utiliza bastante o alemão?

I7: Sim, ali com a vizinha, muitas coisas nós *tamo* falando em alemão. Às vezes é brasileiro daí é alemão, sem a gente perceber.

P: E tu *acha* que as gerações mais novas no município aqui, elas *tão* falando bastante alemão ainda?

I7: *Óia*, os mais de idade sim, mas os mais *novo* acho que não. E quando eles ensinam o alemão na escola é diferente como nós aprendemo.

P: Uhum. E por que será que eles não *tão* mais aprendendo o alemão em casa?

I7: Não sei “...” porque eu acho que o português é mais fácil. Eu acho.

P: E tu *acha* que a prefeitura poderia fazer alguma coisa para tentar manter mais o alemão? *Pra* ele não se perder, assim?

I7: Pois agora, o que que eu vou te responder. “...” *Tá* difícil daí, porque “...” o brasileiro “...” toma conta, *né?*

P: Achas que as escolas municipais deveriam ensinar o alemão?

I7: Bom, era, mas “...” *tá* difícil *né?* Porque quem fala o brasileiro, *tá* difícil aprender o alemão. Parece que a língua não dobra.

Entrevistado: I8 – Marie

Data: 14/01/2024

Transcrição de: 00:01:41 a 00:08:43

P: Tu falas alguma língua além do português?

I8: O alemão.

P: E tu tens algum nome específico para esse alemão?

I8: “...” Olha, eu nem.”...” Eu não sei o nome do nosso, do alemão que eu falo. Não, não sei te dizer.

P: Então, aqui vocês usam, no geral o alemão assim?

I8: Sim.

P: E como que tu aprendeu?

I8: Aprendi com meus pais.

P: A primeira língua assim?

I8: Sim. Foi a primeira língua. Foi o alemão.

P: E o português fosse aprender quando?

I8: “...” Eu aprendi o português, eu fui aprendendo um pouco com eles também, mas mais quando eu comecei a ir *pra* escola, *né?*

P: *Uhum*. E lembrás se foi difícil assim?

I8: Não. Eu não achei tão difícil. “...” Foi bem tranquilo.

P: Então, por exemplo, no nosso contexto de Águas Mornas, aqui, tem duas pessoas conversando em alemão e tem uma terceira que não fala e ela tá ouvindo essa conversa. O que será que ela pensa?

I8: Pois é, eu acho, *né?* Não sei, mas de repente ela pensa sei lá o que, mas “...” pode ser que ela tá pensando “as duas *deve tá* falando mal de mim”, alguma coisa assim, *né?* A pessoa que não entende a língua é um pouco complicado, *né?*

P: *Aham*. “...” E tu conheces alguma musiquinha, uma historinha em alemão assim que tu aprendesse em casa?

I8: “...” Eu sei um canto que a mãe sempre cantava muito *Oh Tannenbaum*, *né?* Eu não sei se tem uma coisa a ver, mas a mãe, a mãe, cantava, só que eu não sei ele bem assim todo, mas eu sei um pedacinho assim, *né?* Eu lembro que a mãe sempre cantava, *né?*

P: Queres cantar um pedacinho “...” que tu lembrás assim?

I8: *Oh Tannenbaum, Oh Tannenbaum* () *Blätter*. Eu não lembro mais muito, mas eu sei que a mãe sempre cantava. A gente não canta mais, daí vai acabar esquecendo, *né?*

P: Sim. Lembras de mais algum assim?

I8: “...” Ah, eu lembro assim um outro também, que a mãe cantava bastante sempre, *né? Lass die Herzen immer fröhlich und* (). Mais ou menos isso.

P: Esses dois então?

I8: Sim.

P: E já ouviu falar na tradição *Eierkippen*?

I8: Não, nunca ouvi falar.

P: E *Osterwasser*?

I8: Também não. “...” Não ouvi falar ainda.

P: É que eu tava pesquisando no site da prefeitura e esses dois nomes aqui eles aparecem como tradições alemãs aqui do município. Daí, eu tô tentando encontrar “...” alguma pessoa do município aqui para explicar como que funciona, *né?* Do *Osterwasser* até eu já encontrei. E *né*, eu acho que é uma tradição um pouco mais dos católicos assim *né*, de, da Sexta-feira Santa, *né?* Antes do sol nascer, de coletar água. E aquela água era meio que santa, alguma coisa assim, *né?* Pelo que eu ouvi *né*. “...” E o *Eierkippen* até agora não encontrei ninguém, que, que conhecesse, *né?* Daí tô continuando, *né?* Perguntando para ver se, se acha alguém. “...” Porque lá no site fala *né?* Que é uma tradição alemã de Águas Mornas.

I8: Assim nunca ouvi falar.

P: E tu já ouviu falar alguma coisa de quando foi proibido o alemão aqui no Brasil? Que era proibido falar?

I8: Não, não ouvi falar isso.

P: Teus avós? Ninguém nunca contou uma história assim?

I8: Nunca. “...” Não, não lembro.

P: E tu achas que aqui em Águas Mornas todo mundo fala um alemão igual?

I8: Não. Tem um () Eu não sei te dizer qual é o “...” *né?* Mas eles falam o alemão diferente. Tem “...” tem lugares que *fala* diferente.

P: Quais lugares assim? Que é diferente daqui, por exemplo?

I8: Eu sei que no Loeffelscheidt já é diferente. “...” Tem lugares na Fazenda que é diferente, assim que a gente percebe que eles *fala* diferente do nosso, *né?*

P: E o que que é diferente assim? “...” As palavras?

I8: É, as palavras, o expressar deles, o “...” eles, sei lá é bem “...” tem palavras que são bem diferente do nosso, *né?*

P: Conheces alguma assim que é diferente?

I8: “...” Agora sim, não “...” Assim, agora, no momento eu não *tô* lembrada. Mas eu sei quando a gente escuta eles *falar*, que ele se comunica bem diferente. O falar deles é diferente do nosso. Agora sim, no momento eu não sei dizer também.

P: Uhum. E tu ensinasse alemão pros teus filhos?

I8: Um pouco sim.

P: Porquê?

I8: Porque eu acho interessante a língua alemã. Não deveria deixar, *né?* Deixar se acabar, *né?* Bem interessante, *né?* Porque.

P: E tu ainda falas bastante em alemão?

I8: Ainda falo.

P: E quando assim que tu usa mais?

I8: Olha, eu uso tipo assim, eu uso todo dia falando com o pai, *né?* Em casa, em casa, assim a gente não fala tanto, *né?* Mas com o pai eu falo todo dia, *né?*

P: Uhum. “...” E tu achas que as gerações mais novas, elas ainda tão falando bastante alemão?

I8: Olha, eu acho que não. Talvez não tanto, mais *né*. Eu acho que diminuiu bastante já, *né?*

P: E por que será que tá diminuindo assim?

I8: Pois é. Não sei. Não sei se eles não dão muito valor *pra* língua alemã. Só que é muito interessante isso, *né?* Deveria, deveria ter “...” deveriam falar mais *né?*

P: Uhum. E tu achas que a prefeitura, ela poderia fazer alguma coisa para incentivar mais o uso do alemão no município?

I8: Eu acho que sim, *né?* Seria bem interessante, *né?*

P: Tens ideia assim do que que poderia ser feito?

I8: Bom, eu não sei assim também, porque já *né?* Nas escolas já tem, *né?* Já tem um professor de alemão, já tem, mas talvez incentivasse um pouco mais, *né?* Fizesse alguma coisa *pra* “...” tipo, *pra* “...” pelo menos para juventude, *né?* Alguma coisa para incentivar eles a falar mais o alemão, *né?* Seria interessante *né?*

P: Uhum. É, tem o alemão, só que é só na escola estadual, *né?* Tu achas que deveria ter também nas escolas municipais?

I8: Eu acho que bem interessante isso. Seria interessante. “...” Porque as crianças, quanto mais “...” as crianças quanto mais novas elas vão aprendendo, melhor, *né?* É melhor, *né?* Elas já vão aprendendo aquilo e vai ficando mais, *né?*

P: É mais fácil de aprender, *né?*

I8: Sim, mais fácil.

Entrevistado: I9 – Emma

Data: 22/01/2024

Transcrição de: 00:01:25 a 00:07:28

P: E tu falas alguma língua além do português?

I9: Não, só o alemão e o português. “...” Só as duas *língua*.

P: E esse alemão, tem algum nome específico para ele? Ou vocês falam alemão no geral?

I9: Oh, depende de com quem tu *conversa*, né? Se tu conversar com uma pessoa que puxa mais o alemão, mais assim a gente puxa a mesma coisa. Senão a gente fala como “...” como a gente *prende*, né?

P: E como que tu aprendesse o alemão?

I9: Com o meu pai e com a minha mãe.

P: Em casa?

I9: Sim, em casa.

P: E o português?

I9: Na escola, né? Na escola, quando a gente saía *prum* lugar.

P: E foi difícil?

I9: Foi difícil.

P: Então, por exemplo, aqui no nosso contexto de Águas Mornas, tem duas pessoas conversando em alemão e tem uma outra que não entende o alemão e ela começa a escutar a conversa. O que será que ela pensa?

I9: Ela pensa que estão falando dela.

P: E conheces alguma musiquinha, alguma historinha em alemão que tu aprendesse em casa assim?

I9: Ah, aquilo a gente *prende* quando a gente casou, né? Meu sogro cantava *Trink´n noch ein Tröpfchen, Trink´n noch ein Tröpfchen, das Leben ist so schön*. “...” É uma coisa assim eles *cantava*. Daí a gente ajudava a cantar, mas agora não “...” não interessa mais aquilo, né? Aquilo era o tempo de muitos anos atrás.

P: Lembras de mais alguma assim?

I9: “...” Olha, quando ele tem o celular [...] ligado daí, daí eu entendo tudo, né? Só que cantar é um pouco difícil. Eu ajudo a cantar lá no Loeffelscheidt os *Canto* de Maria, quando é Nossa Senhora da Glória. Aí eu ajudo a cantar o canto, lá. Bem difícil, mas eu ajudo. [risos]

P: E já *ouvisse* falar na tradição *Eierkippen*?

I9: “...” Como?

P: *Eierkippen*.

I9: Não.

P: E *Osterwasser*?

I9: *Osterwasser*? Não é água de Páscoa? Uma coisa assim.

P: *Aham*. E sabe como é que funciona?

I9: Não.

P: É que eu estava pesquisando no site da prefeitura e daí esses dois *consta* como tradições alemãs que o pessoal faz aqui em Águas Mornas ainda.

I9: Ah sim, que eles *dança*, *né*? Aquela coisa de alemão, *né*?

P: Eu nunca tinha ouvido falar.

I9: Nem eu.

P: Daí, por isso eu *tô* perguntando *pra* saber se alguém conhece, *né*?

I9: E a gente sabe assim que é *Ostereier*, *né*? Que eles dizem. “...” E essas coisas assim. Mas isso ali não.

P: Já *ouvisse* falar alguma coisa de quando o alemão foi proibido. É que teve uma época que não podia ser falado o alemão, *né*?

I9: Também não me lembro.

P: Nunca *escutasse* nada?

I9: Não.

P: E tu achas que aqui em Águas Mornas todo mundo fala um alemão igual?

I9: Não, acho todo ele é diferente. Que o Loeffelscheidt e nós são bem diferente. “...”
() E o [...] já fala bem diferente também.

P: E o que que muda assim?

I9: É “...” a gente fala assim [hi:r] *né*? Lá eles *fala* assim [hai], *né*? [‘haitə] eles *diz* *né*? Até não sei como é que eles falam direito assim, mas bem bruto assim. Nós não. Nós já *somo* um pouco diferente.

P: E percebes assim, que essa mudança é só nas *palavra* ou no *jeito de falar*?

I9: Eu acho que o *jeito de falar*, *né*? Porque eles lá não muda o [...] ali, () Com ele eu também falo bastante em alemão. Esse marido da [...], “...” eu falo uma porção em alemão com ele.

P: E tu *tentasse* ensinar o alemão *pros* teus filhos?

I9: Sim. Mas eles não queriam.

P: Não queriam?

I9: *Aham*. Eles sabiam até falar uma porção já, mas esqueceram tudo. “...” A [...], então, quase não sabe mais nada.

P: E tu ainda usas bastante o alemão?

I9: Uso. Eu uso.

P: Quando, assim?

I9: Quando chega o [...] ali, esse que mora ali. De noite eu falo em alemão. Com o [...] às vezes também eu falo em alemão. De vez em quando tô falando em alemão com ele e a vizinha ali, nem falo quase em brasileiro, falo quase tudo em alemão, com ela, com a dona [...], *né?* Falo com ela. E os outros assim, com quem tu vai falar em alemão? Muitos, não. “...” E às vezes com a [...] ali do [...], ali, [...], lá com ela também falo em alemão, mas os outros assim tudo é difícil falar.

P: E tu achas que as gerações mais novas assim, elas estão falando bastante alemão ainda?

I9: Não. Só as crianças assim, mais no interior, as outras assim é difícil.

P: Mas porque será que está diminuindo isso?

I9: Porque eles não gostam, *né?* Tu quer ver, tu ensina a [...] aqui, quer falar em alemão com ela, ela não aceita, ela não quer. E se tivesse uma aula, eu acho que de repente eles podiam ir, *né?*

P: Então tu achas que a prefeitura poderia fazer alguma coisa pra incentivar?

I9: Podia mesmo. Podia fazer, incentivar que eles aprendiam o alemão. Senão o alemão vai se acabando. “...” Que eu fui um dia no hospital, fui eu fui transmitir pro médico o alemão. Tinha uma mulher lá da Fazenda lá e é lá no Hospital Regional, *né?* E ela, ela tinha uma infecção na, na *bariga*. A *bariga* dela *tava* quase estourando e eles *encarcava* perguntando em português e a mulher respondia em alemão. O médico não entendia nada. Aí uma enfermeira *corendo* dentro do hospital, quem sabe alemão? Só eu que sabia. Daquela ala em cima, *né?* “...” Se eu não tivesse lá, como é que a mulher ia ser atendida, *né?* Daí eu fui lá e conversei em alemão com a mulher e respondi em português *po* médico, *né?* “...” E isso é uma coisa que eu achei que fez um bem, porque a mulher estava gritando na *bariga* dela *tava* até *preto* de tanta infecção que ela tinha. Até que chegou uma pessoa lá que, que sabia falar *né?*

Entrevistado: I10 – Ben

Data: 20/01/2024

Transcrição de: 00:01:20 a 00:12:47

P: Tu falas alguma língua além do português?

I10: Só, o *alemon*, né? Além do português, o *Kaffeepflückersch* também falo.

P:: O alemão, vamos dizer, o alemão gramatical e o *Kaffeepflückersch*, esses dois daí?

I10: Sim, e o *tialeto*, assim como nós *falemo* aqui, né?

P: Aham. “...” E o alemão aprendesse(...)

I10: Mas o *Kaffeepflückersch*, isso tem muita *chente* que acha que “...” a minha família, que parte das minhas irmã, ninguém fala. Eu *aprenti*, eu falo tudo. Aí tem *chente* que diz assim: como é que elas não *fala*? E tu *fala*? Eu falo tudo. “...” Até fiz uma entrevista com o ex-prefeito aqui de São Pedro. Tem uma filha na Alemanha. Eles *tom fazendo* umas pesquisas com o *Kaffeepflückersch* aí “...” Aí ele me chamou *tamém* o [...] ali embaixo. Ele disse, esse cara, eu sou dos *Kaffeepflücker*. Eu não falo tanto que nem ele. Ele fala *melho* do que eu. [risos] Mas o meu avô, ele nem sabia falar *diferente* assim e a minha avó *tamém*.

P: E daí a primeira língua que *aprendesse* foi o alemão então?

I10: Foi o *Alemon*, em casa.

P: E o português *fosse* aprender quando?

I10: Quando ia na aula.

P: E foi difícil de aprender?

I10: Foi, assim. *Nóis* lá em *cassa* funcionava assim. Lá a escola era onde é hoje, sabes onde é a escola velha *toda queprada* lá. E *nois* morava ali onde ele tem a estufa lá das *vertura tele*. Daí *vinha* as professoras de fora, principalmente *solteira* e daí eles *parava* lá em casa. Aí *chá* comecei a *aprende*.

P: E daí já aprendeu mais, né?

I10: Sim.

P: E por exemplo, aqui tem duas pessoas conversando em alemão e tem uma outra que não entende o alemão. O que será que essa pessoa pensa?

I10: Mas eu vou *dicer* um negócio, essa pessoa, às vez tem *chente* que acha que *tão* falando da pessoa. Mas se eu não posso entender uma *línqua* que eles falam

diferente, mas se eles falar de mim, eu noto. Eu noto logo se eles *fala* de mim. A *chente* nota, *né?*

P: Sim.

I10: *Concorda* comigo sobre isso aí?

P: Sim. “...” Tu conheces alguma musiquinha assim em alemão, que vocês aprenderam em casa?

I10:: Eu ainda, “...” esses *tia*, mas *acora* na hora, assim “...” tá como “...” os *velho* quando tinha aniversário *anticamente*, eles tinha *Lustig sind mir Junge Gnade, weil mir keine Weibe hab'n*. Bei uns geht's wohl. [risos].

P: Nunca escutei essa.

I10: Mas sabe o que eu falei? “...” *Endendesse* o que que eu falei?.

P: Não, foi meio rápido assim eu não consegui pegar direito. Se quieser repetir.

I10: *Lustig*, quando a pessoa tá alegre, *lustig*. Sind *nóis rapaces novo*, que *non temo* ainda mulher. *Lustig sind mir Junge Gnade, weil mir keine Weibe hab'n*. E *Weibe* é a mulher, *né?*

P: Agora, falando mais devagar um pouquinho, aí.

I10: *Bei uns geht's wohl*. Aí quer *disser*, que vai *pem, wohl*.

E10: E já ouviu falar na tradição *Eierkippen*?

I10: Aí *non*.

P: E *Osterwasser*?

I10: “...” *Oster, Oster*. Daí eu *chá* escutei desses *negócio* de *Oster*. ().

P: *Osterwasser*.

I10: Ai *non*.

P: Tava pesquisando no site da prefeitura aqui de Águas Mornas. Daí fala que esses dois são tradições alemãs que ainda *tão* presentes aqui em Águas Mornas, *né?* Mas como eu nunca tinha ouvido falar, daí por isso eu *tô* perguntando para ver se o pessoal realmente conhece, *né?*

I10: O [...] *tá fazendo* essas *pesquisa tamén*, mas ele não fala, ele sabe, mas não quer falar, o [...] ele sabe falar um pouco, ele fala um pouco diferente, igual a nós.

P: E, já *ouviu* falar alguma coisa da época que foi proibido o alemão?

I10: Aí sim, ali “...” isso foi no tempo da *quera, né?* Ali *proipiram*, até tinha *chente* presa, *né?* Os *imicrante* que vieram de fora *prenteram*. Eu ainda estava falando essa semana. Esse pastor [...] aquele tava preso. Ele fez um *necócio* de *mateira* que ele cortou dentro da *cateia* com o canivete. Tava ali no [...], ali em Rancho

Queimado que () tava *sentatinho*, era *te matera*, que ele fez aí fumando o cachimbo dele. [risos] Era bem feito isso ali. Eu era um *gurissote*, daí o velho mostrava para mim um dia, tu vais fazer isso ali. Ele disse jamais para fazer isso ali. Como ele fez isso? Ali estava *sentatinho* assim de croque e fumando o cachimbo dele. Mas era de madeira que ele tinha feito dentro da *cateia*.

P: Lembras de mais alguma coisa assim da época que era proibido ?

I10: Ah, tá “...” eles prendia, até prendia, eles que estava preso. Esse era pastor, tinha outro, aquele como é que era o [...] Ele *tamém* tava preso. Aquele não sei, se *escutasse* isso era antes do teu *tembo* “...” ele consertava *relóxio* daqueles de pêndulo de parede. Sabes o que é isso? E máquinas, essas coisas. A máquina de costura () a mão *né*? E ele consertava, esse *tamém* tava preso mesmo. E depois ele foi. Ele foi aposentado da Alemanha. Todos eles foram aposentado depois. Ainda a Alemanha aposentou eles. Parece que eles sofreram muito, esse pessoal.

P: Pois é. “...” E tu achas que aqui em Águas Mornas todo mundo fala um alemão igual?

I10: *Non,non,nom,non.. Tá aqui*. Eu pertença aqui a Segunda Linha, aqui da frente. Até Rio Forquilha *chá, chá* muda. A 1ª Linha *chá* muda, mas *nóis se endedemo* um ao outro. Isso não tem *proplema* nenhum. Isso não causa nenhum *proplema*. Santa Isabel *enton, chá falon* mais gramatical. Loeffelscheidt, *enton* aí a *chente* deixa quase fora, que eles, [risos] eles só *ton* as iniciais das *palavra* e [risos] ai soubesse daquela, eles falam *pem* diferente *alemon*. Mas eu entendo, entendo falo com eles, não tem problema nenhum.

P: E o que que tu percebe que é diferente assim, “...” as palavra?

I10: As *palavra*, as *palavra*.

P: O jeito de falar também?

I10: O *cheito* de falar e as conversas assim, ali muda tudo.

P: Lembras de alguma palavra assim que é diferente?

I10: Nós *dicemo* pra uma enxada, *Hack*. Eles [‘hau]. Eles dizem assim. É aquela *coissa*.

P: Lembra de mais algum?

I: E *taí* tem mais coisas que eles “...” eles só *tratucem* assim só o início “...” *tás palavra*, mas o cara já sabe que que vai vir por trás.

P: E ensinasse o alemão para os teus filhos?

I10: Sim.

P: Porque?

I10: A *tradison* era assim, aqui na *rexion* toda que era que *ensinaro* os filhos a falar alemão.

P: E tu ainda falas bastante alemão?

I10: Falo em casa, nós *falemo* tudo, mas para mim assim, eu saio muito com o pessoal o [...] sabe, “...” *pas clínica*, hospitais, o primeiro socorro. Quando eles acham às *veis* que é difícil de se chegar, aí o primeiro socorro é aqui, vai lá que ele sabe para onde ir e ali “...” *pra* mim assim “...” o alemão e o brasileiro *quasse igual*. Eu, “...” a *chente* trava, às vezes um pouco, mas vai embora.

P: E tu acha que os mais novo assim ainda estão falando bastante alemão?

I10: Um ou outro aqui, que nem o meu neto ali, *chá* eles e entre eles com a minha filha. Eles entre eles não falam mais, comigo eles *fala*, que eu não *decho* [risos] e daí eu começo a *cosa* deles. [risos] Ai eles falam *alemon*. “...” Mas às *veces* tem coisas que essa menina ali talvez conheces ela, a minha filha, a [...], eu não tive, não. Acho que ela foi para a roça. Eles tiveram ali. Ela às *feces* se *atrabalha* e aí ela fala em *alemon*. Daí eu *chá* falo atrás, como ela tinha falado aí. [risos] Aí ela caprichou mais um pouco.

P: Sim. E porque é que tu acha assim que cada vez menos os mais pequenos estão falando menos alemão?

I10: Por causa das *creche*. Começa na creche, depois a aula, aí depois eles começam, *chá* vem da aula, *chá* começa “...” ai só querem falar em brasileiro, *chá ton* deixando o *alemon*.

P: E tu achas que a prefeitura poderia fazer alguma coisa para preservar mais o Alemão?

I10: Aqui em São Pedro *chá* tem, aqui tem aula *alemon*, *chá* tinha até o [...] conhece o [...] aqui de Santa Isabel. E ali eles tinha. São Pedro era a primeira colônia *alemon* do Estado. Mas São Pedro ali, os *morator*, que era dos velhos que ainda falava, eles *tamém* deixaram muito de falar o *alemon*, tem poucos ali que falam ainda. Que o prefeito de São Pedro ele fala tudo ainda. Ele até fez um discurso em alemão. Falar e discursar são duas coisas, [risos] isso tu sabe, *né?* Ele discursou esses tempo tinha uns *alemon* aqui da Alemanha, *taí* os prefeitos da região Rancho Queimado, *Anchelina*, São Pedro, aqui de Águas Mornas, ele também fala alemão. Fala, fala tudo, só que ele disse para mim depois ele disse: é o prefeito tá mais adiantado do que eu. “*Der Weiß alles, er hat sogar gepredigt, auf*

Deutsch". Ele disse para mim e eu não, não faço mais isso. "Ich kann das nicht", ele disse pra mim. O [...] fala, ele fala tudo, pode ir lá confirmar com ele, que eu tinha dito que ele falava alemão. Eu falo com ele às vezes alemão. Ele disse: "*Wie schön, da mir noch Deutsch könn'n*". Tem que falar ali também o [...]. Ele fala *alemão também*. Tinha uns alemão ali. Aí o [...] e o prefeito falaram com eles. Aí o [...] até ficou meio peitudo assim. Ele, "...", ele disse: "Como é bom a *chente* saber". [risos].

Entrevistado: I11 – Mia

Data: 20/01/2024

Transcrição de: 00:01:06 a 00:08:20

P: E tu falas alguma língua além do português?

I11: Alemão, “...” só alemão e *português*? Outra não.

P: E esse alemão? Vocês tem algum nome específico para ele ou vocês falam só alemão no geral assim?

I11: Não, só alemão, *cheral*.

P: E como que tu aprendeu?

I11: Com meus pais, porque eles falavam alemão. Daí eu aprendi com eles que eu não falava outra língua até eu ir para a escola. Eu aprendi o *português*. Antes de ir *pra* escola, eu não sabia falar o *português*, só o alemão.

P: E foi difícil aprender o português?

I11: Foi. Meu, foi *pem* difícil. *Tá* louco, só de lembrar, a gente nem sabia pedir como que era para pedir para ir no banheiro, *né*? Eu lembro que antes de eu ir, eu e meu irmão, *né*, Porque daí era um ano *ti tiferença*, eu e meu irmão. A minha mãe, antes ela sentava com nós e ensinava como se pedia para ir no banheiro, que a gente não sabia falar nada, nada. Hoje em dia, quando a [...] foi, *né*? Quando ela começou a ir *pra* creche, ela já sabia falar tudo, *né*? Nós não. Nós não sabia falar nada. “...” Aí depois a gente *aprenteu* na escola, *né*? Daí desde pequena minha vó, meu vô, todo mundo só falava o alemão, *né*? Daí não tinha como aprender outra língua.

P: E é assim no nosso contexto de Águas Mornas, por exemplo, tem duas pessoas conversando em alemão e tem uma que não entende e ela tá vendo, né? Ouvindo essas pessoas conversar. E o que será que ela pensa?

I11: Deve achar que a gente tá *xincando* essa pessoa, *né*?

P: Tu conheces alguma musiquinha ou historinha assim em alemão que tu aprendesse em casa?

I11: Não. Pior que não.

P: Uma oração ou alguma coisa assim?

I11: Não.

P: Já ouviste falar na tradição? *Eierkippen*?

I11: Não.

P: E *Osterwasser*?

I11: “...” Não.

P: É que eu *tava* pesquisando no site do município, da prefeitura e aí consta esses dois como sendo tradições alemãs presentes ainda no município de Águas Mornas. Daí eu tô perguntando para ver se o pessoal realmente conhece, *né?*

I11: Não, eu não. Nunca escutei falar.

P: Até esse *Osterwasser* um pessoal, já tinha comentado alguma coisa. Que tem a ver com a Sexta-feira Santa e tal. Mas esse *Eierkippen* até agora não encontrei ninguém que sabe.

I11: Eu também não.

P: E tu já *ouvisse* falar alguma coisa sobre a época que foi proibido o alemão?

I11: “...” Não. “...”. Mas quando eu e meu irmão *ia pro coléchio*, eles não gostavam quando a gente falava, *né?* Tipo, às vezes a gente falava entre nós porque daí tinha mais “...” tipo amigos aqui, *né*, primos, amigos que falavam o alemão, *né?* E daí às vezes a gente *tava* numa turminha e começava a falar o alemão. Eles não gostavam, eles ficavam *prabo*, *né?* Às vezes a gente *ia* até pra secretaria por causa disso, *né?* Por falar o alemão, porque achavam que a gente estava falando mal do outro, *né?* Mas não, era porque a gente era mais fácil para nós falar o alemão do que o *português*, *né?* E quando a gente se reunia, às vezes do nada, a gente já estava falando do alemão, *né?* Porque era mais, bem mais fácil. Até hoje é assim quando a gente sai em turma assim, às vezes, *né?* Eu, meus tios, *né?* Esses *tias*, quando a gente foi *pra* praia, quando *vê* do tu *tá* falando, às vezes *tá* uma pessoa ali que não entende o alemão, mas a gente *tava* ali falando alemão. E daí às vezes a gente se *tava* conta que aquela pessoa não *endendia*. Daí começava a falar o *português* de novo. Mas é porque, sei lá, é mais fácil de falar para mim. Pelo menos eu falo porque é mais fácil pra mim falar, do que o *português*. “...” Muito mais fácil.

P: *Uhum*. E tu achas que aqui em Águas Mornas todo mundo fala um alemão igual?

I11: Não. “...” Ali no Canto dos Schuch, quando assim, quando eu vou, quando eu já fui para Águas Mornas, *né?* Ali, quando tem, quando eles vão receber e coisa. Eu já escutei, do Canto dos Schuch, Loeffelscheidt é outro alemão já. “...” Não, não falam todos igual.

P: E o que que tu *vê* de diferença assim?

I11: As palavras assim são bem mais diferente do que a nossa, do nosso alemão, *né?* Mas eu entendo assim o que eles falam, mas assim, tem coisa que às vezes eu tenho que escutar bem para entender, porque é diferente do nosso, *né?*

P: Lembra de alguma palavra assim que é diferente dos dois, do que vocês falam aqui?

I11: Ah, agora não, no momento assim. Mas se eu escutasse a pessoa falar assim, eu assim, no momento eu não.

P: E tu ainda falas bastante em alemão?

I11: Sim, todo dia, todo dia. Em casa a gente só fala em alemão, *né?* Até nós, eu e o [...]. Aqui em casa é sempre alemão, *né?* E a minha família, eu sempre tô com eles todo dia, então é todo dia alemão, *né?* Não passa um dia que eu não falo, *né?*

P: E ensinasse o alemão pra [...]?

I11: Sim. Tentei ensinar porque ela entende tudo, mas depois que ela começou a ir *pra* creche, ela começou a deixar mais o alemão, *né?* Acho que é mais fácil para ela falar o *português* do que o alemão. Só que ela entende tudo. E agora ela tá começando a falar mais de novo do que ela já falava. Assim, essa semana até minha mãe falou assim: “Eu tô até surpresa, porque eu achei que ela não ia falar mais”. E ela essa semana ela falou assim para mim “Ah, vem fechar a *áqua*, *né?*” Aí ela falava tudo em alemão para mim, *né?* Até eu fiquei assim, que eu achei que ela nunca mais ia falar assim o alemão. E agora ela tá falando *pastante* de novo.

P: E como vocês só falam o alemão, né “...”

I11: Daí ela vai escutando e vai começar a falar.

P: E tu acha que as gerações mais novas assim no município, né? Não só aqui na Segunda Linha, né? Mas o município todo. Será que eles ainda estão falando bastante alemão?

I11: Não. Eu acho que não. Porque pelo que eu vejo assim é tudo que nem a minha afilhada ali falavam tudo alemão, *né?* Agora já *tão* “...” Ela tem três anos agora ela já tá falando mais o *português* do que o alemão, *né?* Aqui pelo menos assim, eu não sei. Mas eu já fui assim na 1ª Linha, que é a [...], assim tem *amiquinhos* e coisa. Eles falam tudo que “...” os pais são alemão *né?* Falam alemão, mas eles falam tudo em *português* *né?* Eu acho “...” tem bem poucos que fala alemão.

P: E por que será que eles estão cada vez falando menos alemão?

I11: Não sei, porque eu acho que para eles o *português* deve ser mais fácil *te, te* falar, *né?* Não sei.

P: Tu achas que a prefeitura poderia fazer alguma coisa assim para incentivar o uso do alemão?

I11: Sim, podiam ter aula de alemão porque a minha prima eles estudavam lá no “...” lá em São Pedro. Eles tinham aula de alemão uma vez por semana, *né?* Mas aqui em Águas Mornas nunca teve, *né?* Quando eu e minha irmão *estutava*, tinha aula de inglês, mas alemão nunca tinha. E seria legal se eles tivessem aula de alemão e coisa, mas não tem.

P: Até nas escolas municipais, não tem nem inglês nem alemão, nada ná.

I11: E poderiam colocar, *né*. Porque daí eles falavam mais que *incendivava* mais a falar, *né?* Porque assim, se o município não *incendiva*, *né?* As pessoas, as *cheração pequena* cada vez vão falar menos *né?* Porque “...” se tu já sai e tu ficar falando em alemão, eles já não gostam nem coisa *né?* Então as pessoas cada vez vão começar a falar menos, *né?*

P: Pois é.

Entrevistado: I12 – Paul

Data: 21/01/2024

Transcrição de: 00:01:41 a 00:07:52

P: E tu falas alguma língua além do brasileiro?

I12: Não, eu só sei aquelas duas, mais não sei.

P: Daí o alemão então também?

I12: É.

P: E esse alemão? Tens algum nome para ele? Ou vocês falam só alemão?

I12: Só *falemo* assim. Não tem nome não. *Falemo* assim.

P: E como que tu aprendesse assim?

I12: *Pela* pai e pela mãe, *né?*

P: Em casa, assim?

I12: Em casa.

P: É o português fosse aprender quando?

I12: Daí eu aprendi mais com ela. [risos] Eu falava pouco. Daí aprendi com ela, senão capaz nem “...” na aula nós *aprendemo*. Mas a minha professora lá era “...” era alemão, ela tava. O [...] era um alemão, ela não tanto, mas ele era um. Meu Deus do céu, um alemão puro, o marido da professora. Mas ela era brasileira.

P: E foi difícil de aprender o português?

I12: Foi. Foi sim. Até que eu aprendi falar um pouco, *óia* custou. Mas depois eu aprendi. Aprendi. Como é pra *sê* não, mas aprendi.

P: E daí? Hoje fala mais o português do que “...”

I12: Isto mesmo.

P: E vamos dizer aqui no nosso contexto de Águas mornas, tem duas pessoas conversando em alemão e tem uma outra que não entende alemão. E daí ela começa a escutar a conversa. O que será que ela pensa?

I12: Pois é, ela pensa que está xingando, que está xingando ela e que maioria acontece isso. Que ela acha que eu estou falando mal ou alguma coisa *tão* falando que não sabe o que que está falando, *né?*

P: Conhecês alguma musiquinha assim em alemão que aprendesse?

I12: É pouco, pouco, isso é pouco.

P: Mas lembras de alguma assim?

I12: Eu sei. *Oh Susana, ist das Leben noch so schön* [risos]

P: Lembra de mais alguma?

I12: Ai, “...” daí não.

P: Já *ouvisse* falar na tradição *Eierkippen*?

I12: *Eierkippen*. Ah, isso “...” eu não sei. “...” Não. *Eierkippen* não.

P: E *Osterwasser*?

I12: *Osterwasser* eu já escutei isso aqui. Não sei, é canto canto, *né*?

P: É uma tradição assim que tem alguma coisa a ver com a Sexta-feira Santa. Pelo que eu *tava* vendo.

I12: Ata.

P: Mas não é comum aqui?

I12: Não, isso não. Aqui não é.

P: É que eu *tava* vendo no site da prefeitura e fala que esses dois nomes aqui são tradição alemã e do município de Águas Mornas. Só que eu nunca tinha escutado, *né*? Nunca tinha ouvido falar e a maioria também não conhece.

I12: Claro que não.

P: E “...” já *ouvisse* falar alguma coisa da época quando o alemão foi proibido?

I12: Sim, eu escutei, “...” escutei.

P: Mas lembra de alguma coisa assim?

I12: É difícil saber que a gente já está “...” Já faz tempo. E daí a gente não sabe direito o que que foi. Mas eu sei que foi sim.

P: Tu achas que aqui em Águas Mornas todo mundo fala um alemão igual?

I12: Não. Aqui fala, “...” tem aqui no nosso município. Aqui é uma coisa e lá no Loeffelscheidt é outra coisa. Eles falam diferente daqui.

P: E o que que muda assim?

I12: Eles *puxem* mais lá que nem nós, eles tem, “...” eles *estica* mais a palavra e nós mais “...” *poco* mais curto.

P: E *ensinasse* o alemão pros teus filhos?

I12: Eu tentei bastante assim, vez em quando eu falo o que que é aqui não sei o quê. Aí eles *diz* “eu sei o que que é”. Só que nós não *falemo*.

P: Tu ainda falas bastante em alemão?

I12: Falo, falo, vez enquanto. Com alguém que sabe falar. Eu sei falar.

P: *Aham*. E tu *acha* que as gerações mais novas assim, os mais *novo*, eles *tão* falando alemão ainda?

I12: É difícil. Isso é difícil. Só onde que não sabe falar outra língua. Ali pode até ser, mas o resto é difícil.

P: E por que será que eles não falam mais?

I12: Falta de aula, *né?* E os pai e a mãe, *né?* Hoje em dia *falem* um pouco, *né?* “...” Não, “...” hoje não é moda, *né?* Daí é difícil.

P: E tu achas que a prefeitura poderia fazer alguma coisa assim para incentivar mais o uso do alemão?

I12: Podia eu acho que sim. Podia ajudar “...” para ver se não esquecesse isso de uma vez, *né?* *Pra* continuar.

P: *Aham*. E o que será que eles podiam fazer assim?

I12: Podia dar aula, *né?* Eu acho que eles *dava* aula, *né?*

P: É, lá na Vargem Grande tem, *né?* Só que no município não daí.

I12: Até a minha neta que foi na aula, *né?* Nossos filhos também *forem*. [risos] Mas é difícil, eles entender, falar. “...” Mas eu *tô* contente que eles *entende* tudo que *falem*. A gente fala, *né*, que eu explico às vez para eles assim: “O que que é esse aqui? O que? Como é que é em alemão?” Ele disse eu sei falar, mas não sei “...” Eu sei o que que é que significa, *né?*

Entrevistado: I13 – Astrid

Data: 19/01/2024

Transcrição de: 00:01:49 a 00:11:00

P: Tu falas alguma língua além do português?

I13: Para mim assim, *português* “...” e *alemon*.

P: E esse alemão tem algum nome específico assim?

I13: Que eu saiba, não. “...” Só alemão.

P: E como que tu *aprendeu o alemão*?

P: Na minha família. *Ca* minha mãe, pai, “...” meu irmão mais velho. E quando eu *foi* na escola, lá em cima, no Mato Francês, daí eu aprendi mais alemão e *português chunto*.

P: Daí na escola era português e alemão?

I13: *Uhum*.

P: E lembras como foi aprender o português?

I13: Ah, essa foi “...” do “...” pessoa que tinha vendas, puxou frete lá. Essas *pessoa* tem venda então essas amigas *falou* comigo português.

P: E foi difícil de aprender o português?

I13: Não, eu *prende* bem. Eu cheguei aqui embaixo, ainda não *sabe* falar com minha mãe em alemão.

P: E vamos dizer assim, nós estamos aqui em Águas Mornas e tem duas pessoas ali falando em alemão. E tem uma que ela não sabe falar alemão. O que será que ela pensa quando escuta essas duas pessoas falando alemão?

I13: Ela pensa assim “Eles falam coisa ruim de mim”. “...” Assim eu *pensa*.

P: E conheces alguma musiquinha em alemão?

I13: Eu conhece sim música, mas eu não *sabe* mais como começar.

P: Não lembra mais de nenhuma?

I13: Música alemão só do culto. Música assim, de dançar, não.

P: Aham. “...” Já ouviste falar no *Eierkippen*?

I13: Não.

P: E *Osterwasser*?

I13: Diz de novo.

P: *Osterwasser*.

I13: E em brasileiro?

P: Água de Páscoa.

I13: A água de Páscoa. Sim, *Osterwasser*. *Meu* mãe foi sempre *peca* na rua. Isso era de “...” Não, essa foi Sexta-feira Santa.

P: Como que funcionava?

I13: Jesus veio no mundo. E Sexta-feira Santa, a água *tá* tudo *parado*, não *core*. Então “...” Assim eu *sabe*.

P: E já ouviu falar da época quando foi proibido o alemão?

I13: Esse eu só sei essa “...” quando nós *mudou* aí. Minha mãe contou isso, *tois* irmãos *tela foi* no mato e fugi de causa de medo, *né?*

P: Porque?

I13: Dessa *quera*, né? “...”

P: E escutasse mais alguma coisa de quando o alemão foi proibido. Quando não podia falar alemão?

I13: O *Vater* aqui, ele levou tudo que *tava* na escola, coisa alemão e *quartou* aqui em cima, naquele cantinho aqui que ninguém entra, na caixa de *querosen*, que ele botou lá. Depois o vô escutou que eles vêm pra cá pra *pecar*. Aí ele botou tudo na *cravatá*, por aí. Sumiu.

P: E tu achas que aqui em Águas Mornas todo mundo fala um alemão igual?

I13: Não.

P: E o que que tem de diferente assim?

I13: Segunda Linha *chá* fala diferente. Santa Isabel de novo. Nós de novo.

P: E o que que é diferente?

I13: Agora, como vai dizer? Nem sei. Aquela. Cada lugar como Loeffelscheidt “...” fala diferente ainda hoje. E lá na Segunda Linha, eles diz “...” Quando eu *tem* 15 anos por aí, quando nós *foi* lá passear no culto. Enton, quando eles *abriu* um *sombrinho*, *Ich will mein Barack mol uffmache. Gibt Regen. É quarta chuva né?* “...” Então eles *abriu*. Aí nós sabia que *Barack* era quarta chuva. O sol tava quente ou era chuva. Eu não sei mais, *chá* tempo.

P: E como vocês falam sombrinha em alemão?

I13: “...” *Schirm*. “...” *Ich will mein Schirm uffspanne*. *Pros outro* essa tava certo, eles *prende*u assim, né? *Secunda* Linha, “...” no Loeffelscheidt, Santa Isabel e aqui “...” que nós *prende*u era *Hunsrückisch*. E pra cada lugar tinha diferença que eu *foi*. Mais claro alemão foi no Rio Antinha.

P: E tu percebe que muda só as palavras ou no jeito de falar também?

I13: Fala. *Uhum*.

P: Tu ainda falas bastante alemão?

I13: Quando tem *chente* aqui com o alemão, então fala direto, *né?*

P: E tu *acha* que os mais *novo* ainda falam bastante alemão aqui em Águas Mornas?

I13: Não, aqui *na* nosso município não.

P: E por que será que está acontecendo isso?

I13: Eu acho que isso de alemão não existe mais, *né?* Tem *chente* hoje em dia que não sabe dizer *gummeuend*.

P: E tu acha que a prefeitura podia fazer alguma coisa para não deixar o alemão se apagar?

I13: Esse eu te não pode dizer, *né?* “...” Nunca tem um prefeito alemão aí. Só o [...] uma vez. *Outro* tudo brasileiro e o [...], esses *tois tava* alemão, que eu saiba, na *minha* tempo, *né?*

P: E tu acha que as *escola deveria* ensinar alemão para os *pequeninho*?

I13: Sim, isso eu acho. “...”. Mas ele não *dá*.

Entrevistado: I14 – Thomas

Data: 30/01/2024

Transcrição de: 00:01:39 a 00:55:48

P: Falas alguma língua além do português?

I14: Alemão. “...” Eu acho que aqui, de novo, não sei se foi para ti que eu comentei um dia ou foi uma conversa, mas eu tenho a impressão que foi a gente que estava conversando sobre isso. Na realidade, minha primeira língua foi o alemão. Então, minha língua materna, “...” tem estudos hoje que questionam isso um pouquinho, mas a minha primeira língua em casa, foi alemão, antes do português. Eu vim aprender português só com seis anos. Até os seis anos eu não falava português, não entendia.

P: Esse alemão que aprendesse em casa tem algum nome específico? Ou vocês falavam só alemão?

I14: A gente falava o alemão aqui da comunidade de Santa Isabel, que ele era um pouquinho mais próximo do *Hochdeutsch*, porque a gente sempre tinha acesso em casa, a gente sempre teve muita visita de parentes que então, com vô e vó ou a própria bisavó, eles falavam mais o *Hochdeutsch*, porque o dialeto ou a variante que eles falavam era um pouquinho diferente. Então o *Hochdeutsch* eu escutava muito em casa, né? E mais em casa mesmo, a gente falava, vamos dizer assim “...” um dialeto franco-moselano, da região do Mosel? Que eu acho que não era o *Hunsrückisch* aqui em Santa Isabel. Aqui embaixo, muito poucas pessoas falam o *Hunsrückisch*. “...” Acho que seria mais nesse sentido, assim. Mas aí, nessa questão de dialeto ou de variantes, eu também não sei. Como muitas pessoas daqui do vale, na época da colonização, se eu não me engano, o processo é que talvez tu já estudou sobre isso. Então, por exemplo, o pessoal que era do *Hunsrück* lá, eles trocavam os lotes coloniais com o pessoal do Loeffelscheidt, né? E veio gente, uma leva de famílias do Loeffelscheidt que se estabeleceram lá em cima. E quem era de outras cidades ou aldeias, comunidades do *Hunsrück*, eles tomavam o mesmo caminho, já que eram assim falantes, vamos dizer, de idiomas, dialetos, variantes, não sei como é que se define isso, né? E eles, eles eram mais próximos aí. Isso é uma coisa que eu achei interessante. Aí uns dez anos atrás, 15 anos atrás, quando eu tive a oportunidade de conhecer essa região na Alemanha. Então achei muito estranho, um casal que acompanhou a gente lá durante o percurso da visita àquela

região e a forma como eles falavam, muito próximo e parecido com o pessoal do Loeffelscheidt aqui. Aí eu perguntei para ele: “Mas vocês moram no Loeffelscheidt?” Ele disse: “Não, a gente não mora no Loeffelscheidt. A minha esposa é de uma cidade *pro* norte. Eu sou de uma cidade *pro* oeste. A gente se encontrou nesse meio caminho, mas a gente não tem ligação com o Loeffelscheidt, nem parentes no Loeffelscheidt”. Mas a fala era muito parecida, muito próxima. E aí ele disse. Daí eu questionei: Tá, mas vocês falam parecido com o pessoal do “...” falam com o pessoal do *Hunsrück*. Bom o *Hunsrück* é uma área maior. Então nós temos uma, algumas similaridades, mas as formas que a gente utiliza em casa. Mas ela fala algumas palavras diferentes do que eu, *né*? E aí já tem que ter essa questão de olhar, do olhar sobre a área geográfica, *né*? Um pouquinho maior do que uma cidade ou *né*? “...” E aqui embaixo, aqui “...” Eu acho que eram mais as famílias que eram da área da região, próximas do Rio Mosel. Não tenho bem certeza disso. Se não me engano, o pastor [...] fez um estudo sobre isso e apresentou uma vez, pelo menos, essa parte da Colônia Santa Isabel. Mas eu acho que teria que ter mais estudos aprofundados para então dar certeza de que isso, eu sei de onde veio a minha família e os meus ascendentes. Mas os outros nem todos. “...” Apesar de hoje já ter estudos assim do como é que é o Steiner, *né*? Ele fez assim um levantamento bem mais detalhado. Mas eu teria que ser craque também na geografia física da Alemanha, da época, não hoje, daquela época em que o pessoal migrou de lá. Aí sim, viria a contribuir bastante. Quem é que nós somos, afinal de contas, não é? [risos]

P: Comentasse antes que a primeira língua que aprendesse foi o alemão em casa, *né*?

I14: Sim.

P: E o português fosse aprender com seis anos, como que foi esse processo?

I14: É esse, eu sempre agradeço que a minha professora do primeiro ano, a Dona [...], muito querida. Só deu aula durante seis meses para gente. Aí ela se aposentou. Ela já tinha, já era uma senhorinha de mais de 60 anos e ela falava muito bem o alemão. Então, esse processo para mim, ele não foi nem para mim, nem para minha turma, o pessoal que antecedeu, *né*? Nos anos seguintes foi um pouquinho mais traumático, porque muitos colegas meus que entraram depois eles não tiveram essa mesma sorte que a gente teve, *né*? De ter a professora que fosse falante dos dois, *né*? Ou que se entendesse porque ela era da comunidade aqui. Ela morava aqui na

subida do Morro do Loeffelscheidt e ela falava muito bem *Hunsrückisch*. Eles falavam assim esse dialeto, variante em casa, mas ela entendia. Ela tinha acesso a todas as casas aqui da comunidade e aí ela ajudou bastante nesse sentido. Se não [risos] Mas eu acho que assim, entre trancos e *barancos*, todo mundo conseguiu superar, *né?* Porque isso “...” Deixa eu tentar lembrar um pouco isso foi início dos anos 70, 71, 72, quando eu entrei na escola. “...” É mas a energia só ia chegar cinco ou seis anos depois. A partir daí que eu acho que teve assim, uma quebra, uma ruptura dessa questão do alemão dominar bastante entre as casas das famílias aqui. Porque quando a televisão entrou nas casas, quebrou todo o processo, pelo menos essa parte, *né?* A partir daí, já o português começou a tomar conta e a gente percebe que, por exemplo, eu percebo hoje que colegas aí com a casa dos 50, a maioria deles, a maioria dos moradores aqui que tá na casa dos 50, eles entendem o alemão. Mas abaixo dos 50, a maioria pode até entender, mas não fala, *né?* Já não se fala mais tanto. Então teve casas que a televisão falou mais alto, *né?* Então tem horas que “fica quieto, hora da novela”, *né?* “Hora do jornal”, *né?* Então, por exemplo, isso acaba marcando assim um período bem, mas assim, bem, bem marcante mesmo, se a gente pegasse, estudasse isso dentro dessa fase do tempo. E eu acredito que em muitas comunidades aqui no interior, de Águas Mornas, o processo foi parecido. Quando a gente percebe que a energia elétrica chega, ela traz coisas boas, *né?* E junto com essas coisas boas, também vem a televisão, que eu não sei se dá para dizer que na época foi uma coisa boa, *né?* Hoje se briga muito com o celular, internet e tudo o mais, *né?* Tem o seu lado bom. Se tu souber usar. E tem um lado que às vezes não é tão bom. Não vejo muito nesse sentido. A Dona [...] só lembra de coisas boas, *né?* Apesar dos *pito* que ela dava na gente, *né?* Porque na época, assim tu só virava *pro* lado e ela já olhava por cima do óculos, *né?* [risos] Mas eu acho que para mim o processo foi assim muito “...” como que eu vou dizer, ele foi bem tranquilo, *né?* *Pro* pessoal da minha turma. Talvez, teve alguns alunos que tiveram um pouquinho mais de dificuldade, porque a questão do alemão em casa, ela era muito forte. Todo mundo falava alemão, *né?* Então quem não falava alemão naquela época? “...” Talvez uma família de “...” que eram de fora. Que viriam morar para cá. Naquela época, um pouquinho depois, “...” minha professora do segundo ou terceiro ano. E aí sim, eles talvez não falavam, mas os outros todos falavam. Eu não me lembro de ninguém aqui que não falasse. Mas é pequena. Depois, na juventude, ele já começou . Mas a gente sabe que geralmente as

peessoas que vem de fora, e às vezes tem gente que vem de fora, se tu não *sabe* eles, eles são de uma comunidade onde também se falava, *né?* Gente estranha. Aconteceu há pouco tempo aqui. De moradores aqui que eles eram do interior do município do Oeste, que também falava alemão parecido com o nosso aqui, *né?* Mas eu acho que, voltando lá ao nosso processo lá nas séries iniciais, acho que foi tranquilo. Para mim foi tranquilo.

P: E agora, no nosso contexto de águas mornas, aqui, tem duas pessoas conversando em alemão e uma terceira que não entende, começa a ouvir a conversa. O que será que ela pensa?

I14: É hoje. Hoje já está um pouquinho mais. “...” Por exemplo. Assim, esse, essa expectativa, eu acho que ela se cria muito. Muitas vezes ela se cria mais pelo pessoal que está falando de forma diferenciada do que o falante de português. Porque se a pessoa, o falante de português entender, tiver um pouquinho de convívio ou entender um pouquinho de qualquer coisa que seja, ele sabe que eles não vão *tá* falando dele, *né?* Até porque se forem falar dele, eles não vão falar do lado da pessoa, *né?* O lado da pessoa estranha, eles vão falar longe da pessoa estranha. Então, isso pelo menos eu, desde que me conheço por gente, eu já escutei isso muitas vezes, *né?* Mas assim, tem gente que não gosta, *né?* E eu para mim eu não ligo muito não. Se quiser falar em inglês, se quiser falar em português, se quiser falar sobre mim, falando bem ou falando mal. Problema de quem *tá* falando, *né?* [risos] Mas assim, eu acho que dependendo da pessoa, tem gente que às vezes, que eu já escutei que vieram, depois, falaram que ficaram meio *sentido* lá porque não entendiam o que estava sendo falado, *né?* “Vai aprender!” Hoje eu dou a receita. Se tu queres saber o que as pessoas estão falando. Então tens que aprender, *né?*

P: E lembrás de alguma musiquinha ou historinha que fosse aprender em casa assim? Em alemão?

I14: Ah, eu aprendi algumas sim. Deixa eu ver se eu tenho lembrança lá. A musiquinha do passa anel *né*, que era em círculo, *né?* *Taler, Taler, né?* Qual era a outra lá? “...” E depois a bisavó ensinou algumas, mas era mais, não era tanto música, mas era mais historinha contada. Então, eu acho que as historinhas lá, elas tinham um fundo lá no, “...” nos Irmãos Grimm, *né?* Sempre tem alguma coisa atrás disso, *né*, que acaba trazendo. “...” E como é que se diz que tem? Quer dizer alguma coisa, *né?* Então as palavras ajudam nesse sentido. E aí, como a bisavó não tanto,

só convivi uns dez anos com ela, mas a avó, a avó foi bem mais e a vó era expert em literatura alemã. Apesar de só ter a quarta série. O professor na época convidou ela, *pra* ela ficar mais um ano e ela ficou como orientanda dos outros alunos, *né?* Então, assessorada pelo professor e principalmente os “...” A literatura alemã era forte. Ela disse que chegou a ler muitos livros que eu só tive acesso na Universidade. Goethe, por exemplo. Uma criança de 10, 12 anos. Então ela chegou a ler, até a gente chegou a comentar, trocar alguns comentários sobre a época que eu estava na faculdade, *né?* Porque eu também não sabia. Isso para mim foi novo. E quando eu fiz um trabalho lá, eu acho que era alemão sete ou oito, que era voltado para essa escola aqui, o *Erziehungsanstalt*, que tinha aqui em Santa Isabel. E de fato, que “...” eu acabei descobrindo com ex-alunos que frequentaram a escola, que eu consegui entrevistar alguns ainda e que os professores, na época, ela não era só um professor, eram mais professores, e eles tinham umas metodologias um tanto avançadas para a nossa época de hoje. E, supõe-se, isso não é certeza, mas que a maioria deles eram influenciados por Pestalozzi, *né?* Que era um educador austríaco, se eu não me engano, não lembro bem a nacionalidade dele agora, mas assim é muito próximo do que a gente tem hoje. Tem algumas, algumas linhas dentro da pedagogia que estudam, voltadas nesse sentido. Era sempre assim teoria aliada à prática. Então, o que eu faço e como é que eu teorizo isso? A Alemanha utilizou. Eu acho que ainda utiliza hoje esse, esse modelo, *né?* Primeiro a prática, depois a teoria, *né?* Então, primeiro eu desenvolvo a minha ideia e depois eu teorizo ela, *né?* E eu acho que nessa, nessa escola, algumas coisas nesse sentido funcionaram dessa maneira, porque o vô disse que no terceiro ano, quando eu estava na terceira série, vamos dizer assim, a terceira série, seria, oito, nove anos, dez anos. Vamos colocar nessa idade aí. Eles tiveram que escrever uma peça teatral para apresentar para a comunidade. Eles, a turma deles, *né?* Mas eu acho que era a escola toda. E eles tiveram que construir o palco, que teve ajuda, mas lá. Conforme os o aprendizado geométrico e aritmético. Então eles utilizavam geometria espacial, em séries iniciais para trabalhar isso hoje é praticamente incompreensível, mas eles na época eles aprenderam. Eles tiveram que usar uma série de metodologias e depois tiveram que escrever tudo e apresentar *pro* professor, como é que foi essa a construção em etapas. Então era um tanto rígida a coisa. Mas acho que funcionou para uma geração ou até mais gerações, *né?* Até que ponto eu posso trabalhar determinadas coisas e a criança vai assimilar isso? Ou o quanto será que

ela assimila “...” mais ou menos nesse sentido, *né?* Acho que hoje seria incompreensível tentar trabalhar dessa forma, até porque isso é bastante complicado, *né?* Mas assim, a ideia da teoria e prática, isso é uma coisa que ainda assim me atrai bastante. Porque assim, como é que tu vai aprender uma coisa na escola se tu não colocar isso em prática em casa? Então, hoje a nossa escola, ela está preparada para receber o nosso aluno aqui? Ou ela *tá* preparada em alguns aspectos e em outros não? Tudo o que tu aprendeu na escola tu vai usar em algum momento da tua vida? *Né?* Então, isso é umas coisas que eu sempre questiono, não é? Mas aí a gente bate de frente, algumas, algumas questões, *né?* Então, melhor não entrar muito não, *né?* [risos]

P: Mas essa musiquinha do passa anel que tu falaste, lembrás como canta ela ainda?

I14: Deixa eu ver. *Taler, Taler, du musst wandern. () nach dem andern. Taler hin, Taler her. In die Hände ist nicht schwer.* Alguma coisa assim, que aquela que vai passando o anel *né?* Em círculo e depois alguém que continua a brincadeira lá que eu não lembro. E tinha algumas outras lá que eu aprendia também, porque a gente tinha o meu vô, ele, quando era mais novo, porque eu não era nascido ainda, mas meu pai acho que devia ser adolescente *pra* jovem. O meu avô, ele era professor do culto infantil também, *né?* Então muitas musiquinhas que a gente viu depois já eram ex-alunos deles que estavam passando para nós no caso, *né?* E aí tinham musiquinhas que que é que a gente canta na igreja até hoje, que a gente aprendeu lá, por exemplo, em alemão no culto infantil também, *né?* Eu acho que eu entrei com cinco ou seis anos, no culto infantil então, mas aí não tem algumas que a gente canta hoje no grupo de louvor que a gente tem na paróquia, que são pessoas de mais comunidades. E algumas dessas vem lá daquela época, *né?* O pessoal pede “Ah vocês cantam tal musiquinha ainda. Nós aprendemos lá quando era criança”. Isso quando há 70 e poucos anos atrás, *né?* Quase 80 anos atrás, *né?* Então, que bom, que bom que *né?* E hoje nós continuamos a cantar porque tem a versão em português também, mas a gente sabe que uma pessoa de idade ela, ela cria uma proximidade, alguma coisa que não sei como é que se explica, que para ela a mesma música se tu cantar em português, ela vai fazer um sentido. Agora, se tu cantar em alemão, o sentido é totalmente diferente. São duas formas e duas perspectivas de olhar. Então, e até cheguei a trocar algumas ideias com minha vó sobre isso, na época que era viva ainda, mas a gente não chegou *numa* conclusão.

[risos] Não sei se isso responde das outras. Aí eu não lembro assim. “...” Porque eu tinha muita proximidade com a música em casa e agora, no momento assim, não estou lembrando não, mas eu sempre escutava o “...” A mãe participava, a vó participava e o vô era dirigente de um coral que tinha aqui, *né?* E esse coral, eles, eles se apresentavam não só aqui, nas igrejas, mas assim eles saíam para fora para fazer apresentações também. E geralmente esses ensaios aconteciam lá em casa. Uma sala bem grande, hoje a casa onde o pai e a mãe moram. *Né?* E querendo ou não, a gente acabava assim, meio de butuca, observando o que acontecia. E então tive muita facilidade para captar essa parte dele da área da música. Já desde pequeno. A proximidade e tudo mais. Acho que isso acaba influenciando.

P: E já *ouvisse* falar na tradição *Eierkippen*?

I14: Já. Mas assim. “...” Pouco mais “...” isso é um pouco mais novo para mim, isso é mais recente. Ouvei falar sobre isso alguns anos atrás e quem comentou sobre isso foi o [...], nosso historiador aqui do município. Ele que falou sobre essa tradição que era “,,,” inclusive de uma época que ela era bem forte na região do Loeffelscheidt e parece que hoje eles estão conseguindo resgatar um pouquinho. Mas aqui na comunidade assim, eu não, não lembro não. Por exemplo, aqui na comunidade eu sei que era tradição, quando a gente era criança, que os pais ou os avós, eles escondessem esses ovos coloridos, na época da Páscoa. E eles escondiam dentro do, não era? Não dá para dizer que era gramado, que tinha no lado da casa, que era um um capim que crescia um pouquinho mais alto, parecido com as *braquiária* que tem hoje em dia. E eles escondiam dentro desse capim. Quem quiser os ovinhos de Páscoa vai ter que procurar lá a cesta vazia. Então vamos ter que encher a cesta, *né?* E aí a gente já primeiro ano tu vai procurando quando tu é *pequeninho*, *né?* No segundo ano tu já sabe mais ou menos onde é que eles vão ser escondidos, porque tu *marca* muito bem os lugar, *né?* Agora, a tradição em si, essa eu só escutei falar agora mais recentemente isso. Alguns anos atrás, o [...] comentou sobre isso. Eu acho que ele falou bastante da comunidade do Loeffelscheidt.

P: Ele chegou a explicar assim como que funcionava?

I14:: Ele falou alguma coisa sobre, mas eu também não, “...” nunca me aprofundi muito em pesquisar alguma coisa a respeito. Eu sei que já teve gente que escreveu, se eu não me engano. Até nascer nesse grupo que tem agora na internet, aí sim que ele coordena esse grupo aí, que estão escrevendo artigos aí sobre a Colônia Santa Isabel aqui do 175 anos que foram ano passado, *né?* E esses dias uma das pessoas

que escreveu o artigo, ela continua a escrever, a professora [...]. Ela comentou, a gente estava conversando sobre isso. Ela comentou que eles esperavam assim, talvez uma dúzia, quando muito. E hoje parece que já estamos chegando nos 40 ou passando dos 40. Mas que bom! Deixa escrever. Ainda bem que consegue trazer isso de volta, né? E então até desafiou lá, “Vais escrever ou não isto ou não?” “*Vamo com calma, eu tô gostando de ler o que vocês escrevem*”, né? Então, por enquanto eu vou ficar de leitor. [risos] Então quero não só ler, mas aprofundar um pouquinho mais. É interessante essa parte histórica. E ainda brinco bastante na sala de aula. Acho que na tua época a gente já comentava isso. Então, por exemplo, assim ó, uma coisa que eu aprendi eu não, eu não sabendo da onde eu sou, eu não sei *pra* onde é que eu vou, né? E eu continuo a usar bastante isso hoje em dia aqui. Quem somos nós, afinal de contas? De onde é que a gente veio? Qual é a nossa ancestralidade lá atrás? O que que ela diz para mim hoje? E aí, infelizmente, às vezes assim, eu percebo que nós temos muitas pessoas que são quase que nem zumbis no mundo de hoje, porque eles não conseguem se localizar. E eu acho que aqui, nesse momento, que falta a nossa localização histórica, cultural, sei lá, lá de trás, de onde é que a gente veio. Porque eu só sei para onde a direção que eu vou querer seguir. Eu só vou ter certeza disso a partir do momento que eu tenho conhecimento do meu passado. Quem fui eu lá atrás? Ah, mas eu não vivi lá. Só que os meus ancestrais viveram lá. Eles vieram de lá, eles vieram de outro lugar, não é? Então, a minha história aqui não basta. Ou pelo menos não me basta. Preciso demais, né? Do contrário, aqui na frente sempre vão ficar lacunas em aberto. E eu percebo bastante isso na escola hoje dos alunos. Os alunos assim estão muito, vamos dizer, não e inseguros quanto a algumas coisas, mas eles “...” o direcionamento deles não está claro para algumas coisas. Não sei até que ponto a escola pode ajudar nesse sentido. “...” E vamos esperar que a coisa melhore lá para frente, né? Cada um ache seu rumo, né?

P: E a tradição *Osterwasser*? Já ouviu falar?

I14: Também, da mesma forma como o *Eierkippen*. O [...] comentou bastante sobre isso. A gente trocou algumas ideias sobre isso, até porque eram coisas novas, né? Então tive a minha curiosidade pessoal em saber um pouco mais sobre isso. Mas de novo, eu não conheço aqui na comunidade. Eu nunca vi isso acontecer aqui na comunidade e da forma como, como ele colocou. E tem outras tradições também, mas é mais localizadas no Loeffelscheidt.

P: Eu pergunto porque eu *tava* vendo no site da prefeitura e consta como tradições alemãs do município de Águas Mornas. Eu também nunca tinha ouvido falar e por isso eu tô perguntando *pras* pessoas.

I14: Mas assim, eu o que o que eu escutei a respeito foi em conversas com ele que a gente que aí trocava as conversas. Aí ele comentou. Na época, comentava sobre isso. Mas eu nunca vi. Aqui em Santa Isabel é assim. Nunca vi, nunca soube, pelo menos um caso assim, de escutar alguma coisa nesse sentido. Como também “...” assim, nunca soube que aqui tivesse a questão, por exemplo, em termos de tradição, cultura, a questão das danças folclóricas. Uma parte que inclusive desenvolvi aqui no município e cidades vizinhas durante 20 anos, *né?* Então, não sei se existia antes o que existiam aqui e as pessoas provavelmente trouxeram da Alemanha foi assim. Eram determinadas danças que essas pessoas sabiam o nome e como é que se dançava. Mas aqui nunca se desenvolveu no sentido de *ah*, vamos aprender mais sobre isso, *né?* Aí até a gente ia atrás, aí, com o apoio das prefeituras que queriam que esse tipo de tradição voltasse a fazer parte do dos municípios, já que muitas pessoas sabiam o nome dessas danças folclóricas, *né?* Por exemplo o “*Herr Schmidt*” ou o “*Sieben Schritte*”, *né?* Mas ninguém não sabia mais a base de onde veio isso? Quem trouxe? Por que as pessoas dançavam só determinadas danças aqui e as outras não? Da mesma forma, as comidas que eu acho que hoje, que seria a tradição assim cultural ancestral mais forte que a gente ainda tem aqui. Então, muita, muitas partes dentro da gastronomia que são de lá, *né?* Apesar de aqui terem recebido incrementações, vamos dizer assim, porque os produtos de lá eram diferentes daqui, *né?* Mas se adaptaram muito bem aqui, *né?* Outros continuam com os livrinhos de receitas escondido em casa, *né?* E assim, as receitas eu acho que muitas foram e são passadas ainda, meio que oralmente, aí de de *vó pra* neta, de mãe para filha e assim por diante. Não vou citar aqui os homens que os *homem* mais, *né?* São um pouquinho mais afastados da cozinha, vamos dizer, *né?* [risos] Mas temos casos aí também, *né?* Então, de cozinheiros aí, *né?* Pessoal que faz festas, organiza isso tudo, *né?* Então, de alguma forma, de algum lugar se escutou sobre isso. E talvez seria assim o aspecto cultural mais forte que a gente hoje ainda tem como referência “...” não vamos dizer a Alemanha que quando o pessoal saiu de lá não era Alemanha, *né?* Então aqueles antigos estados germânicos, dos quais o pessoal veio para cá, migrou lá *pro* cento e poucos anos atrás? Quase 200, *né?* Seria mais ou menos nesse sentido, *né?* E essas duas

tradições aí eu não. Nunca escutei informais em conversas com o [...], que na época eu acho que andou fazendo alguns estudos aí sobre sobre “...” essas.

P: E a tua avó ou bisavó, alguém chegou a comentar alguma coisa da época em que foi proibido o alemão?

I14: Eles falavam assim que “...” mas como é que a gente poderia dizer isso, *né?* Então eles esconderam muita coisa também na época, porque eles viveram dentro da época das, principalmente da Segunda Guerra Mundial. Não tanto a primeira. Que eu acho que não teve tantos reflexos para cá. Mas a segunda, a segunda, a guerra sim. É. Mas aqui, hoje, pelo que eu sempre assim, pelo que eu consegui entender, pelo fato das comunidades aqui serem mais deslocadas para o interior, então não era um acesso principal por aqui, a coisa não era tão forte ou tão marcante em cima como em cidades, cidades pequenas, onde existiam acessos, onde mais pessoas transitavam e escutavam. Então acho que aqui não foi na época, ela não foi tão forte a coisa, *né?* Mas eu lembro que eles falavam que eles esconderam ou escondiam lá durante a época, livros e algumas coisas mais, mais pessoais, *né*, que podiam lembrar a Alemanha. E além disso, também assim eles evitavam falar quando tinha gente estranha. Então não se falava alemão quando tinha pessoas estranhas junto, eles tentavam enrolar um português, *né?* De uma ou de outra forma quem sabia um pouco mais. Até ter certeza com quem que *tava* conversando, *né?* É, mas isso aconteceu, uma coisa que aconteceu, mas aqui assim, eu acho que a perseguição nessa região, na nossa região, aqui ela não era tão forte, *né?* Até porque era só. Eram só comunidades assim, deslocadas um pouquinho das principais vias de acesso, *né?* Então, onde vias de acesso eram “...” em pequenas cidades, acredito que a coisa tenha sido mais forte. A gente percebe e escuta hoje que, por exemplo, a região do do Vale, lá a coisa era bem mais forte porque deveria ter trânsito bem maior entre uma cidade e outra, *né?* Uma coisa que não aconteceu tanto aqui. Mas eu lembro sim que eles sempre falavam que esconderam umas coisas aí.

P: E tu achas que aqui em Águas Mornas todo mundo fala um alemão igual?

I14: Não. “...” Aqui nós temos uma mistura de dialetos muito grande. Eu vou usar dialetos porque eu acho que assim, hoje já se utiliza outras outras formas de falar, mas assim, eu sempre “...” vi que não existe um alemão em Águas Mornas. Então nós temos diferentes dialetos. E se a gente começar a discutir a questão dialetal, a origem de cada um ou das famílias, a gente vai perceber que o que assim é mais

falado nas comunidades ou continua hoje sendo mais falado entre as pessoas que ainda falam, é o que predominou na maioria dos falantes na época em que a comunidade lá ela teve algum crescimento populacional, vamos dizer assim. À medida que a comunidade crescia em número de famílias e essas famílias, por exemplo, predominava o que a maioria das famílias falavam. Tanto que a gente tem casos aí de de pessoas que vieram de regiões diferentes, que vieram a morar nessas comunidades e elas, por exemplo, depois de alguns anos, elas reproduziam o dialeto dos falantes da comunidade em detrimento daquilo que eles traziam de lá ou de outras nacionalidades, por exemplo, os holandeses ou os descendentes de holandeses em Rio do Cedro, *né?* Eles não falavam mais holandês depois. Os belgas, na região de São Bonifácio ou no interior de Anitápolis, *tinha* famílias de origem belga e ou de origem francesa. Parece que temos alguns nomes aí de “...” eu sei que aqui na na na, na Comunidade Santa Isabel tinha um dinamarquês, mas eu nunca escutei alguém falar alguma coisa sobre isso. Então a gente aprende depois de livros de história e assim por diante. Mas mesmo assim, os dialetos aqui eu concordo com alguém lá, um dos dos nomes que até citou no que tu *escreveu* lá no teu artigo lá para o Páginas da Colonização Alemã, ele diz que onde um dos dialetos mais conseguiu se manter puro foi na região do Loeffelscheidt. Não sei hoje, talvez o pessoal que, que mora lá hoje ainda consiga isso porque muitos já saíram de lá também, *né?* E mas na maioria das comunidades nós temos uma mistura aí eu não vou dizer que seja um dialeto só que acabou predominando dentro da da comunidade. “...” Loeffelscheidt talvez foi mais próximo, porque lá teve algumas pesquisas até de um pessoal que veio de lá e veio pessoas lá do Loeffelscheidt, quem que falou sobre isso uma vez? “...” Alguém de lá comentou. E eu sei que eram pessoas que *tavam* passando por aí. *Tavam* fazendo um trabalho nessa área e eles não acreditaram assim que aqui, depois de 150 anos. Já faz alguns anos atrás de 150, 160 anos, ainda teria falantes daquilo que, por exemplo, eles escutavam no dia a dia deles lá. “...” E assim eles estavam super em casa, bem à vontade. E na época, lá ainda o pessoal do Loeffelscheidt foi num encontro de um grupo de idosos. Aí eu acho que uns 20 anos atrás, quando eles começaram a organização dos grupos aqui no município e até o pessoal ficou assim admirado que depois de tanto tempo, porque geralmente mesmo sendo um dialeto, ele acaba se distanciando, *né?* Então, mesmo depois de 150 anos de distância, o pessoal aqui conseguiu manter assim mais do que a essência, *né*, que a comunicação, *diz* que fluiu muito bem entre

eles, *né?* Então, essas pessoas eram lá da, da comunidade do Loeffelscheidt de lá da Alemanha, *né?* E levaram eles aqui um dia, mas assim. “...” E talvez os *Kaffeepflücker* na Segunda Linha, a região de São Pedro, Angelina, ali eles também, mas eu não sei como é que anda isso entre eles hoje, se as famílias ainda falam entre eles ou não esse dialeto da região da Turíngia, *né?* Teve até apresentação de documentário no ano passado. “...” Mas na maioria das comunidades, a gente. “...” Eu acredito que a gente teve uma mistura de diferentes, pessoas de diferentes cidades, mas de uma ou de outra cidade, acabou prevalecendo daquilo que os moradores mais falavam, mais utilizavam, assim para a comunicação do dia a dia, *né?* Já aqui em Santa Isabel, nós podemos dizer que teve bastante influência do *Hochdeutsch*, *né?* Até acredito que em função da escola que teve aqui, lá por “...” 1860 até praticamente a Segunda Guerra Mundial, e então isso acaba deixando a, “...” vamos dizer assim, deixando marcas nas pessoas que mais no lugar. E depois quem estudava aqui levava para casa, mas em casa, então o letrado fica, *né?* A gente não vai utilizar tanto aqui, talvez, como era maioria das crianças eram daqui, *né?* Acabou respingando um pouquinho mais, *né?* “...” Mas assim, para mim, sempre essa questão da mistura dos dialetos. “...” A gente não teria assim um dialeto de uma cidade tal ou de uma mais de uma região. A região, talvez até poderia se dizer. “...” Como a maioria dos imigrantes que se estabeleceu aqui eram da região do *Hunsrück* e da “...” Eu acho que do, do baixo *Hunsrück*, do rio Mosel. Essas regiões aí. Cidades aldeias. A maioria tenha se mais uma “...” uma proximidade a mais, um pouquinho maior “...” dos dialetos falados nessas regiões. Não sei, dentro da área de dialeto, de variantes, hoje como se fala e se utiliza a região maior ou se utiliza mais uma cidade para estudo a partir da Alemanha, então não sei.

P: E quais diferenças que dá para perceber assim no alemão?

I14: *Hummm*. Isso agora já considerando o padrão?

P: Não, entre os próprios dialetos.

I14: Há determinadas palavras e expressões. “...” Uma coisa bem característica, eu acho que a entonação, *né?* E já escutei gente que não falava alemão dizer que foi em tal ou tal lugar lá, mas se falava alemão, mas parece que o pessoal só se xingava [risos] tão brabo um com o outro. Bom, entonação, *né?* Então, não estou falando do linguajar, mas alguém que não entende vai ter essa, essa [risos] vai ser até engraçado, *né?* “Por que eles se xingam tanto e tão rindo ao mesmo tempo?”

Como é que pode?” Bom, essa questão de entonação. Então depende como é que é a entonação. E eu tentei conversar uma vez com uma, com uma “...” *Oma*. Eu sei que ela tinha quase 90 anos e ela falava *Westfälisch*, lá em Teresópolis. Mas ela não conseguia ficar no dialeto. Ela sempre voltava *pro Hochdeutsch*, porque ela foi alfabetizada quando criança, na escola, ela foi alfabetizada e sabia ler e escrever em alemão. Então eu até pedi para ela “Ó, eu vou ficar no *Hochdeutsch*, mas a senhora vai ficar no seu dialeto que falava desde pequena lá de casa. Eu quero ver se a gente vai conseguir se comunicar, se entender”. Mas ela não conseguia ficar. Ela sempre voltava de novo. Mas é “...” Vejo assim que muito, muito tem a ver com determinadas palavras e a forma de como você utiliza. Porque em determinados dialetos não tem uma gramática que, digamos, uma gramática normativa, *né?* E existe a compreensão daquilo que está sendo colocado, as pessoas se entendem da forma como é colocado, *né?* Então, nesse sentido, a gramática gerativa talvez seja mais interessante que a normativa. A gente vai analisar isso a fundo, *né?* O Chomsky fez alguns trabalhos nessa área, *né?* E aí eu acho que tendo compreensão entre as pessoas. Para mim é uma coisa interessante. “...” Que vale mais do que a parte escrita.

P: E chegasse a ensinar o alemão pros teus filhos?

I14: Até os dez anos eu só falava alemão com eles. Mas depois, isso assim. A [...] hoje está com 30 e 32. Ela fala um pouquinho, mas em casa ela nunca falou muito com a gente. Ela falava mais o português. O [...] quando era pequeno ele falava alemão, mas quando ele percebia, que ele *tava* falando alemão, aí ele também fazia aquela carinha meio virada e daí já respondia em português. Mas até os dez anos deles, nunca falei em português com eles. Depois dos dez anos, bom se não querem falar com a gente, se um dia precisar, corram atrás, *né?* Então ficar insistindo, se não quer falar, se não quer responder ou se comunicar, *né?* Vai ser problema deles. Tentar eu tentei.

P: E ainda utilizas bastante o alemão?

I14: Além da escola?

P: Isso.

I14: Fora da escola. “...” Sim, no meu dia a dia. “...” Meu dia a dia aqui na comunidade eu utilizo bastante alemão, até porque assim, entre “...” entre nós, vamos dizer assim, colegas que *cresceu* junto desde, desde a infância lá, a gente não fala português, a gente fala só alemão, a não ser que tenha pessoas estranhas

junto, que às vezes *tão* participando da conversa e que não saibam, *né?* Agora mesmo se tiver mais novos junto na roda daqui, sendo daqui da comunidade, a gente não muda para o português. Às vezes um ou outro, *né?* Pode até acontecer. Mas a gente utiliza mais o alemão, no nosso dia a dia.

P: E tu achas que as gerações mais novas ainda *tão* falando bastante alemão?

I14: Não. “...” Hoje, do jeito como a coisa *tá* andando, para mim, o alemão, ele já é visto como uma língua estrangeira. Então, o idioma estrangeiro como, como o inglês hoje ele predomina, *né?* O espanhol tentou “...” se fazer alguma coisa parecida, mas ainda não funcionou. E o alemão? Ele está nesse mesmo caminho. Porque o alemão que a gente tinha essa questão, esse vínculo a partir da casa, isso aos pouquinhos vai terminando, isso, geração após geração, aí acho que mais uma ou duas gerações. E aí só as pessoas de mais idade é que vão saber falar, mas os jovens muito poucos, porque aí, dependendo do interesse deles, para que que eles vão querer. Não adianta eu aprender uma coisa se eu não tenho como usar isso aí, *né?* Então não faz sentido para eles. Eu vejo que vai ser por esse caminho, *né?* Desde que não tenha mais uso, vai deixar de ter serventia, *né?* Vai ter algumas exceções, como teu caso, por exemplo, *né?* Então eu quero aprender mais, *né?* Isso vai acontecer e assim ó, *tô* torcendo para que aconteça bastante, *tá?* Porque uma história muito interessante que a gente não pode simplesmente deixar de lado assim. E hoje, assim, eu vejo com muito bons olhos essa, essa volta, talvez de forma até um pouco mais “...” erudita, essa busca um pouquinho mais. Não dessa forma como a gente trazia lá de casa, *né?* Apesar de, “...” da essência da coisa principal ela estar sendo assim, devagarinho ela vai sendo perdida, *né?* Então os jovens hoje que estão buscando estão correndo atrás ou já tinham ascendência. Eles talvez ainda consigam se aperceber um pouquinho dessa essência que veio a partir de casa do pai, da mãe de repente, do vô, da vô. Então, alguma coisa que marcou a partir dali e que acaba influenciando para eles hoje buscarem. Agora. “...” isso vai ser cada vez menos. Intensidade cada vez menor. Até porque hoje o internetês *tá* predominando também, *né?* Então é muito forte e mesmo dentro do português, isso a gente percebe bastante. E aí, o idioma estrangeiro, eu não sei até que ponto ele vai aguentar o tranco dentro dessa parada, disso aí tudo, *né?* E aí percebo, assim, que o que a gente *tá* conseguindo, assim hoje vislumbrar com mais é que *tá* mais próximo aqui seria, de uma certa forma, um resgate de algumas coisas, de alguns valores, que tem pessoas que não querem que se apaguem. E isso eu acho bem

positivo. Acho bem interessante, *né?* Então, a iniciativa de ter alemão na escola. A gente tem três ex-colônias aqui no município, mas a gente não tem no ensino fundamental. Por que não? Alguém já foi alguma vez atrás disso? Porque assim, não adianta chegar na prefeitura: “Ah, seria interessante”. Mas por que os pais não pedem? Então a questão tem que *tá* lá na raiz, lá no início, não, lá no órgão, no poder público, que depois vai ter que implementar essa, essa política tipo São Pedro faz, talvez em Antônio Carlos lá, não sei se eles fazem já a partir das séries iniciais. Aí sim, você consegue de repente, fazer com que as novas gerações elas sintam alguma coisa a mais por esses valores. Mas do contrário. Assim, “...” trabalhar como um idioma estrangeiro na escola “...” aí vai ser um tanto, um tanto mais complicado, vamos dizer assim, *né?* Vai ter exemplos? Vai. Mas não dessa forma como talvez a gente gostaria que tivesse, *né?* É mais ou menos nesse sentido. Mas a pergunta é original e se a gente utiliza bastante o alemão, eu utilizo bastante.

P: E por que tu achas assim, que cada vez menos o pessoal *tá* utilizando o alemão? Não só as gerações mais novas.

I14: Hoje as mídias são muito *forte*. E é assim, ó. “...” Eu acho que a gente vai ter concorrentes assim, bem na pesada agora, daqui para frente. É “...” porque a partir do momento que eu deixo essa, essa essência um pouquinho de lado, que eu não vejo mais ela como parte de mim. “...” Tanto faz como fez, *né?* “...” E para mim, o que vier é lucro. E hoje, assim, nós temos muito, muitos jovens saindo da, da da escola, *né?* Às vezes, eles não tem um direcionamento, alguma coisa para aquilo que eles querem para eles. A partir do momento que tu *sai* do ensino médio, tu *sai* da escola. “E agora, o que que eu vou ser?” Eu escuto bastante isso, de infelizmente assim de gente do nosso terceiro ano, porque assim a gente na realidade gostaria de escutar “ah, eu vou ser isso, eu quero estudar para ser isso, ou eu vou pelo menos tentar alguma coisa nessa área aqui”. E a gente hoje vê isso acontecer muito pouco. Então, não sei. O jovem hoje ele *tá* bastante interessado. Assim, ó, “se eu ganhar um trocadinho para me manter durante a semana, durante o mês, eu *tô* satisfeito, desde que eu consiga encher o tanque da minha *moto*, *né?* E eu consigo participar de todas as festas que tem na região. Eu estou satisfeito, *né?*” E não sei, mas falta alguma coisa a mais, *né?* Por que a gente não consegue atingir esse mais junto ao jovem? Que tem mais possibilidades ou melhor que a sociedade espera mais dele lá na frente, do que só isso daí. É só essa contribuição que ele vai dar? E aí, nesse sentido, eu vejo também os jovens pais mães hoje, se eles estão nesse

caminho e têm essa visão, por que eles vão atrás do prefeito ou alguém da Secretaria de Educação para tentar implantar um sistema que para eles não faz sentido? Ou está deixando de fazer sentido? Ou porque minha vó disse que lá atrás, na época da Segunda Guerra, pela minha bisavó, eles tiveram muitos problemas? Então tem uma série de coisas que estão inter-relacionadas, *né?* E dentro dessa inter-relação, o que vai prevalecer? “Então deixa mais fácil essa coisa andar como *tá* indo que *tá* bom”, *né?* Se eu não tiver alguma coisa ou não for atingido de forma direta, por que eu vou me envolver, *né?* Então, sempre tem essas coisas aí todas que estão uma *tá* ligada, atrelada a outra, *né?* Nesse sentido, não sei, mas assim poderíamos ter. Por que não temos aqui no município? “...” Escolas onde se “...” já que hoje as escolas municipais, elas estão sendo agrupadas, *né?* “...” Acho que só tem mais duas ou três escolas municipais aí de séries iniciais. As outras pequenas aí dos interiores, aí a maioria foi *fechado*. Acho que já seria uma coisa mais fácil de se trabalhar nesse sentido. Mas tem que ter, tem que partir de algum lugar, *né?* Não vai partir do poder público, *né?* Com certeza não vai, *né?* Até porque para o poder público isso significa investimento. E esse tipo de investimento não é bem visto pelo poder público, porque vai levar uma geração para ter algum resultado prático. Ou quem sabe até mais e isso se chegar a ver, *né?*

Entrevistado: I15 – Otto

Data: 27/01/2024

Transcrição de: 00:01:09 a 00:06:56

P: E tu, além do português, tu falas mais alguma língua?

I15: Não, só alemão e brasileiro.

P: E esse alemão assim tem algum nome?

I15: É alemão, é Hunsrückisch meio “...” Eu acho que é esse.

P: E como que tu aprendesse?

I15: Em casa, o pai e a mãe sempre *fala* alemão né? *Bloß Deutsch spreche*.

P: Foi a primeira língua que aprendesse então?

I15: É. Quando ia na aula mal sabia falar “...” em brasileiro, né. A vó não sabia nada em brasileiro, a mãe do pai. Ela não sabia em brasileiro nada.

P: Aí começasse a aprender o brasileiro quando fosse *pra* escola?

I15: É.

P: E foi difícil assim?

I15: Óia, não foi [risos] não foi muito fácil, não.

P: Aham. “...” E agora, no nosso contexto de águas mornas, aqui tem duas pessoas conversando em alemão e uma terceira que não entende, começa a ouvir a conversa. O que será que ela pensa?

I15: [risos] Óia, não sei o que que pensa. Pensa, o cara tá falando mal às vez da pessoa *né*? Quem não entende *né*.

P: E tu conheces alguma musiquinha e alemão, que aprendesse em casa?

I15: “...” Ah, em alemão música?

P: Aham.

I15: Isso, “...” música não.

P: Já ouviu falar na tradição *Eierkippen*?

I15: Eierkippen?

P: É.

I15: Não.

P: E *Osterwasser*?

I15: *Osterwasser auch net*.

P: É que eu *tava* vendo no site da prefeitura e fala que esses dois nomes aqui são tradições alemãs, que o pessoal ainda faz aqui em Águas Mornas. Só que

eu nunca tinha escutado falar, daí eu tô perguntando, né? Pra ver se realmente alguém conhece né? “...” E já escutasse falar alguma coisa da época que foi proibido falar alemão?

I15: Ah, isso a mãe falava. Ela contou ali, que tinha uma época, não podia nada em alemão. Até eles tinham que esconder os *livro*, tudo que eles tinha em alemão, né? Se os outro vinha, pa não “...” se não “...”

P: O que acontecia daí?

I15: Eu acho que eles *maltratava* daí. A lei era não podia falar em alemão e livro coisa não podia ter né? Isso a mãe contava né? “...” De outra gente eu nunca escutei, mas a mãe sempre contava.

P: E tu achas que aqui em Águas Mornas todo mundo fala um alemão igual?

I15: Não. É diferente. Santa Isabel já é diferente que nem aqui. Loeffelscheidt é outro.

P: E o que que muda assim?

I15: É “...” [risos] não sei “...” as palavra muda, o sotaque muda né.

P: Lembras de alguma palavra assim que é diferente?

I15: Ah, isso só o cara escutando né? Mas o sotaque deles é diferente né? Lá no Loeffelscheidt, a corda aqui é Strick, lá é **Seil**. Eu quando fui *pra* lá nem sabia o que que era isso [risos].

P: E ensinasse o alemão pros teus filho?

I15: Aham.

P: Porquê?

I15: Muitos tinham que pagar *pra* estudar e em casa o cara só falava em alemão, *daí* eles foram aprendendo né?

P: Aham. E tu ainda falas bastante em alemão?

I15: Fala. com a turma ali, “...” uns 90% nós *falemo* só alemão.”...” Do serviço.

P: Então, sempre que tem alguém que fala alemão, o alemão sempre vem primeiro?

I15: Aham.

P: E tu achas que os mais novo do município, eles tão falando bastante alemão ainda?

I15: Óia, é meio pouco né?

P: E por que será que tá diminuindo assim?

I15: Óia, não sei. A maioria, eles casam, um é brasileiro e o outro é alemão daí já perde o “...” falar em alemão né?

P: E tu achas que a prefeitura *podia* fazer alguma coisa *pra* tentar incentivar mais o uso do alemão?

I15: É, isso podia. Ter mais aula “...” de alemão *né? Pros filho, né? “...”* Mas é difícil até eles ensinar o brasileiro imagina o alemão né? [risos]